

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

Dimensões identitárias: uma
abordagem sobre o papel da figura
feminina no cenário da pesca do
bacalhau em Portugal

Rosilda Maria Marques Portas

M
2018



Rosilda Maria Marques Portas

**Dimensões identitárias: uma abordagem sobre o papel da
figura feminina no cenário da pesca do bacalhau em Portugal**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela
Professora Doutora Maria Isabel Correia Dias

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2018

**Dimensões identitárias: uma abordagem
sobre o papel da figura feminina no cenário
da pesca do bacalhau em Portugal**

Rosilda Maria Marques Portas

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela
Professora Doutora Maria Isabel Correia Dias

Membros do Júri

Professor Doutor Carlos Manuel da Silva Gonçalves
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Cristina Pereira da Cunha Mocetão
Universidade Lusíada Norte

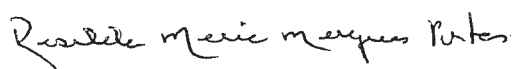
Professora Doutora Maria Isabel Correia Dias
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 16 valores

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e autoplágio constitui um ilícito académico.

Porto, 30 de setembro de 2018



Rosilda Maria Marques Portas

«Tudo posso naquele que me fortalece»

(Filipenses, 4:13)

«Não se nasce mulher, torna-se»

(Simone de Beauvoir, 1949)

À memória de meus pais, Manoel e Cordolina.
Aos meus filhos: André, Renata, Arthur e Nuno.
Aos meus netos: Rafael, Paloma, João Manoel,
Lucas, Alice e Carolina.

Por me terem ensinado o sentido e as emoções
das pequenas grandes coisas da vida

Sumário

Agradecimentos.....	13
Resumo.....	14
Abstract.....	15
Índice de figuras.....	16
Índice de gráficos.....	17
Índice de tabelas.....	18
Introdução.....	19
Capítulo 1 – O tema da pesquisa e a problemática geral do estudo.	
Contextualização das visões plurais do passado e suas diferentes implicações.....	25
1.1 Aspetos históricos e socioeconómicos.....	28
1.2 Bairro dos pescadores.....	30
1.3 Ensino.....	33
1.4 O casamento.....	37
1.5 Sexualidade, conjugalidade e violência.....	39
1.6. O trabalho feminino.....	43
1.7. Religiosidade.....	55
1.8 A Boa Nova.....	60
Capítulo 2 - Metodologia.....	63
2.1 Tipo de pesquisa.....	63
2.2 Levantamento bibliográfico.....	65
2.3 A escolha dos locais.....	66
2.4 Pesquisa no terreno.....	68
2.5 Questionário.....	70
2.6 Entrevista.....	73
Capítulo 3 - Apresentação dos dados.....	75
3.1 Resultados dos inquéritos.....	75
3.2 Análise dos Valores.....	84
3.2.1 Valores essenciais.....	85
3.2.2. Valores sociais.....	90
3.2.3. Valores práticos.....	92
3.2.4 Valores emocionais.....	94
Capítulo 4 - As dimensões identitárias.....	98
Notas conclusivas.....	105
Fontes bibliográficas.....	108
Webgrafia.....	116

ANEXOS	119
Anexo 1 – Inquérito por questionário às mulheres dos pescadores de bacalhau	I
Anexo 2 – Guião de entrevista	VII
Anexo 3 – Grelha de análise categorial	X
Anexo 4 – Transcrição da entrevista número 1	XXIX
Anexo 5 – Transcrição da entrevista número 6	XX
Anexo 6 – Transcrição da entrevista número 2	XXIII
Anexo 7 – Transcrição da entrevista número 5	XXVIII
Anexo 8 – Transcrição da entrevista número 6	XXXIV
Anexo 9 – Transcrição da entrevista número 7	XXXVI
Anexo 10 – Transcrição da entrevista número 8	XXVIII

Agradecimentos

A elaboração deste trabalho de investigação é fruto de diversas vertentes. O conforto e o apoio de tantos que não me deixaram desistir nos momentos mais difíceis e a alegria que comigo partilham nesse momento. A estes a minha gratidão eterna.

Em primeiro lugar, tenho de agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Maria Isabel Dias, pela sua orientação científica, mas também pelo apoio, nos momentos precisos, em que sentimos que as palavras chegaram mesmo na hora certa.

Um obrigado especial ao Carlos Mauro e a José Manuel Simões pelas cartas de incentivo, quando decidi aceitar o desafio de Dulce Magalhães; *«Espero mesmo vê-la por cá de novo para responder com garra a mais um repto: 2.º ciclo de estudos em sociologia!»* Obrigada, professora; espero ter correspondido.

Às pessoas que contribuíram com o seu trabalho e apoio, sem os quais esta investigação se tornaria uma tarefa mais penosa, os meus sinceros agradecimentos: Abel Coentrão, da Asso-ciação Bind'ao Peixe, Aurora Rego, Ivone Magalhães, Nuno Loureiro e Suelda Ferreira.

Não posso deixar de agradecer o apoio dos amigos em geral, e de alguns em particular: Ana Catarina, Ângela, Camila, Fernando, Graça, Ludmila, Manuel Joaquim, Rebeca e Wania, que foram sempre presentes ao longo do trabalho.

Aos meus grupos de incentivo da secretaria da AEFLUP, Clara, Paula e Susana, ao pessoal do bar dos alunos, especialmente à Paula e ao Júlio, e às bibliotecárias Caroline, Laura e Marlene, pela simpatia, delicadeza e carinho.

Nada disto teria sido possível se um dia, quando tinha 5 anos de idade, a professora Dorcas não me tivesse ensinado a ler e a escrever, plantando assim a semente do desejo de descobrir sempre mais. Este agradecimento é extensível a todos os professores que fazem parte da minha vida, mas fica aqui um pensamento de gratidão especial a Ana Maria Pierossi, que acredito estaria hoje muito orgulhosa em ver-me aqui.

Uma enorme gratidão às Mulheres que, apesar do seu desejo expresso de anonimato, tiveram a gentileza de partilharem comigo as suas vivências e conhecimentos. Bem hajam!

Aos familiares que, mesmo dispersos por outros continentes, sempre se fizeram presentes.

A todos cujos nomes estão inscritos no coração, que sempre me encorajaram e me incentivaram a prosseguir e, mesmo nas horas de desânimo e angústia, sempre tiveram uma palavra amiga e demonstraram a sua inteira disponibilidade para me ouvir.

Por fim, ao companheiro da vida com quem partilho os dias e os sonhos, Reinaldo Eduardo Delgado, sem o qual nada disso teria sido possível.

Resumo

Portugal é, reconhecidamente, um país onde a atividade piscatória, notadamente a pesca do bacalhau, exerceu forte influência na vida de seus habitantes. Neste contexto, o lugar e o papel das mulheres nas comunidades piscatórias ainda são relativamente invisíveis. A hipótese a partir da qual esta pesquisa se estabeleceu diz respeito à estruturação das dimensões identitárias das mulheres dos pescadores de bacalhau, no contexto de visibilidade dos diversos ângulos de suas vidas. Abordando essa socialização refinada sobretudo nas décadas de 50 a 70 do século XX, utilizamos como campo de análise diversas comunidades localizadas em zonas distintas do país. O conceito das dimensões identitárias é colocado em foco através de um modelo de análise, com recurso a um desenho misto de inquéritos, que foi aplicado neste trabalho: no primeiro momento houve a aplicação de um questionário composto por um quadro sociotemporal com questões relativas à caracterização sociodemográfica e, posteriormente, através de entrevistas semiestruturadas, foram analisadas diversas dimensões, como valores pessoais, valores práticos, valores sociais e valores emocionais. O objetivo da pesquisa foi explorar o papel da figura feminina nas comunidades piscatórias portuguesas, através dos relatos de mulheres com idades compreendidas entre os 53 e os 90 anos de idade. Estas mulheres apresentam baixo nível de escolaridade, e através do casamento constituíram família ainda muito jovens. Em consequência do longo período de ausência do marido, exerciam diversas atividades laborais que não eram reconhecidas oficialmente como profissões, sendo por isso classificadas como domésticas. As dimensões identitárias das mulheres dos pescadores de bacalhau encontram-se inseridas na estruturação das suas vivências, no cumprimento dos variados papéis que desempenharam enquanto esposas, mães, educadoras e trabalhadoras. Em consonância com o nosso entendimento de que a vida é uma sequência construída com o passar dos anos, é fundamental que saibamos reconhecer esta aprendizagem que as suas memórias nos oferecem.

Palavras-chave: mulheres; identidades; famílias; pesca de bacalhau

Abstract

Portugal is, admittedly, a country where fishing activity, notably cod fishing, exerted a strong influence on the lives of its inhabitants. In this context, the place and role of women in fishing communities is still relatively invisible. The hypothesis from which this research was established concerns the structuring of the identity dimensions of the women of the cod fishers, in the context of visibility of the different angles of their lives. Approaching this socialization mainly refined in the decades of 50 to 70 of the twentieth century, we use as field of analysis several communities located in distinct areas of the country. The concept of identity dimensions is brought into focus through an analysis model using a mixed design surveys that was applied in this work: at first there was the application of a questionnaire composed of questions regarding sociodemographic and subsequently, through semi-structured interviews were analyzed several dimensions such as personal values, practical values, social values and emotional values. The objective of the research was to explore the role of the female figure in Portuguese fishing communities, through the reports of women between the ages of 53 and 90. These women have low levels of education, and through marriage constituted family at a young age. As a consequence of the long period of absence of the husband, they exercised several labor activities that were not officially recognized as professions, being therefore classified as domestic. The identity dimensions of women of cod fishermen are inserted in the structuring of their experiences in fulfilling the various roles they played as wives, mothers, teachers and workers. And in line with our understanding that life is a sequence built over the years; it is fundamental that we recognize this learning that your memories offer us.

Keywords: women; identities; family; cod fishing

Índice de figuras

Figura 1 – Renda de Frioleira.....	37
Figura 2 – Conserveiras.....	45
Figura 3 – Separação do peixe	47
Figura 4 – Pilhas de peixe durante o período de secagem	48
Figura 5 – A seca do bacalhau	50
Figura 6 – Salgadeira.....	51
Figura 7 – Saco para transporte da roupa.....	53
Figura 8 – A espera.....	62
Figura 9 – Representação hipotética de uma cadeia de referências	68
Figura 10 – Mulheres	74

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Número de divórcios por ano.....	42
Gráfico 2 – Número de pescadores por localidade	67
Gráfico 3 – Idade das mulheres ao contrair matrimónio	76
Gráfico 4 – Idade dos homens ao contrair matrimónio	77
Gráfico 5 – Número de mulheres que tiveram gravidez pré-matrimonial.....	78
Gráfico 6 – Meios de comunicação	79
Gráfico 7 – A profissão de pescador e a influência na escolha.....	80
Gráfico 8 – Importância da profissão de pescador	82
Gráfico 9 – Ajudas recebidas.....	83
Gráfico 10 – Solidariedade entre as mulheres.....	84

Índice de tabelas

Tabela 1 – Idade das mulheres	75
Tabela 2 – Distribuição de mulheres por concelhos.....	76
Tabela 3 - Número de filhos por família	77
Tabela 4 – Nível de escolaridade das mulheres.....	78
Tabela 5 – Nível de escolaridade dos homens.....	79
Tabela 6 – Trabalhos realizados pelas mulheres	80
Tabela 7 – Motivos da informação	81
Tabela 8 – Apoios que recebiam	83

Introdução

A pesca do bacalhau foi uma atividade largamente praticada por um grande número de portugueses que, abandonando temporariamente seu lar, aventuravam-se nos mares gelados da Terra Nova e da Gronelândia em busca de meios para sustentar a família. Desse modo, cada qual assumia o seu papel: ao homem, considerado chefe da família, competia a obtenção do dinheiro; e à mulher, a criação e educação dos filhos.

Os papéis sociais eram bem delimitados, marcados por uma estrutura patriarcal ancorada nos ideais, sobretudo, do Estado Novo.

Há dois fatores intrínsecos na sociedade portuguesa no momento em que Portugal vivia debaixo do regime fascista: os homens debatiam-se perante o dilema de obter um meio de subsistência (o mar representava uma saída), e o do receio de serem enviados para a guerra (seis anos, ou no mínimo seis companhias de pesca, representavam a isenção de serem mobilizados para o serviço nas colónias). Assim, os pescadores buscavam na pesca do bacalhau um meio para obter recursos financeiros para uma vida digna, mas também, em determinada época, a livrança do serviço militar que os levaria para o campo de guerra no ultramar.

O regime político durante o Estado Novo, deste modo, agiu de forma “a impor um discurso de domesticidade e docilidade para as mulheres, que deveriam regressar a casa, devolver os postos de trabalho aos homens e dedicar-se ao universo privado e à educação dos filhos, como verdadeiras guardiãs da moral” (Almeida, 2010, p.1).

Uma dos atos executados foi a desativação do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, criado em 1914, quatro anos depois da implantação da República em Portugal, e encerrado em 1947 por resolução do Governo de Oliveira Salazar, com o fundamento de este já não ser mais preciso, «uma vez que o Estado Novo confiava à Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN¹) o encargo de “educar e orientar” as mulheres» (Almeida, 2010, p.1).

Cada sociedade tem os seus preceitos, modelos e hábitos, que variam mediante o grupo de origem ou classe social a que o indivíduo pertence. Costumes, normas e regras são interiorizados durante todo o seu ciclo de vida e, por isso, é fundamental que o indivíduo os reconheça como bons e salutares, que os interiorize e se conforme, apreendendo-os de acordo com a sua perceção, para viver em pleno a sua inclusão social.

¹ OMEN (1936-1974), criada pelo ministro da Educação Nacional para estimular a ação educativa

A história dos pescadores de bacalhau será, portanto, o ponto de partida para a compreensão da vida social e pessoal das esposas, que tinham papel fulcral na gestão financeira, além da responsabilidade moral pela educação dos filhos.

Através das particularidades culturais de cada região, os núcleos familiares e a comunidade, temos presente a noção de que «a socialização é o processo pelo qual uma pessoa internaliza as normas dos grupos em que vive, de modo que surja um eu, único para um dado indivíduo» (Horton, 1981, p. 77).

É na família que acontece a socialização primária que, como o próprio nome indica, é a primeira a fazer-se na vida do indivíduo, deixando marcas que subsistirão pela vida fora. Berger e Luckmann (1991) afirmam que «a socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância e em virtude da qual se torna membro da sociedade» (pp. 75-77).

Portanto, apresentar os acontecimentos vivenciados nas comunidades piscatórias, salientando a importância dada aos longos períodos de ausência do marido, motivada pelas extensas companhas, bem como a estruturação da vida familiar, os impactos determinantes no nível das interações sociais, as experiências e trajetórias de vida e, consequentemente, no nível de participação social, são pontos fundamentais deste trabalho.

Partimos da observação sobre as diferenças de gênero e de pertença de classe social na forma como eram integradas nas comunidades a que cabiam estas “mulheres dos pescadores”, não promovendo uma exaustiva narrativa histórica, mas sim difundindo um testemunho social, onde são denunciados os cúmulos opressivos das sociedades de mentalidade repressiva, vigentes no Estado Novo.

Teve-se em conta que os elementos de cada comunidade não devem fechar-se sobre si próprios, circunscrevendo-se ao grupo de pertença, mas que podem interagir com a sociedade e disponibilizar todo o efetivo cultural e a riqueza de toda a sua vivência, e que, em oposição à afirmação de Castells (2009) de que não são as comunidades que compartilham valores e interesses, «são estruturas sociais contraditórias surgidas de conflitos e negociações entre diversos atores sociais, em mundos opostos» (p.38).

Bourdieu (1990) enuncia o conceito de *habitus* e o expõe como um relevante instrumento explicativo da realidade no contexto de uma sociologia interessada em dissolver as fronteiras entre indivíduo e sociedade.

Os fenómenos de interação gerados nessa conjuntura incluem dinâmicas sociais intrincadas e que serão analisadas com base no estudo desenvolvido por Elias e Scotson

sobre a comunidade de Winston Parva² (1950), realizado numa pequena localidade, delimitada em três bairros, sendo a Zona 1 a área habitacional de classe média, e as zonas 2 e 3 áreas operárias. Os moradores das zonas 2 e 3 eram praticamente idênticos no que diz respeito a rendimento, trabalho, nacionalidade, nível educacional. Todos os indícios usualmente empregados como diferenciais essenciais das ligações de poder apontavam para uma linha divisória entre a zona 1 e as duas zonas operárias, mas não foi encontrada. A divisão estava precisamente entre as zonas 2 e 3, ocorrendo que a sua única dissimilação evidente era o facto de a Zona 2 ser um bairro operário antigo, enquanto a Zona 3 era um bairro recentemente estabelecido (p. 2).

Verificamos aqui uma exemplificação empírica das propriedades gerais das relações de poder dentro de uma comunidade, uma demarcação análoga, resultante da estratificação social existente entre lavradores e trabalhadores marítimos:

Enquanto os lavradores tinham orgulho em afirmar que as mulheres das suas famílias não tinham que trabalhar nos campos, os pescadores tinham orgulho em validar a identidade das mulheres marítimas como trabalhadoras ativas e produtivas, responsáveis pelo bem estar económico da família. (Cole, 1994, p. 59)

A compreensão dessa conotação é validada através de uma investigação ancorada no trabalho de Zygmunt Bauman (2003) cujo centro fundamental é a análise da comunidade, particularmente na fricção contida entre a segurança que oferta aos seus membros e os anseios pela liberdade, pela qual pagam um alto preço.

Comunidade, mudança, representações sociais são alguns dos conceitos que entendemos serem úteis para a compreensão das atitudes e práticas sociais existentes no período em estudo.

A comunidade é uma das concepções de maior importância dentro da Sociologia. A sua importância está relacionada com a dicotomia existente entre comunidade e sociedade, onde o vocábulo comunidade propõe um formato de relacionamento assinalado por elevados graus de intimidade, laços emocionais, compromisso moral e coesão social; e não se trata somente de um vínculo passageiro, pois a coletividade bem edificada é aquela que harmoniza as suas disposições, a sua laboração, as suas políticas e atividades às precisões e competências de todos, com vista a um benefício comum, numa conexão de igualdade.

² Winston Parva – nome fictício de uma cidade da Inglaterra, base para os resultados de uma pesquisa realizada em Norbert Elias e John L. Scotson, publicado com o título de *Os estabelecidos e os Outsiders*

As ligações assinaladas como comunidade têm a sua prossecução no tempo. O espaço também é relevante na caracterização da comunidade, pois esta é restringida e envolve laços de vizinhança espacial, tanto quanto de proximidade emotiva, agentes substanciais para reconhecer a presença de disposições semelhantes no formato como as mulheres exibem as distintas identidades (pessoal, social, política, económica), com as suas vivências, enquanto parte do agregado das famílias de pescadores de bacalhau.

Impõe acentuar que as imagens e os significados que possuímos sobre o mundo que nos cerca são passíveis de mudança, pois todo o trabalho de investigação se inscreve num *continuum* (Campenhoudt e Quivy, 2008). Mudança esta que decorre das relações e ações que desenvolvemos com os elementos que compõem o nosso mundo. E sobre estes vamos construindo representações que nos ajudam a compreender os fatores sociais, que por sua vez nos fazem compreender as ligações presentes entre um determinado grupo social, suas posições e procedimentos uns para com os outros, assim como as práticas e modos de agir dentro da própria comunidade.

Ao utilizarmos o conceito de representações sociais, verificamos ser este um conceito de difícil significação. Assim, Jovchelovitch (1999, p. 68) diz-nos que «uma representação é mero reflexo do mundo exterior na mente, ou uma marca da mente que se reproduz no mundo externo, e Vala (1993, p. 360), citando Jodelet (1990), afirma que uma representação é «uma maneira de interpretar e pensar a nossa realidade», que nos conduz a inferir que uma representação não é necessariamente um saber científico, mas sim um saber associado no dia a dia, com base nas informações que temos, nas emoções que experimentamos, e que «exprime a relação de um sujeito com um objeto, relação que envolve uma atividade de construção, de modelização e de simbolização» (Vala, 1993, p. 357).

Portanto, as representações sociais não se herdaram ou se transmitem, cada indivíduo as constrói na medida em que é ele que constrói a sua realidade e não somente a reproduz. Assim, a representação social que o indivíduo constrói é influenciada pelo contexto social, é simbólica e comporta autonomia e criação individual (Jodelet, 1990, p. 363).

Jodelet (1981-1984) argumenta que o ato da representação ultrapassa as fronteiras entre o externo e o interno, contendo inclusivamente um elemento ativo de construção e reconstrução, ou seja: o próprio sujeito é, concomitantemente, o criador da concepção mental e aquele que a pode, de determinado modo, modificar. Mudança essa decorrente das conexões e ações que fortalecemos no nosso meio, embora estas não aconteçam diariamente. As representações sociais transmutam entre si e afloram renovações, tal como afirma Moscovici: «O senso comum é a configuração de entendimento que concebe o

fundamento das imagens e sentidos, sem o qual nenhuma coletividade pode atuar.» (Moscovici, 2003, p. 48).

Igualmente será de aludir a conexão entre representações e condutas, embora as nossas atitudes aparentem ser guiadas por razões ou fundamentos que dificilmente alcançamos expor. Segundo Vala, mais ou menos conscientemente, comportamo-nos de acordo com as nossas representações, uma vez que as representações nos dão modelos e elementos do contexto em que um comportamento terá lugar, dirigindo os comportamentos para a ação.

Nas investigações feitas sobre as representações sociais, é vulgar encontrarem-se relacionamentos entre os grupos sociais de pertença e as representações que os sujeitos constroem sobre as coisas. Constatase que as representações que o indivíduo constrói são não só influenciadas pelo grupo social ao qual o indivíduo pertence, mas uma vez constituídas e evidenciadas permitem aos outros situar o indivíduo num dado grupo, ou mesmo dentro deste, num subgrupo, ou seja, «(...) se a especificidade da situação de cada grupo social contribui para a especificidade das suas representações, a especificidade das representações contribui, por sua vez, para a diferenciação dos grupos sociais» (Moscovici, citado por Vala, 1993, pp. 367).

O aparente serve ao mundo das pessoas, coisas e práticas, enquanto o mundo privado permanece relacionado à percepção das coisas, impressões, pressentimento, comportamentos, emoções e ideias.

Qualquer que seja o campo de investigação em que se possa testar a ambivalência da identidade, é sempre fundamental distinguir os pólos gêmeos que esta impõe à existência social: a opressão e a libertação (Bauman, 2005, pp. 1-13).

E estas duas expressões, opressão e libertação, encontram-se em várias partes da literatura sobre o estudo da vida desse grupo específico de mulheres, esposas de pescadores, visando a compreensão dos seus distintos significados, que envolve um procedimento adequado sobre a relação entre a vida privada e a vida pública (Elias, 1994, pp. 62-64).

Deste modo, o propósito dessa investigação é fazer emergir um conjunto de reflexões sociológicas sobre o papel da figura feminina e suas dimensões identitárias no cenário da pesca do bacalhau em Portugal durante as décadas de 1950 e 1970. Através das histórias de vida das mulheres, que seriam esposas e/ou filhas, contadas na primeira pessoa, buscamos promover um maior conhecimento, valorização e perpetuação da memória das mesmas.

Nesse propósito, eis algumas interrogações: quem são essas mulheres e que perspectivas de vida possuíam, quais eram os seus sonhos, como viviam e quais os seus meios de

subsistência, como educavam seus filhos, que relações familiares existiam, que trabalho executavam, como ocupavam o tempo livre?

De certa forma, as experiências vivenciadas por elas apresentam regularidades comuns? Existem diferenças de acordo com as localidades onde se inserem? Ou ainda, numa observação mais particularizada nas comunidades de famílias de pescadores com diversas formações e/ou grupos sociais, será possível encontrar identidades comuns?

Procedemos à análise da vida nas comunidades tendo presente que o mundo não pode ser analisado concentrando-se apenas sobre um dos seus aspetos, pois «o livro da natureza é uno e indivisível, incluindo, entre outras coisas, o ambiente, a vida, a sexualidade, a família e as relações sociais» (Bento XVI, 2009, *cit.* Francisco, 2015, p. 10).

A família, enquanto célula basilar da sociedade, apresenta desigualdades, sendo estas muitas vezes refletidas nas mulheres, Reportamo-nos, a esse propósito, às palavras de Mercuri (2013) para demonstrar a importância de não só impedir que as memórias das mulheres do passado caíssem no esquecimento, ou no lugar da maldizente e aviltada palavra, mas também pelo incentivo ao resgate dessas lembranças do passado para que elas servissem à regulação das posturas das mulheres no presente (p. 574).

O presente trabalho será dividido em quatro capítulos, acompanhados pelas considerações finais. O primeiro capítulo incide na identificação do estudo, fundamentação e contextualização teórica-epistemológica. No segundo capítulo, apresentamos o arcabouço metodológico, no terceiro capítulo apresentamos os dados obtidos, através da articulação entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa, e no quarto capítulo evidenciamos como as dimensões identitárias são reveladas através das trajetórias vividas pelos atores sociais no mundo familiar, no mundo do trabalho e pelos condicionamentos derivados pelas condições materiais e sociais existentes.

Ao longo destes capítulos identificamos atores sociais pertencentes a diferentes comunidades piscatórias, patenteando as normalidades transversais e referentes a cada um dos campos em análise, viabilizando dessa forma a identificação de diferentes configurações identitárias.

É esta a premissa apresentada por este trabalho: um olhar sobre as mulheres das comunidades piscatórias de Portugal, expondo algumas reflexões geradas durante a execução deste trabalho e resultante da análise interpretativa que registamos e que recaem na possibilidade de novas explanações.

Capítulo 1 – O tema da pesquisa e a problemática geral do estudo. Contextualização das visões plurais do passado e suas diferentes implicações

*É como se as pessoas buscassem uma outra identidade para si
mesmas, estranho pois todos demonstram uma personalidade forte.
No fundo têm vários eus (Aijalam Wagner)*

A proposta deste estudo, ao lançar um olhar mais atento sobre as mulheres dos pescadores de bacalhau, inclui a pretensão de não apenas registrar a informação obtida, mas sim explicitar o estabelecimento de uma trajetória sociotemporal da participação feminina, enquadrando as potencialidades e desafios desse perfil participativo, não apenas voltado para a melancolia do passado, mas pela valoração dessas informações com o intuito de contribuir para novos modelos de estudo.

Ao refletir sobre os papéis desempenhados pelas mulheres dos pescadores de bacalhau na execução das suas atividades piscatórias, levantamos indagações como:

Quem são essas mulheres? Será que as experiências vivenciadas por elas apresentam regularidades comuns? Existem diferenças de acordo com as localidades onde se inserem? Ou ainda, numa observação mais interessada à comunidade de famílias de pescadores, com diversas formações e/ou grupos sociais, será possível encontrar identidades comuns?

A problematização do presente trabalho encontra-se ancorada em quadros teóricos e empíricos onde encontramos referências ao processo da divisão social do trabalho, como defende Durkheim, onde os indivíduos dependem uns dos outros; mas igualmente em dados relacionados com o interacionismo simbólico que, em oposição às ideias de Durkheim, defende ser o indivíduo o próprio produtor de sua identidade através das interações sociais que desenvolve.

Adotamos como sustentáculo para a reflexão proposta, no âmbito das dimensões identitárias das mulheres de pescadores de bacalhau, as perspectivas de Elias e Scotson (1994), Bourdieu (1989) e Bauman (2003), de modo a procurar compreender as relações entre os indivíduos de algumas comunidades piscatórias de Portugal. Fizemo-lo a partir da utilização de conceitos como *habitus*, identidade, interdependência, comunidade, mudança, classe social, entre outros, que assimilamos serem úteis para o entendimento das atitudes e práticas sociais da época em questão.

Segundo Bourdieu (1989), as sociedades são compostas por campos relativamente autónomos, porque estão subordinados quanto ao seu funcionamento e às suas transformações, de modo mais ou menos firme e mais ou menos direto ao campo de produção económica (*cit* Borges, p. 25).

Na divisão de papéis é particularmente visível na sociedade a existência de áreas onde as mulheres não contemplam os mesmos direitos que esta atribui ao homem. A maior parte dos pobres do mundo são mulheres, a grande maioria dos indivíduos analfabetos são mulheres, a maior carga de trabalho doméstico foi sempre atribuída como função das mulheres e em questões de remuneração as mulheres foram sempre as que auferiram menos. Cabe ainda geralmente às mulheres a responsabilidade da educação infantil, os cuidados com os familiares próximos, todos esses atributos lhes sendo imputados como uma extensão da responsabilidade do lar.

De acordo com Bourdieu (1979):

As estruturas cognitivas que os agentes sociais põem em ação para conhecer praticamente o mundo social são estruturas sociais incorporadas que, por esse facto, inscrevem no corpo as oposições mais vincadas da realidade social: a que passa pela divisão do trabalho e que divide o espaço social em dominantes e dominados e a que, fundada na divisão do trabalho de dominação, põe, no seio da classe dominante, dois princípios de dominação [...] , dominante e dominado, temporal e espiritual, material e intelectual, etc. (*in* Borges Pereira, p.31).

Importante será ressaltar o período em que o estudo está inserido: entre as décadas de 50 e 70 do século passado, espaço temporal marcado pela opressão exercida pelo Estado, que, “além de reprimir os “maus” pobres, prestava uma assistência pontual aos “bons” pobres em situação de aperto, conseguindo-lhes emprego nas obras públicas e “educando-os”, segundo a norma de que mais valia “prevenir do que curar”. Porém, tal intervenção estatal em nada ou muito pouco veio a melhorar as condições precárias de vida destas famílias, ou prevenir a miséria e a doença, dada a inadequação vigente em “curar” ou substituir-se às famílias, o que aliás era referido e assumido pelo próprio regime.

Com base no que foi exposto acima, confirmou-se a indagação de partida: “Quais são as dimensões identitárias femininas dentro deste nicho da sociedade portuguesa?”

Conquanto o presente estudo seja de natureza sociológica, possui na essência um carácter interdisciplinar. Como é reiterado ao tratar-se de ciências sociais, há conjunturas em que assomam incursões em outras áreas das humanidades. Importa-nos especialmente as perspetivações que concorreram com posicionamentos críticos e que assumem os fenómenos relacionados a identidades e originam ponderações sobre o seu carácter processual e suas características gerais.

Moscovici (1990) diz-nos:

Os conteúdos mentais dos indivíduos, seus julgamentos e suas ideias são separados e assumem um caráter externo. Eles aparecem como uma substância ou como forças autónomas que povoam o mundo em que se vive e se atua. Os estados mentais, como observa Meyersaon, não permanecem nos indivíduos, eles projetam-se, tomam forma, tendem a se consolidar, a se tornar objetos; isso corresponde a dar um caráter material às nossas abstrações. (p. 272)

O nosso objeto de estudo é a unidade referencial de observação e análise das mulheres, esposas de pescadores de bacalhau, que constituíram família em diversas localidades e aí permaneceram. Buscamos uma correspondência entre memória e identidades. Segundo Peralta (2008, p. 23), «as comunidades humanas sempre dependeram da memória para assinalar e fortalecer o seu sentimento de pertença a um espaço simbólico e para conferir o seu sentido de continuidade ao longo do tempo».

Tendo como objetivo principal identificar a presença de posições de semelhança na forma como as mulheres contrapõem diversas identidades (pessoal, social, política, económica) com as suas próprias vivências, enquanto parte do agregado das famílias de pescadores de bacalhau, propomos-nos:

- investigar se a ausência do marido teve impactos determinantes no nível das interações sociais, das vivências, das experiências e trajetórias de vida e, consequentemente, no nível de participação social;
- observar as diferenças de género e de pertença de classe social na forma como eram integradas nas comunidades a que pertenciam;
- analisar os discursos das mulheres casadas com pescadores de bacalhau, mas que exerciam atividades diferenciadas, auferindo, portanto, remuneração diferente.

Como refere Geertz (1973), «a cultura, esse documento ativo, é pública» (p. 24). E Peralta (2008) explica:

Conquanto nos textos apareça inúmeras vezes a expressão “populações marítimas” para designar os pescadores – denominação que beneficiaria a união de vários perfis profissionais e as numerosas atividades que assinalavam a faina marítima – na doutrina corporativa portuguesa as pescas inserem uma abordagem autónoma em relação a outros domínios da vida social e económica. A pesca e os pescadores, embora pouco invocados nos textos doutrinários, são objeto de uma visão idílica, feita de retratos lendários da gente do mar e de uma épica desprovida de drama. O que leva a “uma construção feita de retalhos de tempos e de experiencias diversas” (p.173)

E em concordância com os métodos defendidos por Dias (2004), entendemos ser relevante «assumir a classe como elemento discriminante para a explicação dos comportamentos. As estruturas sociais podem ser consideradas cristalizações em modos de organização económica e social» (p. 230).

Desse modo, num exercício de ressignificação, buscamos compreender as fendas dos registos dessas vivências, redimensionar a contribuição dada para a área do conhecimento tendo presente que cada período a seu modo impregnam o sujeito com novas formas de pensar e de agir.

1.1 Aspetos históricos e socioeconómicos

Unir História e Sociologia significa concertar o trânsito “vivencial no tempo com a paragem da vivência no tempo”. Nesse sentido identifica-se reconhecer no ser humano de “aqui e agora” raízes que remontam ao “ali” e ao “ontem”. (Castro, 2012, p. 6).

Este trabalho estabelece um percurso de pesquisa sobre a vivência individual e coletiva das famílias dos pescadores de bacalhau, num contexto temporal relativamente recente, as décadas de 50 e 70 do século XX. Cumpre-nos, neste capítulo, enfocar os aspetos da representação política, social, habitacional, educacional, assim como abordar alguns exemplos sob um viés de complementaridade, que entendemos ser referências importantes nesse contexto, para a promoção de uma maior compreensão do objetivo do trabalho.

A Constituição Portuguesa de 1933 asseverava que cabia ao Estado coordenar, impulsionar e dirigir todas as atividades sociais no sentido de “defender a saúde pública”, assegurar a “defesa da família”, “proteger a maternidade” e “zelar pela melhoria das condições das classes sociais mais desfavorecidas, de modo a assegurar-lhes um nível compatível com a dignidade humana”.

Ao Grémio dos Armadores, por norma Subsecretariado de Estado das Corporações, cabia a responsabilidade pela definição da regulação e a gestão das condições de trabalho, caucionando a dominação total das ligações entre pescadores e armadores.

À Junta Central da Casa dos Pescadores, enquanto associação, competia pôr em prática os ideais sociais do Estado Novo, como a construção de diversos equipamentos de auxílio às comunidades piscatórias, as escolas de pesca, as casas de trabalho, as escolas de mãe e as escolas primárias, e, ainda, acomodações para alojar os postos de puericultura, as creches, os lares dos pescadores e asilos para idosos.

A Junta Central da Casa dos Pescadores, portanto, desempenhava as funções de previdência e assistência (subsídios ou pensões, proteção e auxílio em parto, doença,

incapacidade, velhice e morte, perda material, fome e frio, etc.), de instrução elementar de adultos e crianças, de recreação, “cinema educativo”, e ainda a formação profissional das artes da pesca.

A Casa dos Pescadores e a Junta Central arrogavam um papel totalizador e ambivalente na existência diária das comunidades e no desenvolvimento da atividade piscatória, atuando como um grupo de indivíduos que «podem reter ou monopolizar aquilo que os outros necessitam, como, por exemplo, comida, amor, segurança, conhecimento, etc. Portanto, quanto maior as necessidades desses últimos, maior é a proporção de poder que detêm os primeiros» (Elias, 1994, p. 53).

Entretanto, é somente em 1946 que o Estado Novo passa a atribuir um abono aos filhos das famílias dos pescadores, através de um regime especial gerido depois pela Junta Central das Casas de Pescadores, destinado ao que se entendia ser o principal núcleo do seu edifício corporativo, ou seja, a família, e no seio desta, a maternidade.

Os benefícios/apoios sociais destinados às famílias dos pescadores resumiam-se quase sempre no pagamento do abono dos filhos, que na época em questão rondava os 40\$00, o que constituía sempre uma ajuda, principalmente tratando-se de famílias numerosas. No entanto, era também de certo modo recorrente ouvir-se dizer que estas famílias “utilizavam” os filhos como meio para angariar benefícios.

O amparo à primeira infância constituiu um dado marcante da “obra social” que Henrique Tenreiro³ desenvolveu para o setor das pescas: postos de puericultura, onde eram efetuadas consultas, acompanhamento do desenvolvimento dos bebés (peso, injeções, vacinas, terapêuticas, banhos de limpeza), e o ensino de noções de higiene e de alimentação, suplementadas pelo abastecimento de farinhas e leite. A estes postos acresceram ainda as creches e os jardins-escola (Macedo, 2011, p. 5).

Ainda no campo da saúde, a assistência médica abrangia consultas ao domicílio ou em consultórios, a oferta de medicamentos gratuitos ou a preços reduzidos, tratamentos, pequenas e grandes cirurgias, análises, radiografias, etc. Já as hospitalizações eram realizadas em hospitais civis e misericórdias, assim como em dois “hospitais corporativos”, um localizado em Lisboa e outro em Olhão.

³ Henrique Ernesto Serra dos Santos Tenreiro era à data o dirigente da Junta Central das Casas de Pescadores, onde era delegado do Governo junto dos organismos das pescas.

E diante da escassez de recursos, tendo em conta a necessidade de gerir as finanças, é pressuposto pensar que o grande número de consultas e internamentos verificados na época da chegada dos barcos era um meio que permitia as famílias cuidarem da saúde e ao mesmo tempo estarem presentes no momento em que os maridos regressavam à casa.

Como foi expresso por Labbens (1969):

Um homem pobre não é um homem rico com menos dinheiro; ele é outro homem. As diferenças entre um e outro não se relacionam apenas com o rendimento, também dizem respeito à educação, relações sociais, em suma, a todos os domínios da vida social: ser rico e ser pobre são dois estilos de vida (Perista, Baptista, 2010)

A identidade constrói-se através de pequenas decisões, de novas experiências, na relação com os outros, através de algumas crises e novos investimentos até cada um encontrar o seu lugar neste mundo, por vezes tão complexo.

Não é fácil entender a mecânica da estigmatização sem um exame mais rigoroso do papel desempenhado pela imagem que cada pessoa faz da posição de seu grupo entre outros e, por conseguinte, de seu próprio statu como membro desse grupo (Elias, Scotson, 2000, p. 26).

A procura da identidade leva à procura do reconhecimento social, que pressupõe, por um lado, um lugar para a pessoa no sistema de interações e, por outro, que a própria pessoa sinta esse reconhecimento.

1.2 Bairro dos pescadores

Tal como defendem Jean Rémy e Liliane Voyé (1997), autores que trabalham o campo da sociologia rural e urbana, a habitação possui grande relevância na vida dos indivíduos, a casa é por excelência uma zona de investimento afetivo, sendo o bairro social assimilado como um local de identificação e reconhecimento, robustecido pelas interações e atuações dos indivíduos.

Uma das prioridades do programa político-social vigente no Estado Novo foi a das *acomodações dos pescadores*. Em finais dos anos quarenta, a Junta promoveu um inquérito demográfico a fim de averiguar o número de casas que seriam necessárias para os pescadores. A conclusão apontou para quatro mil fogos que, em teoria, poderiam albergar dezasseis mil pessoas (Garrido, 2008, p. 108).

Embora o plano pretendesse abarcar muitas famílias, na verdade foram edificadas cerca de 2500 habitações destinadas a albergar as famílias mais desamparadas, sob o lema “para cada família um lar”, lembrando ser um forte atrativo o pagamento de rendas baixas; foram erguidas em distintos sítios do país casas populares que compunham os chamados Bairros de Pescadores.

As primeiras rendas foram relativamente baixas, de 40\$00 mensais (...). Nos meses de invernía, nas localidades mais dependentes da “pesca de praia”, muitas famílias havia que não pagavam a renda de casa. Paternal, Henrique Tenreiro quase sempre autorizava que nessas situações se permitisse aos pescadores esperar por melhores dias. Caso falecesse o casal de pescadores, a moradia destinava-se ao filho pescador ou à filha que fizesse prova de matrimónio com outro pescador. Detalhes de uma previdência corporativa frágil, moralista e pouco universal, supõem um controlo social obsessivo e totalizante, assente numa lógica endogâmica e puramente assistencial (Idem, 2008, p. 108).

Muitos destes bairros, senão a totalidade, foram edificados distante dos centros das localidades e longe dos próprios portos de pesca, provavelmente pela complexidade em adquirir um terreno adjacente aos locais de pesca, mas especialmente pelo propósito de “guetização” dos pescadores e suas famílias, encerrando-os nas suas comunidades, impedindo ao máximo o contacto com os “de terra” e a sua viável dispersão.

A exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar. (Elias, Scotson, 1994, p. 22).

É forçoso compreender o espaço como uma trama social:

Ninguém queria vir para o Bairro dos Pescadores, diziam que ficava longe do centro da vila. Eu fui logo das primeiras porque a casa onde estava era muito húmida e estas tinham melhores condições. Apenas tive de dar o nome e dizer que estava interessada. No entanto, ficaram muitas casas por ocupar... mas não demorou muito tempo a ficarem todas ocupadas (Loureiro, 2008, p. 66).

Através da observação das ações quotidianas praticadas por Elias e Scotson, podemos reconhecer a existência dos desvios nos equilíbrios de poder em Winston Parva. Nesta coletividade, a exclusão estava constantemente associada ao quotidiano, ocorrendo de várias formas: o afastamento ou restrição dos *outsiders* das atividades mais quotidianas de lazer, tais como ir à igreja, ao cinema, a sua participação nas associações comunitárias,

frequentar o bar... semelhanças que existiam nos bairros onde passaram a viver as “famílias dos pescadores” (Gomes de Medeiros, 2007, p. 177).

Sobrevindas no fluxo da civilização, o controlo mais intrincado do comportamento singular passou a ser cada vez mais alojado no indivíduo desde os primeiros anos, como um tipo de prática à qual ele não lograria opor-se. O ânimo basilar para essa conduta escrupulosa resultava duma preponderância subtilmente aplicada com vista a criar «uma muralha de medos profundamente arraigados, mas precisamente porque operava cegamente e pelo hábito produzia indiretamente colisões com a realidade» (Elias, 1997, p. 118).

Lá no norte (da Costa), numa barraca de junco, dormiam «deitados no chão, numa esteira, e quem se descuidasse acabava a dormir em cima do barro». Frio, é melhor nem falar nisso. (Coelho, 2009)

No ano de 1949 foram inaugurados os bairros dos pescadores de Olhão, com 120 casas, e o da Fuzeta, com 30 habitações. Esses números ficaram muito aquém do necessário; por consequência, um grande número de famílias continuou a viver em tugúrios ou barracas. O valor estabelecido para essas casas com um piso era de 80\$00 e com dois pisos 105\$00. Tais valores continuavam a ser proibitivos para muitas famílias, o que contribuiu para que as mais privilegiadas tivessem acesso às habitações.

Num ambiente relativamente estável, o código de conduta mais sofisticado e o maior grau de autocontrolo costumam associar-se a um grau mais elevado de disciplina, circunspecção, previdência e coesão grupal. Isso oferece recompensas sob a forma de statu e poder para contrabalançar a frustração das limitações impostas e da relativa perda de espontaneidade (Elias, Scotson, 1994, p. 171).

A imprensa é uma ferramenta relevante para acesso e divulgação de informações, que concorrem de forma substancial para o entendimento do tempo, da coletividade e dos indivíduos, além de possibilitar o fácil acesso a estratos mais ampliados da população na transmissão de notícias que se consideram de interesse, que em muitas situações são ancoradas na intenção de vender e disseminar um modo de pensar.

As inaugurações de bairros de pescadores foram utilizadas como instrumentos de divulgação de poder. A mais veemente festa de inauguração foi a que decorreu na Afurada, em 1952. Com a voz tomada pela emoção, o apresentador da fita que Tenreiro determi-

nara realizar para compor e difundir o evento salientou que o cortejo náutico fluvial com que a festa culminou era

um dos maiores e mais vistosos que se têm realizado no nosso País. Embandeiradas, desfilaram na foz do Douro mais de duzentas traineiras. À cabeça do cortejo de pretensões épicas, avistado por uma multidão popular apinhada nas margens do Douro, seguia uma “vedeta” da Marinha com o chefe do Estado, general Craveiro Lopes, a bordo (Garrido, 2008, p. 110).

Desconsiderando a realidade, a publicidade do período jacta-se com a “obra dos lares” de pescadores de forma que se ajuíze que toda a gente do mar gozasse desses benefícios, e não mais houvesse pessoas residindo em palheiros de madeira e em barracas cobertas de colmo.

Como descreve Malpique (1998):

Na Afurada de Cima à semelhança de outras localidades, as condições das habitações eram degradantes, construções de má qualidade aliada a grande densidade populacional, a ausência de iluminação elétrica e de instalações sanitárias contribuía para o estigma de serem conhecidos como os moradores “da terra do balde”; por fazerem os despejos no rio, o que, embora em menor escala, ainda persiste nos dias de hoje. O bairro foi edificado em 1947, na parte superior da escarpa, lugar das Chãs, causador de forte objeção da população piscatória, que não concordava que as casas estivessem tão longe do rio e dos apetrechos de pesca (pp.133-135).

Nessa visão da habitação como âmag da ação simbólica ergueu-se a noção de inserção social ou de integração social, segundo Bourdieu (2003), na medida em que, para simbolizar ou atribuir significados às coisas torna-se fundamental a comunicação, a relação com outros e o consenso sobre o sentido do mundo social (Furtado, 2017, p. 17).

1.3 Ensino

A época em que nos situamos para o trabalho foi marcada pela baixa literacia da população em geral. A escola e a alfabetização eram vistas como um eficiente recurso de dominação social, um instrumento de veiculação e inculcação ideológica ao serviço do Estado.

Quando se levantasse a questão “Ensinar o povo a ler? Para ler o quê?”, a resposta seria “aquilo que o Estado o permita e o que ao Estado convenha”, o que cumpria um duplo objetivo: o de impedir que a população pudesse tomar contacto com as doutrinas políticas

inconciliáveis com o novo regime; e o de formar o carácter e o espírito das crianças e jovens conforme a ideologia do Estado Novo (Grilo, 2015).

É conhecida a existência de uma relação entre a classe social das famílias e as suas representações de escola; os pais advindos das classes mais baixas apresentam representações tradicionais da escola, esperando que a escola garantisse aos filhos uma condição profissional melhor do que a que eles tiveram, embora possuíssem interiorizadas a imagem da escola (da época), como sendo um sistema fechado, centralizado, não participável e com regras rígidas.

Elias identifica «o padrão de hábitos e comportamento a que a sociedade da época procurou acostumar o indivíduo» (Elias, 1994, p. 95). Os filhos de pescador encetavam cedo o aprendizado das artes de pesca: na escola primária, crianças entre os seis e os dez anos aprendiam a elaboração e a reparação de redes de pesca; a par dessa, existiam as chamadas escolas rudimentares, que preparavam as crianças entre os dez e os catorze anos para a profissão de pescador, de modo a capacitá-los a embarcarem como moços pescadores.

Em relação às crianças do sexo feminino, estas tinham acesso à escola, onde, além das letras e dos números, eram condicionadas ao aprendizado de tarefas domésticas, noções rudimentares de cozinha, corte e costura, cuidados com a subsistência de uma casa, bases de puericultura.

São patentes, nas zonas piscatórias, para além de uma diferenciação no modelo e programa do ensino, que quase impedia a mobilidade profissional no género masculino, também uma diferenciação de género, uma preparação da criança, da jovem mulher, para a assunção de uma vida na íntegra dedicada ao futuro marido pescador (Freire Bolé, 2005, p. 46).

Amoldar a transformação de comportamento, por uma questão social, onde a mudança ocorre porque «a estrutura alterada da nova classe expõe cada indivíduo [...] às pressões dos demais e do controlo social» (Elias, 1994, p. 91).

Nos tempos da infância, não andaram na escola. Porque, porque não eram obrigadas a ir, o que deu origem a que: «nestas comunidades as mulheres nascidas entre 1938 e 1958 são maioritariamente analfabetas» (Magalhães, 2013, p. 49).

Em virtude de a maior parte dos membros da sociedade estar envolvida em ocupações similares, eles estão unidos em torno de uma experiência comum e de crenças partilhadas. A força destas últimas é de natureza repressiva – a comunidade castiga prontamente quem quer que ponha em causa os modos de vida convencionais. Desta forma resta pouco espaço para dissidências individuais.

A solidariedade mecânica baseia-se, por conseguinte, no consenso e na similaridade das crenças (Durkheim, *cit.* Giddens, 2008, p. 9).

Os regimes ditatoriais da época em Portugal, Espanha e Itália julgavam homens e mulheres fundamentalmente desiguais. Tal concepção refletia-se nas responsabilidades, ocupações e papéis a que tinham acesso, sendo que a própria constituição de 1933 (artigo 5.º) salientava, quanto à mulher, «as diferenças resultantes de sua natureza e do bem da família» (Couto, 2005)

As escolas foram criadas para satisfazer as necessidades da comunidade. Uma vivência comunitária implica uma diversidade de modelos e estruturas, uma oferta de educação desigual de acordo com cada local. A longanimidade dos pais ambiciona o melhor para os filhos; mesmo que não tenham o mesmo entendimento da escola, vários obstáculos impedem o envolvimento parental, as limitações do capital cultural, os conflitos entre as funções da família e as funções da escola:

Eu fui à escola, que ainda tinha pai nessa altura, e cheguei à terceira classe. E quando fui para fazer a prova rural naquela altura... (risos) a Senhora Professora deu-nos um problema com duas divisões, uma de multiplicar e outra de dividir, e eu não fui capaz de o fazer. Como não fui capaz faltei a escola. Vim para casa almoçar, e na hora de voltar à escola tornei a ir mas não entrei na escola. À tarde houve um recado da professora para a minha mãe, que eu não tinha ido a escola. Minha mãe disse “foi, que ela chegou agora”. – Não foi, a Ana faltou. A minha mãe deu-me uma grande carga de pancada e disse assim: — Olha, ela não foi à escola, também não vai mais, ela vai estudar nos meus livros. Desde aquele dia nunca mais eu fui à escola!» (Cunha, 2016).

O panorama do ensino escolar em Portugal era extremamente redutor. Somente em 1956 Leite Pinto⁴ conseguiu alargar o mesmo para quatro anos para os indivíduos do sexo masculino, e apenas em 1960 se estendeu às meninas. Existia uma multiplicidade de razões que dificultavam o esforço de alfabetização, destacando-se a questão económica. As famílias continuavam a não possuir condições para suportar a educação dos filhos e para renunciar a mais-valia económica decorrente do trabalho infantil, e o Estado pouco ou nada investia no ensino. «Neste contexto, lamentava Leite Pinto a frase rançosa e vergonhosa de que o Tesouro não pode dar prioridade às despesas com a educação» (Leite Alves, 2013, p.197).

⁴ Francisco de Paula Leite Pinto foi ministro da Educação Nacional (1955-1961) e deputado à Assembleia Nacional (1938-1942).

Bourdieu e Passeron (1975) possibilitam-nos entender a escola e suas relações sociais, na sua função ideológica, política e legitimadora, como um sistema arbitrário de dominação e de mascaramento da realidade social que, ao invés de transformar a sociedade, ratifica e reproduz as desigualdades.

A baixa literacia não era impedimento para o desenvolvimento dos vários trabalhos que as mulheres executavam; todavia, a mágoa aparece quando falam das cartas, o meio mais comum de comunicação entre os casais.

Quanta vez à noite me sentava na cama, com a carta para lhe escrever, e ficava com a caneta na cama a dormir... depois recomeçava... Comunicávamos muito por carta, era. E depois ele dizia-me: – Tu, mulher, cada palavra é um erro! E eu dizia-lhe: – Mas tu compreendes, não é? (Rego, 2017, p. 200).

Dantes as pessoas não mandavam as filhas estudar porque achavam que elas não precisavam disso. Mas eu acho que as filhas devem ser educadas como os filhos. Eu sou analfabeta, mas sei que o saber não pesa, que a educação tem valor, que os faz sair da nossa ignorância. (Cole, 1994, p.123).

Na cadeira de Trabalhos Manuais e Lavoros Femininos, o objetivo era fazer ver aos alunos a serventia e o mérito dos trabalhos manuais. Na aula de Lavoros, buscava fazer-se da aprendizagem a mãe de família de amanhã dentro do lar, pelas virtudes domésticas que constituem o pedestal da sua verdadeira natureza; fora dele, pelas virtudes sociais que a impõem à consideração e respeito do homem: a dignidade própria, o amor da família, a caridade, a abnegação, a honestidade, a prudência, a firmeza do carácter (Sampaio, cit. Guerreiro, 179).

Os Lavoros femininos compreendiam todas as labutas domésticas, «como varrer, limpar o pó, fazer arrumações, cuidar das plantas e das flores, o asseio, a higiene e o cuidado com os irmãos mais novos». A finalidade desta disciplina era desenvolver na mente das meninas o gosto por tudo o que diz respeito ao trabalho doméstico e aos trabalhos próprios do sexo (Sampaio, 1976, p. 43). Na aula de Lavoros, mais do que transmitir técnicas necessárias ao trabalho do lar, importava modelar uma mulher imbuída dos valores tradicionais.

As mulheres do mar, que pertenciam às famílias de armadores ou capitães de navio, aprendiam nas “freiras” e faziam rendas, como a da imagem: “frioleira”, uma técnica com alfinetes (diferente da renda de bilros).

Figura 1 – Renda de Frioleira



Fonte: Acervo pessoal de Ivone Magalhães

1.4 O casamento

Ao homem, o casamento outorga precisamente a síntese feliz, em seu ofício, em sua vida política, ele conhece o progresso, a mudança, experimenta dispersão através do tempo e do universo, e quando se cansa desse vagabundear, funda um lar, fixa-se, âncora no mundo, já à noite retorna a casa onde a mulher cuida dos móveis e dos filhos, do passado que ela armazena (Beauvoir, 1967, p.169).

O casamento realizava-se entre dois entes, por assim dizer, contraditos: um que dominava, que era mais forte, que determinava, que possuía a última palavra, que impunha as regras de funcionamento da vida e da casa; outra que era submetida, mais frágil, obediente, incumbida de concordar com as normas e a resignar-se ao comando da casa.

As posições conhecidas na família de origem retomam uma nova situação para se manifestar ao estabelecer uma ligação conjugal, ao conceber um contexto de semelhança por parte do casal. Corrobora-se, assim, o entendimento «de que a escolha conjugal não se faz ao mero acaso, mas a partir de elementos inconscientes dos dois parceiros que compartilham sentimentos originados a partir do amor infantil e das primeiras relações com os seus genitores» (Costa, Katz, 1992; Eiguer, 1985).

Normalmente os casamentos realizavam-se entre pessoas da mesma terra, em relação ao lado feminino. O facto de os homens exercerem uma profissão era uma condição a mais que pesava na decisão da escolha: «andar no mar era o principal fator económico de remuneração (...). Uma mobilidade e incerteza que condicionam estruturalmente a vida

das populações marítimas, mas na qual reside também o seu principal atrativo» (Magalhães, 2008, p. 522).

Segundo Amorim (2001), neste sentido considerava-se que

As soldadas fixas e as percentagens sobre a pesca realizada haviam de representar um capital capaz de acudir ao sustento da casa e de ser também o necessário para evitar que a mulher e os filhos menores fossem obrigados a, diariamente, abandonarem o lar, para angariar o complemento que era indispensável para promover à modesta manutenção, sem dívidas, da família que haviam constituído. Bem presente se teve sempre a ideia de que o ambiente próprio à mulher era o da casa, que a esta deveria ela ser reconduzida, para acudir atentamente às não poucas canseiras que ali a esperavam continuamente, e assim poder exercer a sua benéfica ação de esposa, de mãe e de educadora (pp. 661/62).

Um facto observado em todas as localidades que visitamos encontra-se bem explicitado por Magalhães (2013):

O casamento entre lavradores e pescadores era socialmente mal visto, quase proibido. Numa época em que se casava em função de fortunas e riquezas, contava muito o estatuto social, considerando o Lavrador sempre de maior estatuto, mesmo quando o pescador era o proprietário de um barco e independentemente da dimensão do barco e número de pescadores que tinha a seu encargo (Magalhães, 2013, p.46).

Elsa Peralta (2008) cita a entrevista feita a Maria Júlia Labrincha, nascida em Ílhavo, filha de uma família de lavradores da Gafanha: “Quando o meu marido começou a namorar comigo, chegaram-lhe a dizer se ele não tinha vergonha de namorar com uma gafanhoeira, e no entanto eu era colega de muitas aqui de Ílhavo [...]. Nós nas Gafanhas éramos consideradas umas pategas, umas saloias, das aldeias. Elas aqui de Ílhavo eram as da Vila» (p. 290).

É importante evidenciar que «a narrativa não é uma imagem icónica ou um espelho da realidade, mas uma forma poética, expressiva, através da qual é reconstruída ou reconstituída a experiência que a origina» (Schwandt, 1994, p. 129).

Um episódio comum à grande maioria das famílias dos pescadores é o facto de no princípio da vida o jovem casal ter ficado a viver no mesmo teto da sogra. Como era costume os filhos entregarem o ordenado às mães, isso acabava por ser motivo de muitas desavenças

Do bacalhau não vi um tostão, pois estávamos com a sogra e ela é quem governava. Outra senhora é que teve pena de mim e nos alugou uma casinha pequena aqui. Namorámos três ou quatro anos. Quem o foi esperar ao cais para agarrar o dinheiro e pô-lo no seio foi a minha sogra (Rego, 2017, p. 33).

Tal como afirmam Demaxiére e Dubar (1997), não são os factos, mas sim as palavras que «exprimem o que o sujeito vive ou viveu, o seu ponto de vista sobre o mundo, que é o seu mundo e que ele define à sua maneira, ao mesmo tempo que o aprecia e tenta convencer o seu interlocutor da sua validade». Mundo que não descobrem por si mesmos, já que a palavra não é imediatamente transparente, mas constitui uma construção dialógica complexa (p. 7).

A mulher que aparece na imagem mobiliza-se em torno do lar e da família. A acrescentar à lista original de afazeres (cuidar dos filhos, da casa, tratar da limpeza, cozinhar) está bem assente a forma de relacionamento com o seu homem. Ela cuidaria de tudo, seria poupada e a ele caberia prover o sustento da família, cresceu com a convicção de que a última palavra seria invariavelmente a do marido.

1.5 Sexualidade, conjugalidade e violência

A relação familiar é resultado de um conjunto multifacetado, marcado por inúmeros contornos conflituais, onde as “instâncias de socialização” exercem forte coação na construção de uma identidade feminina. Instadas desde a infância, onde ocorre a socialização primária, são repassados nas meninas normas e valores concernentes à condição da mulher, para que se moldem no quadro que o senso comum define como a imagem da “boa esposa”.

Sabedora de antemão do quanto seria melindroso abordar diretamente algumas questões muito pessoais, tais como a violência doméstica, a afetividade e mesmo a vida sexual das mulheres, optamos por não abordar o assunto diretamente. Na análise dos questionários obtivemos dados que posteriormente possibilitaram inserir o assunto no momento das entrevistas. Embora continuasse a existir um certo distanciamento e mesmo algum pudor, esteve sempre presente o facto da falta de proximidade e de que, para pessoas de idade já avançada, certos assuntos são tabus.

Procurando criar algum grau de proximidade e de confiança, sempre que surgia a oportunidade abordávamos os assuntos em questão, sempre com extremo cuidado, e

fomos ouvindo referências que possibilitaram vislumbrar alguns aspetos da intimidade dessas famílias. De acordo com Dias (2017):

Enquanto objeto de análise científica, a violência doméstica possui características únicas. Para além de constituir um tema sensível, a sua natureza privada e íntima torna difícil a sua investigação (Weis, 1989, p.138; Dias, 2017, *cit.* Teixeira Fernandes, 1994). Não é de estranhar, por isso, que seja um objecto saturado de problemas metodológicos (...). Esta questão torna-se ainda mais pertinente, se se atentar que a maior parte da informação recolhida é retrospectiva e que nem sempre os sujeitos conseguem lembrar com detalhe todos os factos e emoções presentes nas situações de violência. É comum os incidentes menores serem esquecidos ou redefinidos e os mais graves serem suavizados, sobretudo quando ainda existe uma ligação afetiva com o agressor. Também é frequentes os indivíduos tentarem dar de si uma imagem em conformidade com a normalidade social (p. 20).

No período em estudo, pouquíssimos eram os esclarecimentos dados a respeito da sexualidade. As mães não abordavam o assunto com as filhas, que cresciam sabendo pouco ou nada sobre a relação que poderia ocorrer entre o homem mulher. Na generalidade os jovens namoravam pouco tempo, e conquanto as pesquisas ostentem um elevado número de casos de gravidez pré-nupcial, era comum aos homens iniciarem a vida sexual recorrendo a prostitutas. Bourdieu (2003) esclarece:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido, tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se esperam que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser (p. 82).

Fruto do processo de individualização na vida familiar em marcha a partir de meados do século XIX, a família contemporânea passou a desempenhar um papel fundamental no processo de construção da identidade dos seus elementos (Dubar, 1991 *cit.* Singly, 2009).

A dupla moral sexual, forte propensão na época, relativizava a infidelidade masculina, ancorada em conceito de temperamento poligâmico como se este fosse um fator biológico que, fazendo parte da natureza do homem, deveria ser aceite com naturalidade.

Imagine como é que um homem se sente quando, passados muitos dias de mar, vai a terra e dá com um rosto feminino. Os homens ficavam tolinhos. Ficávamos muito tempo no mar, quando a gente ia para a terra (Terra Nova ou Gronelândia) era sempre uma festa: era normal os homens irem à procura de prostitutas, homens solteiros e casados enchiam os bares. Muitos viviam ou alugavam quartos, era comum passar o tempo em encontros sexuais (Aveiro, 2017).

A falta que tínhamos é de estarmos tão sozinhos, ter o sacrifício do sexo, fiz muitas viagens em que poucas vezes fui a terra, traí sim, era a sina dos embarcados... Mas a minha mulher (que Deus a tenha) foi-me sempre fiel... (Galvão, 2015, p. 24).

Embora não fosse tema de conversa recorrente, era de conhecimento geral o costume praticado pelo povo inuit (esquimós) de emprestar a esposa como prova de acolhimento. “As mulheres têm o costume de oferecer sexo a visitantes estrangeiros, não considerando o ato como um crime ou delito» (Gomes, 1989, cit. Oliveira, 2007, p. 617).

À mulher caberia reconquistar o marido sem melindres ou cenas de desconfiança, suportar com paciência, concedendo ao marido o perdão incondicional mesmo que tivesse conhecimento dos erros cometidos fora de casa.

A violência de género manifesta-se através de procedimentos irreflexivos adotados históricos e socialmente. Bourdieu (1989, pp. 6-16) define o poder simbólico:

Como este poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. A reiteração é aqui compreendida como um dado intrínseco ao indivíduo. A aprendizagem acontece por meio dos exemplos, e a sociedade, naturalizando comportamentos, legitima essa concepção através das repetições.

As carências afetivas levam a dependências quase sempre nocivas, os afetos ou a falta deles tendem a aumentar a conflitualidade que por si só ajudam a dar a conhecer um pouco do que é a vida dessas mulheres. Sempre que os mitos atuam nas sociedades, eles detêm um custo representativo que interioriza alguma configuração de agressão física, e a conveniente ideia de submissão contém condutas falseadas por esta atividade.

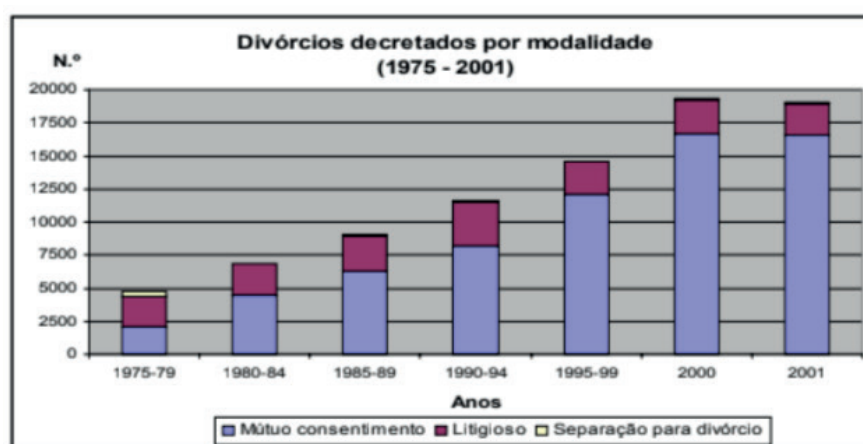
A maioria das mulheres considera a violação como algo que acontece sobretudo entre estranhos. Elas partilham a representação, cultural e legal, comum de que não existe violação entre marido e mulher. Por muito violenta e desagradável que tenha sido a experiência sexual com o marido, muitas mulheres resistem em chamar-lhe violação (Finkelhor e Ylo, 1983, cit. Dias, 2010, p. 120).

O que diferencia as relações conjugais no âmbito da sexualidade, nos casamentos/unões onde o elemento masculino está ausente durante um largo espaço de tempo, «mulheres que vivem em via de mão dupla, a dividir uma vida conjugal com seu parceiro, mas mantendo-a à distância, comportam-se de maneira a evitar que haja motivos para que o marido que está no exterior dê fim ao relacionamento conjugal» (Machado Pais, 2007).

As mulheres conheciam as fronteiras da sua sexualidade, embora fosse comum falarem de forma sem reservas, fazendo gestos e insinuações. Por outro lado, procuravam ser discretas, inclusive no modo de vestir, «usando saias escuras, xailes pesados, saias e meias de lã, e lenços na cabeça» (Cole, 1994, p.101).

Em 15 de fevereiro de 1975, houve uma revisão da Concordata, tornando possível o divórcio para os casamentos celebrados pela Igreja, o que não ocorria desde 1940, o que pode explicar o rácio de divórcios em 1960 de 1,1 em cada 100 casamentos. Entretanto, as alterações de costumes não ocorrem em simultâneo com as alterações da lei, e dentre as 70 mulheres inquiridas, quer por meio de questionário, quer em entrevistas, somente uma assumiu ter-se divorciado legalmente:

Gráfico 1 - Número de divórcios por ano



Fonte: INE 2002

Na análise retrospectiva à divorcialidade em Portugal, observa-se que na década de 70, entre 1975 e 1979, a média de divórcios por ano situava-se nos 4794 casos. Por modalidade, neste período, os divórcios litigiosos eram maioritários (48%) seguindo-se os por mútuo consentimento (44%) e no final, mas ainda com alguma expressão, a conversão de separação em divórcio (8%) (INE, 2002).

Excedidos todos estes anos, as explicações obtidas, não obstante o risco de uma catalogação rígida, assinala uma realidade repleta de problemas, em muitos casos fruto de um

crescimento desestruturado, sendo os homens familiarizados desde cedo com o mundo da violência doméstica e incapazes de aprender com os erros cometidos.

1.6. O trabalho feminino

O trabalho da mulher casada e geralmente até o da mulher solteira, integrada na família e sem a responsabilidade da mesma, não deve ser fomentado: nunca houve nenhuma dona de casa que não tivesse imenso que fazer. (António de Oliveira Salazar).

Elias (1998) defende a noção de que os indivíduos estão atados a sentimentos de identidade em unidades de sobrevivência específicas e patenteiam uma enorme inclinação para projetar nelas parte de suas autoestimas (p. 15).

Uma grande fração da população feminina exercia o que designamos por “dupla jornada”, ou seja, além do desempenho e os cuidados que a família e a casa exigem, as mulheres também executavam outras atividades que lhes permitiam contribuir para o orçamento doméstico. Alguns trabalhos, como a costura ou a confeção de doces, possibilitava-lhes trabalhar e cuidar da família e ainda preservar a reputação, uma vez que trabalhar fora não era algo bem visto em determinados meios, ainda mais se o marido desempenhasse uma função de destaque, como a de capitão do barco.

Neste sentido, podemos aplicar o estudo de Ivone Baptista Magalhães (arqueóloga subaquática e especialista em etnografia marítima), e seu irmão João Paulo Baptista, investigador de cultura marítima, que elaboraram um inventário das profissões no território atlântico, compreendido entre os rios Minho e Douro, com cerca de 60 km de extensão, onde encontramos o quadro referente ao trabalho exercido no recôndito do lar:

Rendilheira de Bilros – Renda de influência bretã, exclusiva das comunidades piscatórias de alto-mar, como as bacalhoeiras, extinguiu-se em Viana do Castelo, na década de 1960, e, atualmente, só existe em Vila do Conde.

Rendilheira de Agulhas – Trabalhos de agulha em tricot, crochet, meia e malha. Presente em todo o território, com especial importância na Póvoa de Varzim.

Doçaria – Vária, considerada de origem conventual e fruto da educação que as freiras davam às meninas órfãs dos pescadores. Presente ainda em Caminha, Viana do castelo, Fão (Esposende), Vila do conde, Cantareira (Porto), Afurada (Vila Nova de Gaia) (Magalhães e Baptista, 2008, p. 528).

No entanto, a grande maioria das mulheres debatia-se com a falta de recursos, pois os gastos efetuados antes do embarque dos pescadores já hipotecava uma parte do salário a

receber, e o provento final também estava associado à quantidade de peixe pescado – e nem todos obtinham bons resultados.

Estas mulheres procuravam então outras atividades, como os serviços de limpeza, a lavagem de roupas e a venda de peixe, de modo a permitir alguma autonomia, e a

proliferação quase incontrolada de fábricas nas zonas rurais, devido a uma combinação de fatores que incluíam os recursos económicos e humanos ligados a Guerra Colonial (...), as fábricas de confeção, transformação e conserva de alimentos, que empregavam principalmente mão-de-obra feminina, procuravam ativamente as populações rurais, que lhes permitiam conseguir uma força de trabalho mal remunerada (Cole, 1994, p. 144).

A preeminência da mão-de-obra feminina estava presente e fazia-se sentir em quase todos os setores da produção fabril. De todo o processamento de conserva do peixe (13 processos) somente a cravação estava a cargo de homens, tudo o resto pertencia à mulher-operária executar.

Muitas mulheres começavam a trabalhar nas fábricas aos 14 anos e, uma vez que o trabalho não estava regulamentado, as trabalhadoras eram convocadas através de um apito de sirene a qualquer hora do dia e da noite, dependendo da chegada do peixe. O corrupio sempre que se ouvia ecoar a sirene era muito; as mulheres corriam para as fábricas para não lhes serem descontadas as horas e terem trabalho para a jornada inteira:

Semelhante ao que ocorria nas diversas localidades, esta descrição do trabalho em Setúbal apresenta um retrato ainda hoje presente na memória:

Alguns, poucos, lembram-se, ainda do “moço da bicicleta” andar pelas ruas de Setúbal a avisar que os barcos tinham chegado carregados de peixe, forma de chamar mulheres para o trabalho nas fábricas de conserva.

O tempo era de prosperidade da indústria conserveira – e Setúbal expoente dessa alavanca da economia portuguesa –, mas de miséria para os trabalhadores, na maioria mulheres, que, nas fábricas, se ocupavam de quase todas as tarefas. Elas salmonavam e lavavam o peixe, faziam o engrelhamento, descabeçamento, enlatavam, encaixotavam. Não raro, trabalhavam 16 e 17 horas por dia. De segunda-feira a domingo.

A exploração da mão de obra passava também pelas crianças. Começavam a trabalhar com 8 e 9 anos. Eram usadas principalmente na preparação da lata para os soldados e na limpeza da mesma.

Aos homens, nas fábricas de conserva, eram destinadas, normalmente, outras tarefas. Entre eles, contavam-se os que se encarregavam da feitura e do fecho das latas. Eram os soldados, que constituíam as classes mais politizadas, organizadas e reivindicativas do sector (Memória, 2006).

Figura 2 - Conserveiras



Fotos: Conservas Nero

As famílias geralmente eram numerosas, sendo grande o número de filhos de tenra idade, e, sem que houvesse quem deles se encarregasse, muitas trabalhadoras levavam-nos consigo. Nas fábricas existia por vezes uma pequena divisão, onde eram deixados, e em determinados momentos alguém que por ali passasse “botava os olhinhos neles”.

«As mulheres como trabalhadeiras eram culturalmente idealizadas como poupadas, amigas de trabalhar e boas gestoras da economia doméstica» (Cole, 1994, p. 104). A falta do marido durante grande parte do ano provocou um sobrepeso de afazeres e uma diversidade de ações; cõnschia de seus afazeres e responsabilidades, a sua realidade

cotidiana era composta pela “dupla jornada”, o cumprimento de distintas atividades e ao mesmo tempo o encargo dos cuidados com os filhos e idosos, e pelas tarefas domésticas.

Não havia horas de descanso e nem salários, integralmente preenchidas nas múltiplas empreitadas caseiras, o cozinhar, o limpar, costurar e brunir a roupa, ainda o asseio da casa, além do cuidado com os filhos.

Tinha quatro filhos, tinha que trabalhar, não estava só a espera do salário dele. Para ter a barraca, criar os filhos. O meu homem vinha do bacalhau, outros homens chegavam e iam ao mar daqui, mas ele não queria ir... Mesmo quando se reformou, o mar acabou. E eu tinha que esgadunhar sempre. Um dos meus filhos disse-me: «Ou você deixa de trabalhar nas pensões, ou deixo de ir a sua casa...» E deixou, deixou o meu falecido Cindo, quando se afogou... Agora já não trabalho, faço o meu serviço, agora é que levo uma vida de malandra... (Rego, 2017, p.164).

Uma das ações mais concorridas era a pesca, praticada pela população que não embarcava nos bacalhoeiros. Esta atividade permitia, segundo Magalhães e Baptista, às mulheres trabalharem como

redeiras (fazem e atam redes, estão presentes em todo o território), peixeiras (vendem peixe, em bancas de mercado, de lojas próprias, na rua, em carrinhos de mão), rematadeiras (compram o peixe em leilão na Lota) e mariscadeiras, que apanham o peixe e os mariscos que ficam retidos nas poças de água e nas pedras, quando a maré baixa (Magalhães, Baptista, 2008, p. 528).

A atividade mais comum era (e ainda hoje subsiste) a de vendedeira de peixe: a venda de peixe feita pelas mulheres conhecidas como as “mulheres de corrida”, que partiam a pé pelas estradas para vender o peixe nas aldeias vizinhas.

Muitas vezes partiam em grupos para as aldeias vizinhas da Póvoa, mas depois separavam-se e cada uma calcorreava dezenas de quilómetros, descalças e sozinhas. No fim da manhã, com sorte, ou só a meio da tarde, regressavam à casa com o gigo carregado de batatas, cebolas, couves e alguns ovos, que as freguesas lavradeiras davam para os filhos, a troco de mais uma sardinha. Saíam com uma coroa (cinco tostões, uma pequena moeda que pouca mais dava que para comprar um pão), atada na ponta do lenço de pôr aos ombros, regressavam com “uma pequena fortuna” e vinham a fazer contas à vida e a sonhar tirar do “prego” o trancelim com o qual se adiantou a nova rede do pescado... (Magalhães, 2008, p. 529)

À luz da análise apresentada por Malpique (1998), «não há praticamente nenhuma comunidade portuguesa, por pequena que seja, que nos últimos 50 anos não tenha vivido

a saída de familiares (...), todas as classes sociais, sem exceção, foram atingidas por um imperativo de ordem económica, ideológica ou militar» (p. 23).

Em Portugal, a mulher ocupou por um longo período de tempo o papel de explorada na sociedade. Embora trabalhasse, o seu papel no mercado de trabalho era exercido de forma precária e informal. Num espaço onde a maioria não possuía sequer a educação formal, o que constituía um obstáculo à profissionalização, tornava-se necessário “abraçar” as oportunidades de trabalho que surgissem.

A secagem natural do bacalhau para produzir o bacalhau seco, o que ocorria após a salga, «ao modo português, esviscerado, descabeçado, espalmado, salgado e seco ao sol», um dos mais primitivos processos de preservação dos alimentos conhecido desde a antiguidade, era um dos recursos económicos mais importantes das populações, considerado como um dos sustentáculos da atividade da pesca. Uma tarefa confiada à mão de obra feminina (Baptista, 2013, p. 43).

Figura 3 – Separação do peixe



Fonte: Marintimidades.blogspot.com

Assim, ah... As camionetas vinham carregadas de bacalhau, e as camionetas descarregavam o bacalhau prà gente. Nós pegávamos no bacalhau e botávamos o bacalhau todo em pilha e fazia esta pilha quase da altura dessa casa...

Figura 4 - Pilhas de peixe durante o período de secagem



Fonte: Fonte: Marintimidades.blogspot.com

Depois iam para as máquinas lavarem o bacalhau. Mas a gente pegava e tirava de cima pra baixo dos carros de mão para levar para as máquinas, avançávamos o bacalhau para dentro da máquina. A máquina estava cheia de água, a máquina, ela ligava à eletricidade... Lá estava, estava lavado, a máquina era automática, se “escarregava”. As outras por trás, que estavam na máquina, pegavam o bacalhau do chão, voltava outra vez aos carros e fazia outra vez a pilha de bacalhau e botávamos: camada de bacalhau, camada de sal; camada de bacalhau, camada de sal. Sempre a pilha ia alta. Tava tempo, tava dois dias ou três no sol em... O bacalhau ia para um arrial dessas, pareciam umas camas, muito compridas... E botava-se a secar: cabeça pra lá, rabo pra cá; cabeça pra lá, rabo pra cá... (Glória, Afurada)

Figura 5 – Seca do bacalhau



Fonte: Edição do Centro de Caridade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Nas comunidades que estudamos, a grande generalidade dos homens-pescadores buscaram a sorte na pesca do bacalhau que, conquanto fosse uma atividade carregada de riscos e sacrifícios, lograva produzir a diferença e mesmo possibilitar amealhar fundos para a aquisição de um barco, facultando a independência profissional. E se ao homem competia pescar, a partir do momento em que o barco atracava, eram as mulheres que trabalhavam!

Em muitos casos, as mulheres deixavam a casa e durante todo o período compreendido entre outubro e abril passavam a viver dentro da seca. No sentido de preservar essas memórias, a Câmara da Murtosa procedeu à recolha de depoimentos, narrados na primeira pessoa, por mulheres que saíam para Alcochete: a vida árdua de centenas de raparigas, levadas em meados do século XX para trabalhar nas secas de bacalhau de Alcochete. A vivência de um fluxo migratório sazonal pouco conhecido, em alguns casos de mão de obra infantil.

Iam muito jovens, algumas com 12 e 13 anos, e deixavam de ir quando casavam. O objetivo era “granjear algum” para ajudar ao sustento das famílias, numa altura em que os bens essenciais eram racionados. Partiam da terra com a roupa para vestir e pouco mais, trabalhavam das sete da manhã até noite cerrada, alimentavam-se mal. (Cunha, 2016).

Os ranchos de raparigas da Murtosa, mas também das Gafanhas (Ílhavo), eram angariados por mulheres mais velhas que já haviam feito o mesmo percurso. Tomavam o comboio de Estarreja até Lisboa, onde depois embarcavam no vapor para Alcochete.

Numa das secas esperava-as um ambiente quase de campo de concentração: nos dormitórios as “tarimbas” para dormir eram acamadas com palha de arroz, a que sobrepunham o lençol, sem nenhum conforto, e os espaços eram exíguos para tomar banho.

Havia cozinheira, mas cada uma tinha de dar os mantimentos para serem cozinhados para si. Algumas chegavam a roubar tomate nos quintais das redondezas para meter no pão e enganar a fome. O trabalho iniciava-se de alvorada e por vezes ia até à meia-noite, «quando havia que carregar as fragatas, em que não havia sábados nem domingos» (Maria Antónia).

A diversão era confinada ao espaço da seca e havia represálias se assim não fosse. «Dissemos que íamos à missa do galo e fomos a um bailarico. Levámos pancada, forte e feio», relata uma das mulheres (Isabel Carramona).

De repente a sociedade de Alcochete, «profundamente conservadora», viu-se confrontada com a chegada de centenas de raparigas vindas de fora. Em Alcochete as mulheres não trabalhavam fora de casa porque isso era visto, na perspetiva masculina, como uma “desonra”.

A hostilidade das nativas é percebida no relato de uma das murtoseiras, que recorda de lhes chamarem “gafanhotas” e outros nomes na mercearia e de as ridicularizarem porque “cheiravam a peixe”, mas algumas acabaram por ficar em Alcochete e criar família, como Maria do Carmo e Maria José Rendeiro.

«Não é só em Alcochete que há famílias de origem murtoseira, mas também no Seixal, onde muitas mulheres trabalharam na seca do bacalhau. Era um trabalho sazonal, entre outubro e abril, e depois a maioria retornava à região e trabalhava no arroz no Baixo Vouga» (Cunha, 2016).

Recorrendo à analogia da comunidade Wiston Parva analisada por Elias, a respeito de uma relação de estabelecidos moradores antigos e *outsiders*, moradores mais recentes (no nosso estudo, são os dois grupos de mulheres: as casadas com oficiais e as mulheres dos pescadores de menor patente), Elias cita que a ligação de interdependência entre os dois grupos influenciava a autoimagem e a autorrepresentação dos indivíduos. Os “superiores” inculcavam nos “inferiores” um sentimento de inferioridade e de falta de virtudes e assim nutriam em si uma autoimagem de superioridade, reafirmando sua identidade como melhores. A consciência de uma rede da qual alguns estavam excluídos assentia que, a partir dela, uma nova configuração fosse elaborada – a de *outsiders*. Nessa conformidade, subsiste uma ponderação instável de autoridade e, somente por meio da acomodação nessa posição, a estigmatização é possível.

Na salgadeira, trabalho feito principalmente nas secas do bacalhau, as grandes extensões de latada foram substituídas por pequenas e modernas estufas a quente, que em poucos dias fazem a mesma cura com prejuízo do sabor, dizem os entendidos, e sem necessitarem dos cuidados e vigilâncias das salgadeiras. Existiram em Caminha, Viana do Castelo, Vila do Conde, Matosinhos, Lavadores, Gafanha da Nazaré, Figueira da Foz, Alcochete, etc. (Magalhães, Baptista).

Figura 6 – Salgadeiras



Fonte: Marintimidades.blogspot.com

Os tempos eram penosos, havia fome e era indispensável assegurar a subsistência dos filhos. Então a minha mãezinha como tinha muitos filhos, andava a pedir pelas portas, e eu ia com ela. Havia portas que nos davam e portas que não davam. E então a gente preferia sempre que nos dessem um bocadinho de pão; havia as pessoas que coziavam e nos davam pão. A minha mãe escolhia o menor, que nós comíamos, e o resto ela vendia. Vendia e trocava por farinha, desta farinha que misturávamos no resto da sopa e fazíamos as papas. Hoje, hoje não há dificuldade.

Só há dificuldade para quem quer. Porque olhe que eu cheguei a trabalhar ao domingo pra lavrador e eu não ia pra ganhar dinheiro. Levava o meu menino comigo, mas quando eu vinha já vinha de barriga cheia, e não gastava dinheiro em casa. Trabalhava, mas enchia a barriga do meu menino, comia eu e às vezes trazia uma “mechinha de feijão” ou trazia uma cabaça para o porco e já não vinha sem nada, porque eles não me faltavam com nada...

(Maria Antónia, *cit.* Cunha , 2016).

Segundo Alencar,

enquanto os homens possuem um tempo unicentrado na pesca, as mulheres possuem um tempo fragmentado, marcado pela superposição de tarefas. Nesse sentido, pensar o trabalho da mulher é pensar as formas como organiza seu tempo, pelo estabelecimento cultural da relação do tempo de trabalho com os tempos de seu corpo, do ciclo de vida de seus filhos e com os tempos sociais do trabalho produtivo (1993, p. 76).

A manifestação da dominação, que um género pratica sobre o outro, pode ser compreendida a partir da noção de *habitus*. Segundo Setton (2002),

(...) este conceito representa um instrumento conceitual que ajuda a pensar as características de uma identidade social, que se apresenta ora de modo consciente ora de modo inconsciente, podendo ser compreendida como a mediação entre condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos. Desta forma, o *habitus* pode ser entendido como um conjunto de disposições constituídas socialmente, da qual a subjetividade de género, corporificada e estruturada internamente e expressas por atuações femininas e masculinas, é continuamente reforçada pela objetividade da realidade social (Setton, 2002, p. 60-69)

Uma das atividades praticadas apenas por mulheres era a de saleira, onde esta fazia «o transporte de sal em pequenas caixas ou cestos à cabeça para carregar o porão de um navio do bacalhau. Pois o homem não transportava nada na cabeça. Praticou-se em Caminha, Viana do Castelo, Vila do Conde e Matosinhos até 1970». (Magalhães. Baptista)

Em concordância com este pensamento, a mulher era ensinada a considerar que o seu lugar era dentro de casa. Era condicionada a aprender as lides caseiras, a sua manutenção e a sua formação de futura esposa e mãe. Suas atribuições incluíam o cuidado com a casa, que deveria estar impecável, mesmo sendo humilde, cozinhar, lavar, tratar da roupa, fazer malha, educar os filhos. Com o marido longe, estas mulheres foram, na maior parte das vezes, mãe e pai.

Com o marido longe, a mulher passa a substituir temporária ou indefinidamente, qual viúva, o chefe de família como ganha-pão principal. Atividades masculinas passam a ser tarefas das mulheres, o que é explicitado no estudo de Magalhães e Baptista (2008):

Transporte – faz o transporte de pessoas e bens em barcas de passagem nos principais rios, antes da revolução rodoviária dos anos próximos de 1950.

Sargaceira – faz a apanha de sargaços arrojados à terra pelo mar, na época das maresias (maio a setembro). Atualmente utiliza a ajuda de trator agrícola, com o qual transporta, de uma vez, vários quilos de sargaço para o alto das dunas, onde fica a secar, estendido numa camada fina e compacta, a qual se chama manta de sargaço. Ainda se pratica em Carreço, Anha, Castelo de Neiva, Marinhas, Fonteboa, Apúlia, Aguçadora, Aver-o Mar, Mindelo, Lavra e Angeiras.

Jangadeira – faz a apanha do sargaço na costa, em dias calmos, a bordo de uma jangada de troncos ou de cortiços, usando para o corte das algas uma vara comprida em cuja extremidade engata um foicinhão ou uma graveta. Considerado proibido o corte da alga viva por ser atividade depredatória,

foi extinta na década de 1960. Praticou-se em Anha, Castelo do Neiva, S. Bartolomeu do Mar, Apúlia, Aguçadora, Aver-o-Mar, Mindelo, Lavra e Angeiras (p. 528).

A mulher assumia ainda atividades agrícolas.«Havia grupos de mulheres que trabalhavam nos campos, de enxada, ou no meio do milho, ao jornal. Outras iam ao monte, apanhar lenha» (Rego, 2017, p. 3).

Outras serviam em casas de famílias certas ou trabalhavam a dias, nas limpezas, a lavar roupas para fora. Na Afurada, tal como em algumas outras localidades piscatórias, as mulheres juntavam-se de modo a lavar os trajas dos seus maridos e dos fregueses que conseguissem angariar para garantir uma maior margem de lucro no seu orçamento familiar. Contribuíam para o sustento das famílias e criaram um grupo significativo de mão de obra, as lavadeiras procediam à lavagem das peças de roupa e dias depois entregavam-na embrulhadas nas famosas trouxas. (Rego, 2017, p. 3).

Vivia-se então um “aparente matriarcado” , traduzido no velho ditado “o homem barca e a mulher arca”. O homem produtor, angariador de meios de subsistência, a mulher zelando, usando com parcimónia os proventos que lhe eram confiados. E embora aparentemente essa fosse “senhora” de empregar o dinheiro como bem entendesse, na realidade isso não acontecia. Quando questionadas a respeito, a resposta quase unânime era: sim, davam satisfação ao companheiro, porque assim tinham aprendido, era uma questão de respeito.

À mulher guardadora da terra, do lar, dos filhos, da administração doméstica, competia a preparação da bagagem indispensável para a longa viagem; sempre que possível as roupas eram confeccionadas pelas mulheres da casa, mãe, esposa, irmãs e filhas, e apenas numa eventual impossibilidade se recorria às costureiras profissionais, que produziam peças como:

O casaco, para proteger até a meia coxa, não cintado, folgado e de pano duplo como todas as peças congéneres. Feito de pano-cru, à medida, com o mínimo de costuras para dificultar o romper e evitar o magoar pelo roçar dos verdulhos, impermeabilizado com óleo de linhaça crus botões de osso e posteriormente de massa sintética, estão protegidos pela carcela para evitar a infiltração de humidade e ainda para que o botão não prenda em qualquer objeto, no dóri ou a bordo. A gola tem pespontos múltiplos para lhe dar fortaleza, ou reduzida a colarinho se o pescador se sente empachado pelo modelo tradicional. Aos dois ilhós caseados, abertos na parte posterior da gola, prende-se uma alça de gagim que permite pendurar após a faina.

A saia, peça larga de alças cruzadas atrás para não escorregar dos ombros, usada no dóri ou na escala. Recomendável pela extrema facilidade em vestir e despir e por possibilitar grande liberdade de movimentos, arregaçando-se rapidamente para passar qualquer obstáculo.

Meias de lã grosseira, do enxoval de cada pescador, que leva para o mar sempre cerca de trinta pares. Frequentemente usava dois pares.

Luvras, de lã grosseira, de um dedo, para servir no dóri e escala.

Barrete, de lã grossa, compõe o enxoval do pescador. Protege a cabeça, as orelhas e o pescoço da humidade e do frio.

Sueste, chapéu de pano-cru ou oleado com óleo de linhaça cru com copa e abas, mais curta à frente para libertar a visão e mais larga atrás para agasalhar e facilitar os escorrimentos das águas. Uma contragola interior reforça a proteção e agasalho. Uma fita com botão confirma-lhe a segurança por baixo do queixo. Um furo na borda atrás permite a passagem de uma alça de gagim para pendurar. (Lopes, 1991)

Figura 7 – Saco para transporte de roupa



Fonte: Espólio do Museu Marítimo de Ílhavo

«A família é sagrada. O contato com a terra obriga o homem a olhar para o chão, o convívio com o mar obriga-o a levantar a cabeça. Quando saem do barco e o encalham os pescadores não fazem mais nada – deitam-se na areia.

O resto compete à mulher» (Raul Brandão, Os Pescadores).

As mulheres trabalhadoras eram vistas como poupadas, amigas de trabalhar e aforrar. Realizavam várias tarefas produtoras de rendimentos e fundamentais à subsistência da vida. Entretanto se verificava um comportamento oposto nos homens, as mulheres poupavam e os maridos gastavam. «Algumas mulheres – ou muitas delas – preferiam que os

maridos partissem por seis meses para pescar bacalhau, para se sentirem mais desimpedidas.» (Comentários feitos numa roda de mulheres na Fuzeta.)

Enquanto as mulheres eram contidas nos gastos e economizavam os recursos da casa, os maridos gastavam-nos. Era à mulher que competia governar o orçamento e isso inclui destinar uma quantia para os vícios dos homens, nomeadamente o jogo e a bebida. O que muitas vezes acabava por criar situações de conflito, **já que a** ociosidade dos homens em terra os fazia gastar todo o seu dinheiro na taberna, cabendo às mulheres, mais uma vez, contornar a situação económica da casa. Eles [os pescadores], ao deixarem as suas embarcações, dirigem-se à taberna e bebem. Frugais quando se trata de comida, eles desperdiçam quase tudo o que ganham, bónus e percentagens, com a bebida. Somente o salário regressa intacto a casa. Se as mulheres lhes batem [aos maridos]..., na verdade é bem feito; eles merecem. (Pastor, 1958, *apud* Escallier)

1.7 Religiosidade

“O homem é naturalmente religioso. A religiosidade é um modo de ser do homem, quer ela tenha, agora, um conteúdo ou não, quer esta característica possa ser incorporada ou não, numa fé. Assim como é inteligente, erótico, justo ou belo, assim é religioso: o ser religioso, portanto, é uma maneira primária, absolutamente fundamental do ser.”

Simmel, *apud* Martelli, 1995)

As múltiplas situações de precariedade da vida em Portugal nas décadas de 50 a 70 do século XX obrigaram muitos a procurar condições de sobrevivência através da pesca em lugares longínquos. Tendo em conta o carácter dramático e a amplitude desse êxodo de homens, era notória a preocupação visível com a assistência religiosa.

Ludwig Feuerbach, na sua obra *A Essência do Cristianismo* (1957), refere:

A religião, é na verdade, um manancial de valores e ideias construídos pelo Homem, que derivam do seu percurso e desenvolvimento cultural, que são, consequentemente, projetadas e reprojetadas para a essência divina, os deuses: o Deus absoluto, o Deus do homem, é a sua própria essência. O poder do objeto sobre ele é, portanto, o poder da sua própria essência.

E acrescenta ainda que, «se não entendermos a natureza dos símbolos religiosos que vamos criando, incorremos no risco de nunca compreendermos a nossa própria história, pois não deixaremos de ser dependentes das supostas forças da história sobre as quais não conseguimos exercer controlo» (Feuerbach, 1957, *cit.* Cerqueira e Portas, 2012).

A devoção é um dado significativo entre as gentes do mar, o refúgio ao santificado assoma como uma necessidade. É imprescindível rezar para que tudo corra bem quando se vai para o mar: os homens detêm a coragem, as mulheres a fé em seu retorno. E nos dias de mau auspício, a praia transverte-se num autêntico sacrário de orações.

«Todos os ritos têm um poder especial de atuação sobre o real, agindo sobre a representação do real» (Bourdieu, 1993, *cit.* Elsa Peralta, 2008, p. 336).

Um distinto ritual distinguia os marítimos da Fuzeta que iam à pesca do bacalhau. Estes levavam ao peito o chamado “breve”, isto é, um pequeno coração feito de pano, onde se metiam estampas de santos protetores, e nove pedrinhas retiradas da porta da capela de Nossa Senhora do Livramento.

O coração de pano era oferecido pela noiva, ou pela esposa do marítimo, que o devia usar ao pescoço, desde que saía de casa até ao seu regresso, no final da campanha. O “breve” era decorado com motivos florais, e tinha quase sempre um crucifixo na parte exterior. Assim, os marítimos da Fuzeta eram devotos à sua padroeira – Nossa Senhora do Carmo, mas também à Nossa Senhora do Livramento (Pereira, 2018).

Como defende Magalhães, «a comunidade piscatória é o ultimo reduto das heranças culturais pela via da tradição, pelos seus genuínos usos e costumes, pelas formas tradicionais de saber fazer artesanal e, sobretudo, pelos seus medos e anseios traduzidos pela sua fé e religiosidade» (Magalhães, 1999, p. 26).

Em *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim (1996) indica a ligação presente entre religião e festas: ambas atuam como elementos de passagem a um estado de exaltação coletiva e possibilitam uma mudança nas movimentações do quotidiano. Durkheim aponta para a dualidade entre o sagrado e o profano como aspeto estrutural do fenómeno religioso. Além disso, provida de força moral, a religião aclara os limites entre o certo e o errado, concedendo sustentáculo às classificações, ao pertencimento e à exclusão social.

A assimilação da realidade social determina que se teorize sobre os processos de construção de práticas e de significados que ocorrem dentro do espaço, dando azo à criação de uma percepção social da cultura que servirá como instrumento de análise sobre o quotidiano das mulheres em estudo.

Apesar de os questionários e entrevistas não abrangerem perguntas diretamente relacionadas com a religiosidade, brevemente nos apercebemos de que este seria um dado

importante para aferirmos as práticas existentes nas comunidades visitadas. Fazendo uso do diário de campo, fomos anotando as descrições feitas, pois, como defende Giddens, entendemos poder compreender a religião como «um conjunto de *símbolos* que invocam sentimentos de *reverência* ou de *temor*, ligados a rituais ou cerimónias (como serviços religiosos) realizados por uma comunidade de crentes» (Giddens, 2009).

«Antes da partida, rezávamos para que tudo corresse bem, e todos os dias em casa, junto com os filhos, pedíamos a proteção da Virgem, não só para o meu homem, mas para todos os que lá estavam» (Conceição, Póvoa de Varzim).

Em algumas localidades realizavam-se peregrinações:

Antes da partida para cada companha, os pescadores da Fuzeta, e os seus familiares e amigos, rumavam até à igreja de Nossa Senhora do Livramento, na povoação do mesmo nome, nas proximidades da Ria Formosa, a cerca de 5 km da Fuzeta, mas já na freguesia da Luz, de Tavira. Pediam à Senhora do Livramento proteção e boa sorte para a longa e perigosa viagem. Depois de assistirem à missa, homens, mulheres e crianças, festejavam a data com amêijoas criadas na própria ria, preparando ali mesmo, no adro da Igreja, a célebre “vila de amêijoas”, um petisco gastronómico maravilhoso, e que neste caso constituía também um ritual (Pereira, 2017).

Magalhães ressalta que «no quotidiano poveiro os ciclos de Festa acompanham frequentemente a Fé e o Luto e é nesta dicotomia, entre a constância da Vida e da Morte, que se torna evidente o papel da mulher na coesão do grupo, na manutenção de ancestralismos, que garantem a resolução dos conflitos entre gerações, na conservação da família, preservando as suas manualidades, as suas tradições religiosas e a manutenção de gestos e palavras que juntos organizam o quotidiano» (2008, p. 534).

Em Vila Chã, «as mulheres sempre foram a missa e consideraram-se profundamente religiosas, as devoções praticadas foram fundamentadas pela relação pessoal que cada uma estabelece com Deus, com a Virgem (Nossa Senhora) e com um ou mais santos. As mulheres dizem que não teriam conseguido suportar todas as dificuldades das suas vidas sem esta ajuda divina» (Cole, 1994, p. 123).

Desde o século XVIII que os pescadores rogam à Virgem para que lhes conceda bom mar, nas Festas da Senhora da Agonia, na cidade de Viana do Castelo, numa procissão que simboliza a ligação profunda da cidade com o elemento que lhe forjou a história e parte da sua sobrevivência.

Na perspetiva estruturalista de Émile Durkheim, em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, publicado pela primeira vez em 1912, o autor não relaciona as formas

de religiosidade com as desigualdades, mas sim com a natureza das instituições sociais. Faz a distinção entre o *sagrado* e o *profano*, defendendo que o primeiro é pertencente aos domínios dos objetos sagrados e dos símbolos religiosos, ao passo que o segundo relaciona-se mais com o domínio da vida de todos os dias.

Durkheim argumenta que as religiões não existem apenas baseadas na fé, mas em grupos de crentes que participam na crença e nos rituais religiosos, sustentando e validando a religião como uma instituição social. Isto possibilita a manutenção da *coesão* social entre os membros de um determinado grupo religioso. Assim, as cerimónias coletivas cimentam a *solidariedade* entre um grupo, preparando-o para viver as eventuais mudanças sociais que possam tomar forma, sendo o fruto disto a criação de possíveis novas perspectivas e atitudes face a algo, reafirmando os valores vigentes, isto é, perpetuando a *reprodução social* e assegurando-a.

Paralelamente à elocução ideológica do Estado Novo, há que mencionar a função da Igreja. Esta função era peculiarmente aparatosa no instante da bênção dos bacalhoeiros. A bênção dos bacalhoeiros foi uma práxis instituída pelo Estado Novo e corporizava todos os temas ideológicos propagados pelo mesmo, a subordinação dos pescadores à burguesia, o paternalismo das instituições, a autopromoção do governo e de Salazar.

Fiscalizada pela censura, a imprensa (jornais, rádio e mais tarde a televisão) dava grande destaque às cerimónias:

Com o já habitual esplendor e solenidade, realizou-se ontem, de manhã, no histórico e glorioso templo de Santa Maria de Belém, a bênção dos lugres bacalhoeiros que horas depois começaram a partir para os bancos da Gronelândia e da Terra Nova.

Presidiu Sua Ex.^a Revdm^a o Sr. Bispo de Helenópolis, que celebrou missa no templo dos Jerónimos, tendo no final lançado a bênção ritual aos lugres.

O Sr. D. Manuel Trindade Salgueiro chegou à igreja de Belém, pouco depois das 10 horas da manhã, acompanhado pelo beneficiado José Correia da Cunha.

Aguardavam o prelado à porta do templo Mons. Gonçalo Nogueira, prior de Santa Maria de Belém; Rev. Armando da Anunciação, capelão da frota bacalhoeira; comandante Henrique Tenreiro, presidente da Comissão Central das Casas dos Pescadores; Eng.^o Higino de Queiroz, presidente da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau; Otero Salgado, presidente do Grémio dos Armadores de Bacalhau, capitães dos vários lugres da frota, alunos das Casas de Pescadores, etc.

Na capela-mor tomaram lugar a S.^{ra} Embaixatriz de Inglaterra, os Srs. Ministros da Marinha e da Economia e subsecretários de Estado das Corporações,

Previdência Social e do Comércio e Indústria, Major-General da Armada, Superintendente Geral da Armada, Diretor dos Serviços Marítimos, capitão do porto de Lisboa, muitos oficiais da Armada, capitães e oficiais dos vários lugres bacalhoeiros, diretores dos vários grêmios de pesca, representantes de casas dos pescadores de todo o País, armadores da pesca do bacalhau, etc.

A guarda de honra ao altar-mor foi feita por alunos das escolas de pescadores do Bom Sucesso e de Cascais. No transepto tomaram lugar os pescadores da frota e suas famílias. Às lavandas serviram ao Sr. Bispo de Helenópolis alguns dos tripulantes dos lugres. Ao «elevar a Deus» a fanfarra da Escola de Pescadores tocou uma marcha de continência.

Terminada a missa, o Sr. Bispo de Helenópolis paramentado de pluvial, mitra e báculo tomou lugar no faldistório, de onde dirigiu a sua alocução aos pescadores:

«Mais uma vez – comentou o Sr. D. Manuel Trindade Salgueiro –, tudo se apresta para a largada dos lugres para os bancos da Gronelândia e da Terra Nova. Uma nova campanha de pesca vai começar.

Como já um dia disse, Pescadores de Portugal, a Economia Nacional tem necessidade do vosso esforço abnegado e forte; as vossas famílias têm necessidade do vosso sacrifício de cada dia e de cada hora; vós próprios tendes necessidade material e moral dessa labuta ingente que não podeis dispensar.

Na realidade, vós não podeis viver sem o mar. E até mesmo quando em horas de revolta e tempestade fazeis o propósito de não voltar ao mar, breve vos chega a nostalgia daquele amigo de todas as horas e decorridos dias, quando muito umas semanas, eis que de novo sentis a atração do abismo (...).

Para iniciar a vossa árdua e quantas vezes heroica tarefa, vai realizar-se dentro de pouco a procissão do mar, a procissão dos lugres (...).

Os que partem levam na alma, no coração, as imagens queridas dos pais, das mães, dos filhos, das esposas, dos irmãos, das irmãs, das noivas, enfim, das pessoas queridas. Os que partem levam saudades, os que ficam saudades têm. É uma hora de esperança a da partida, mas, também, uma hora amarga de dor.

Talvez rezem pouco. Mas toda a sua vida é já uma oração constante. Por isso esta nova campanha tinha de começar por uma cerimónia religiosa.

Ide e caminhai em paz. Mas ainda acrescentarei: E regressai em bem. Ide em paz na graça do Senhor e voltai com alegria sob as bênçãos de Deus.»

(*In jornal O Comércio do Porto*, segunda-feira, 21 de abril de 1947)

Depois da bênção, uma delegação de pescadores ia apresentar cumprimentos de despedida a Salazar. Estas cerimónias findavam com a distribuição de galardões aos

melhores pescadores e por vezes com a apresentação de um espetáculo de variedades, no Coliseu dos Recreios. Entrementes, também os capitães recebiam em privado uma preleção de Henrique Tenreiro.

De acordo com Gonçalves (2007), que cita o parecer de Demazière e Dubar (1997), «a palavra dos sujeitos, expressa num diálogo marcado pela confiança, converte-se num potencial de expressão da sua experiência e das suas convicções, do seu ponto de vista e das suas definições das situações vividas» (Demazière e Dubar *apud* Brito Gonçalves, 2007).

No entanto, segundo Bourdieu, o indivíduo traduz um conjunto de disposições adquiridas – *habitus* -, interiorizadas ao longo da sua trajetória de vida, que potenciam a sua ação.

O pior momento foi uma vez que fui a uma saída a Lisboa. O barco precisou de ir a Setúbal e as mulheres foram lá ter no dia a seguir. Nessa altura estava casada há pouco de mais de um ano. Estava sentada fora do barco com uma amiga minha. O meu marido chegou com uns colegas, mas acho que esses colegas não se aperceberam que eu era mulher dele. Um dos colegas disse: “Ó Aníbal e na noite passada que fomos às prostitutas?...” Eu ainda pensei que eles estavam na brincadeira, mas o outro continuou: “Depois faltaram as cervejas. E tu foste ao barco buscar uma garrafa de ginja”. Aí acreditei-me porque me tinham dado uma garrafa de ginja e tinha sido eu que lha tinha metido no saco. Isto para mim foi terrível. Marcou-me muito. Nos dias de hoje é tudo mais fácil. Se fosse hoje deixava-o logo. Era nisso que ele gastava o dinheiro (Loureiro, 2009, p. 64)

No cais apenas ficava a tristeza da família dos pescadores e nos navios partia a incerteza do salário e da própria vida.

1.8 A boa nova

Em 1925, a *Gazeta da Figueira*, da Figueira da Foz, publicava a notícia referente aos preparativos feitos para a volta dos homens do bacalhau, num texto adaptado por Pata (2002), onde se observa todo o conjunto de sentimentos que envolvia a comunidade:

A boa nova correu célere por toda a cidade. Estava lá fora, no mar glauco, as velas pandas, o casco cansado e escuro, o primeiro barco de regresso da pesca do bacalhau nos bancos da Terra Nova!

Nos bairros marítimos do burgo, na Gala, a alegria foi mais rubra, mais aceso o contentamento. Ao cabo de seis meses de ausência, volviam aos lares os seus homens, os filhos, os noivos, os pais – todos os retalhos queridos de coração que meio ano andaram apartados, tanta vez em ignorados perigos sobre as traiçoeiras águas do mar.

[...] Agora no regresso, pode chover, podem as lágrimas geladas descer os rostos ansiosos – seja o tempo um carvão escuro e altas ondas se ergam bramindo cóleras aos céus de lutos – logo que o rebocador, dentro da barra, de o aviso repetido e áacre de chegada ao poro de salvamento – Deus do céu! Nem sorte grande de lotaria do Natal, nem filhos livres das sortes, nem milagrosa cura de inveterada maleita, nada dá tanta felicidade, tanto prazer, tanta saudável e vibrante alegria, como o grande abraço longo e forte em que os peitos se estreitam e as pupilas luminosamente se encontram na doçura amorosa do sonhado olhar... (p. 275) ⁵

Seis meses de ausência, o homem no mar e a família em terra, a poética do texto da *Gazeta*, repleta de imagens, não consegue traduzir os sofrimentos, as necessidades, a angústia que as mulheres, mães, esposas e filhas dos pescadores viveram. As mulheres cedem os homens ao mar, do mesmo modo como suas mães o fizeram, seguem o adágio popular da Nazaré: o mar é pai e a terra é mãe.

Durante o Estado Novo, pouquíssimas notícias chegavam, e o aviso da chegada do barco era recebido com poucos dias de antecedência. Existiam regras das companhias que exigiam o sigilo. Alguns pescadores chegavam a criar códigos para driblar essa imposição. Enviavam telegramas com poucas palavras já previamente combinadas e que serviam de indicadores para o momento da chegada.

Logo que chegava o telegrama de largada da Terra Nova, grande era a alegria destas gentes que fervilhavam para receber o pescador herói que mais uma vez sobrevivia aos mares tenebrosos e à faina dura e escravizante a que estava sujeito.

As mulheres das comunidades piscatórias, além do cuidado com a casa, preocupavam-se com as refeições que iriam servir ao marido. Umas sardinhas fritas, uma sopa caseira, um bom guisado...

Recorrente em todas as comunidades era a preocupação com a aparência, as crianças tinham direito a “farpela nova”. Os filhos aguardavam ansiosos pela chegada da bagagem, lá no fundo do peito alimentavam a esperança de que talvez houvesse alguma prenda vinda da Terra Nova: Uma peça de roupa estranha ou algum brinquedo. «Mais tarde, quando comecei a fumar às escondidas, as esperanças eram maiores porque se sabia que os bacalhoeiros traziam marcas de cigarros raros. Íamos esperar os camiões carregados com os sacos a Caxinas» (Milhazes, 2009).

⁵ Trecho adaptado da *Gazeta da Figueira*, Figueira da Foz, 26 de setembro de 1925

A respeito do amor, Bauman (2004) afirma que as pessoas precisam sentir que são amadas, ouvidas e amparadas. Ou precisam saber que fazem falta. Segundo Bauman, ser digno de amor é algo que só o outro nos pode classificar. O que fazemos é aceitar essa classificação.

O regresso dos homens do bacalhau, depois de meses de afastamento físico de mulheres e filhos, era uma circunstância de união familiar; as mulheres iam ao cabeleireiro fazer uma permanente, quem podia comprava sempre um pijama novo e uma camisa de dormir.

Quando se conseguia determinar a hora e o dia da entrada na barra de Aveiro, começava a azáfama de juntar as esposas de todos os marinheiros da Póvoa, Caxinas e Vila do Conde para alugarem o autocarro que deveria trazê-los para casa.

A agonia tinha sido enorme, tempo de incertezas e angústias que findavam nos abraços. As mulheres, às vezes acompanhadas pelos filhos, iam aos diversos portos esperá-los arranjadinhas e a transbordar de felicidade, com uma roupinha nova se fosse possível, e sempre de medalhão ao peito. Finalmente, o reencontro! Nesse dia, alugava-se um táxi, porque o momento era para ser partilhado a dois... de tal forma que o motorista tinha que, por pudor, desviar o espelho do retrovisor... (Rego, 2017, p. 35)

As saudades, estávamos apaixonados... Cada volta era uma festa, depois vinha tão depressa o dia da partida, a cinza do cigarro dele que caía no chão nesse dia lá ficava até que o vento a levasse... Enquanto ali estivesse era uma lembrança dele... (Deolinda, Torreira)

Figura 8 – A espera



Fonte: Fotomar, Matosinhos

Capítulo 2 - Metodologia

Metodologia é o conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, que indaga e questiona acerca de seus limites e possibilidades; e o reconhecimento de que todo conhecimento sociológico tem, como fundamenta, um compromisso com valores
(Martins, 2004, p. 289).

De acordo com a metodologia de investigação em Ciências Sociais, após ter-se definido um objeto de estudo e de se ter apetrechado o seu conhecimento com bibliografia pertinente, o investigador detém o papel de principal instrumento na investigação, pois entra em contacto com o terreno, aproxima-se do seu objeto de estudo, relaciona-se com ele. Tendo sempre presente que, para obter conhecimentos sobre esse grupo assinalado como tema do trabalho, houve a necessidade de recolher e avaliar o “corpus de investigação”, ou seja, diversas obras publicadas sobre as variadas vertentes das problemáticas concernentes às comunidades existentes em vários pontos do país, de modo a permitir apresentar um olhar fundamentado, numa investigação de carácter misto, não obstante utilizar dados quantitativos resultantes dos questionários aplicados.

A investigação foi ancorada em dados secundários extraídos das obras de Peralta (2008) Rego (2017), Loureiro (2009), Magalhães (2013), Cole (1994), dos arquivos do Grémio dos Armadores de Navios da Pesca de Bacalhau (GANPB) e do documentário de Cunha (2016), de modo a contribuir para a reflexão sobre as noções adquiridas sobre estes grupos sociais e, através dessa realidade, pensar em outras realidades sociais.

2.1 Tipo de pesquisa

O número de questões equacionadas impeliram-nos a optar por um plano metodológico misto e recorrer a uma abordagem complementar com base na triangulação definida por Creswell (2010, p. 250) onde

o pesquisador coleta concomitantemente os dados quantitativos e os qualitativos e depois compara os dois bancos de dados para determinar se há convergência, diferenças ou alguma combinação.

Daí um registo mais extensivo (quantitativo) com intentos descritivos para, numa fase posterior, recorrer a um registo mais intensivo (qualitativo).

Existem múltiplas compilações de dados quantitativos e de caracterização de perfis socioeconómicos da população piscatória portuguesa. Recorrendo aos dados quantitativos para a caracterização dos perfis socioeconómicos da população piscatória, feminina, o diferencial de investigação que procuramos defender está incluído na relevância da abordagem qualitativa para a compreensão dessa população, suas demandas e particularidades. Em concordância com o estudo desenvolvido por Hunt (1989), é viável pesquisar as trocas simbólicas e o social através de um olhar sobre as representações, práticas e linguagem, cruzando outras áreas do conhecimento como antropologia e ciências sociais, através de uma maneira diferenciada de olhar para os documentos. Desenvolver uma aproximação para cooperar numa percepção de ritos simbólicos dos comportamentos individuais e coletivos, de modo a resultar em histórias derivadas de estudos de caso, na perspectiva de um diálogo mais próximo com outras áreas do conhecimento. Nessa mesma linha de pensamento, Chartier (1990) defendeu a «História Cultural, afirmando o quanto ela seria relevante para que se pudesse compreender melhor o modo como a realidade social é construída» (Hunt, Chartier, *cit.* Rossi, 2014).

De acordo com Martins (2004), a investigação qualitativa é tida como um trabalho artesanal fundamental para a liberdade intelectual.

A pesquisa qualitativa privilegia a análise de microprocessos através do estudo das ações individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e é caracterizada pela heterodoxia no momento da análise. Enfatiza-se a necessidade do exercício de intuição e da imaginação pelo sociólogo, num tipo de trabalho artesanal, visto não só como condição para o aprofundamento da análise, mas também para a liberdade intelectual (p. 289).

Reconhecida em primeiro lugar a necessidade de adquirir conhecimento sobre a população estudada, fomos aos espaços de origem, ou seja, às localidades de onde saíram grande parte dos pescadores de bacalhau, sendo que ali permaneceram o conjunto dos seus familiares, contemplando desse modo uma das quatro características fundamentais para a pesquisa qualitativa, tal como defende Godoy (1995):

A primeira delas relaciona-se com o ambiente em que é executado o levantamento de dados que, de acordo com a compreensão da autora, deve ser feito naquilo que intitula de “ambiente natural”. Essa abordagem valoriza o contacto direto e continuado com o ambiente e com os sujeitos pesquisados, e tem como instrumentos o bloco de papel, para anotações, e o gravador.

A segunda característica é a pesquisa descritiva, são os dados recolhidos e trabalhados que se citam nas transcrições das entrevistas, anotações do campo e os documentos. Ou seja, o essencial na pesquisa qualitativa é a apreensão dos processos, e não evidenciar apenas os resultados obtidos.

Em terceiro lugar, a preocupação essencial do investigador deve ser o significado que as pessoas dão às coisas, às suas vidas; e por fim, os pesquisadores devem utilizar enfoque indutivo para trabalhar e analisar os dados colhidos durante a realização da pesquisa, da observação. [...]

Desse modo, o conceito de Representações Sociais é utilizado no mesmo sentido que Representações Colectivas, essas categorias de pensamento através das quais determinada sociedade constrói e exprime sua realidade.

Presente nas sociedades está o que Durkheim (1979) designou como consciência coletiva: «conjunto de crenças e dos sentimentos comuns à maioria dos membros de uma mesma sociedade. Com o papel de definir o que, numa sociedade, serão os padrões de comportamentos que podem ou não serem aceites» (p. 342).

2.2 Levantamento bibliográfico

O tempo não é uma corda que se possa medir nó a nó. É uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar (Saramago, 1991)

Executar um levantamento bibliográfico é procurar munir-se com o saber coletivo, dotar-se com requisitos pertinentes de modo a precaver a duplicação de pesquisas, e obter os meios indispensáveis para a elaboração de um estudo com particularidades específicas, procurar suprimir lacunas na literatura e conduzir novos pressupostos para a área do conhecimento. «Uma vez que se saiba qual temática abordar, é preciso definir qual fonte de informação será empregada» (Cunha, 2001).

Com o olhar voltado para a vida em comunidade, seguimos as linhas de pensamento de Bourdieu (1990), onde as «noções como a de *habitus*, de senso prático, de estratégia estão ligadas ao esforço para sair do subjetivismo estruturalista sem cair no subjetivismo» (p. 39).

Na linha do pensamento de Elias (1970),

Para definir a noção de que os seres humanos são interdependentes e apenas podem ser entendidos enquanto tais. Assim como mudam as figurações formadas na dança- ora se tornam mais rápidas, ora mais lentas-, as figurações maiores, as quais chamamos de sociedades, também mudam, ora de forma mais repentina e efêmera, ora de forma mais gradual e possivelmente mais duradoura (Landini).

E porque discursamos sobre identidades, suportamo-nos em Bauman (2005), que elucida ser

a identidade uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluto a ser devorado [...] e que a questão da identidade só se impõe nas comunidades onde há a presença de diferentes ideias e, por isso, também a crença na necessidade de escolhas contínuas (pp. 83-84).

Identidade que se revela como invenção e não descoberta; é um esforço, um objetivo, uma construção!

A questão mais enfática em alguns textos é a invisibilidade do trabalho feminino atrelado às desigualdades sociais intrínsecas ao universo da pesca. Por isso, ao propor um levantamento dos estudos produzido sobre as mulheres na pesca, focando na prerrogativa “género” nas comunidades pesqueiras, busca-se apresentar a relevância das atividades por elas realizadas para a manutenção e “reprodução do grupo social” (Woortmann, 1992).

É notória a escassez existente no que diz respeito especificamente à mulher como indivíduo autónomo; na maioria dos textos consultados, a mulher aparece em cena como coadjuvante, embora pese o facto de ter sobre seus ombros o fardo do governo e da manutenção da família, pois, como observa Inês Amorim (2005), «a ausência masculina, especialmente na pesca do bacalhau, marcava uma maior exigência na capacidade e empenho da mulher na gestão da casa» (p. 50).

Diante disso, utilizamos os trabalhos de Loureiro (2009), Rego (2017) e ainda o documentário “As murtoseiras nas secas do bacalhau de Alcochete” (2016), produzido pela Câmara Municipal da Murtosa, como dados secundários da nossa investigação.

2.3 A escolha dos locais

Inscrito na metodologia qualitativa de investigação, o nosso estudo integra-se num sistema livre e flexível que foi sendo progressivamente produzido à medida que nos acercamos do objeto de estudo, recorrendo à possibilidade de modificar ou reformular o desenho inicial das localidades onde buscamos encontrar as fontes de dados relevantes.

A escolha dos locais que serviram como a “unidade referencial de observação e análise” das esposas de pescadores de bacalhau, que constituíram família aí permanecendo, enquanto os maridos se arriscavam à navegação e à faina rude da pesca nas inhóspitas regiões da Terra Fria, recaiu em diversas localidades espalhadas ao longo do país, ancorada em alguns critérios que comentamos a seguir.

Elsa Peralta (2008) defende a análise de contextos locais portugueses onde as noções de pertença e de identidade são construídas e articuladas na esfera pública por recurso à fixação de imagens seletivas de um passado que é negociado a cada presente (p. 22).

Centeno (1940) escrevia: «E é de Viana que parte a gente que lá se estabelece...» (p.7)

Póvoa de Varzim e Vila do Conde são importantes depositários de memórias, como nos relata Milhazes:

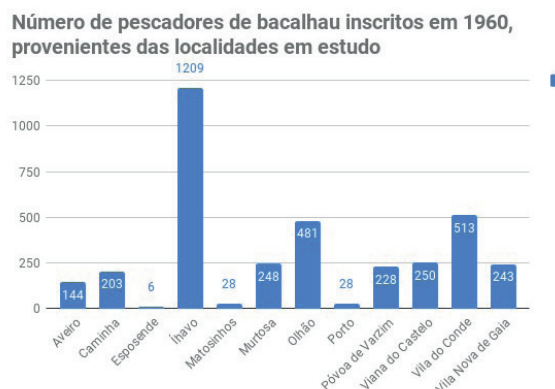
Recordo-me dos preparativos para a pesca do bacalhau, que começavam na casa de cada bacalhoeiro. Lembro-me de ver o meu avô, pai e tios a talharem as velas dos botes no quintal da nossa casa na Poça da Barca, recordo-me do cheiro a óleo de peixe que eles utilizavam para tornar as velas impermeáveis (Fangueiro, 24.05.2009).

Um dado importante para a escolha das localidades é a questão da representatividade, e segundo Inês Amorim (2001), dentre os 23 400 indivíduos embarcados entre 1935 e 1967, «os concelhos que maior volume de mão-de-obra fornecia para esta atividade seriam Ílhavo (14,7%), Figueira da Foz (8,9%)» (p. 138, *cit* Loureiro).

Esse destaque também aparece num estudo feito sobre um período mais ampliado, que abrange os anos de 1934 a 1970, e que cita valores concernentes diferentes, onde os pescadores de Ílhavo seriam 10% do total de homens da pesca do bacalhau (Garrido, 2004, *cit* Loureiro, p. 8).

Importa assinalar que grande parte dos oficiais que estiveram no comando dos navios bacalhoeiros era natural de Ílhavo, no entanto, de acordo com Amorim (2001) «o maior número de homens em geral era oriundo do Algarve e da Figueira da Foz» (p. 130), o que justifica a escolha da Fuzeta e de Olhão, escolha fundamentada em números encontrados nas listas do Grémio dos Armadores dos Navios de Pesca de Bacalhau.

Gráfico 2 – Número de pescadores por localidade



Fonte: Fichas de Inscrição de Tripulantes no GANBP
Jornal do Pescador (1959, 1960, 1961). *O Ilhavense* (1959, 1960, 1961).

Cabe aqui uma referência aos ilhéus açorianos oriundos das ilhas de São Miguel e das Flores, que também tiveram uma representatividade expressiva, mas que, por uma questão de logística, não integram o presente trabalho.

2.4 Pesquisa no terreno

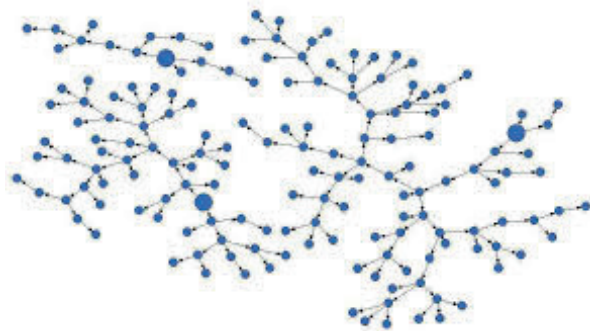
O trabalho do sociólogo abrange sobretudo três fases: olhar, ouvir e escrever. Segundo Oliveira (2006), «a percepção ocorre nas duas primeiras etapas, porém, é na terceira etapa, escrever, que o pensamento se exercita de forma mais rigorosa, é nessa fase que se produz o discurso voltado à construção da teoria social». Nesse sentido, na esteira de Firmino da Costa(1999):

Pode-se dizer que o principal instrumento de pesquisa será o próprio investigador que, através das observações, vai registrando atributos de pessoas e grupos, os seus gestos e verbalizações, comportamentos e situações, símbolos e objetos, atividades e processos e, também, modos de relacionamento que os atores sociais dessa unidade em estudo com ele vão estabelecendo (p. 7).

Elaborou-se um questionário com 35 perguntas, divididas em dois tópicos, e que foi aplicado a 60 mulheres, esposas ou filhas de pescadores de bacalhau, que vivem nas localidades escolhidas para a pesquisa.

Para a obtenção da nossa amostra, recorreu-se a técnica conhecida como bola de neve (*snowball sampling*), uma técnica de amostragem não probabilística onde os indivíduos selecionados para serem estudados convidam novos participantes, elementos da sua rede de amigos e conhecidos. À medida que esse número de pessoas aumenta, mais indicações são dadas e a amostra cresce.

Figura 9 – Representação hipotética de uma cadeia de referências (*snowball sampling* ou bola de neve)



Fonte: Albuquerque (2009, p. 21)

O nosso trabalho teve início na Fuzeta, onde não conhecíamos ninguém. Entrar num café e falar sobre o projeto foi o primeiro passo, ali nada obtendo; dirigimo-nos a uma loja e repetimos a informação acompanhada de um pedido no sentido de encontrarmos pessoas que pudessem colaborar connosco. Recebemos então a indicação de um outro café, onde normalmente as senhoras esposas de pescadores costumam tomar o pequeno-almoço. (Note-se que isso acontece logo pela manhã, cerca das 8h30.)

E sucedeu o que popularmente o povo costuma designar por “sorte de principiante”: encontramos de imediato uma senhora que acedeu ao nosso pedido, não permitindo porém que fizéssemos nenhuma gravação áudio.

A partir de então, este passou a ser o procedimento padrão, e em algumas localidades rapidamente conseguíamos aplicar alguns questionários; já em outras não tínhamos a mesma sorte, sendo nesse caso marcadas novas incursões que nem sempre deram resultado.

A partir das observações, tornou-se possível captar as mensagens não-verbais. Um olhar de desconfiança ou uma expressão de incómodo são tão informativos quanto uma resposta sincera a uma pergunta de entrevista. Desse modo, além das anotações do caderno de campo, é importante também a memória do sociólogo, o que possibilita complementar os dados que foram anotados.

A organização do trabalho seguiu um roteiro pré-estabelecido, de forma alguma rígida em sua aplicação, tendo sofrido várias alterações devidas a obstáculos alheios à programação, desde as deslocações ao terreno, muitas vezes condicionada pelas condições meteorológicas (o inverno 2017/2018 foi particularmente intenso, no que tange a chuva e ao frio), que dificultaram o encontro do público-alvo da amostra pretendida. A faixa etária das mulheres inquiridas, com idades compreendidas entre os 53 e os 90 anos, foi, de certo modo, outro obstáculo: as mais idosas geralmente mostravam-se mais desconfiadas, muitas vezes recusando-se a (re)viver o passado. Outras, alegando já ter participado de estudos anteriores, não viam a necessidade de voltar a falar no assunto.

De modo a procurarmos compreender a maneira como as comunidades de pescadores se relacionam com o lugar em que vivem, é necessário que sejam interpretados os signos, ou seja, os elementos imaginários e simbólicos construídos por eles. Estes componentes, logo, são desenvolvidos através das impressões capturadas pelos órgãos dos sentidos e que os levam ao conhecimento e, por fim, à formação. Através das expressões dos rostos destas mulheres, da movimentação dos sobrolhos, dos sorrisos, das lágrimas, do brilho dos olhos e das respostas dadas, vão-se (re)construindo as suas histórias, as suas verdades, as suas identidades.

O vocábulo escutar deriva do latim *auscultare* (ouvir com atenção). Um dado a ter sempre presente é o facto de que a comunicação é sempre uma via de mão dupla, há sempre coisas que não são verbalizadas, mas que podem ser apreendidas de acordo com a sensibilidade do investigador. A importância da formulação das perguntas, onde deve estar contido um incentivo que induza o sujeito “a se narrar” de modo a que seja facilitada a compreensão das situações colocadas, e acima de tudo escutar mais do que ouvir, exige que ocorra um verdadeiro “exercício espiritual” para a prática sociológica do conceito de identidade (Bourdieu, 1993).

Para as especificidades do trabalho, a aplicação da entrevista semiestruturada, a convocação e a identificação dos participantes (8), reais atores sociais reconhecidos por seus pares em decorrência de seu papel nas comunidades estudadas, decorreram conforme a amostragem por cadeias de referência. Analisando o que entende ser a edificação do campo, as ligações entre agentes e organismos responsáveis pelas conquistas de orientação, demarcando atitudes e atividades, os possuidores do capital legitimado no campo desfrutaram de melhores hipóteses de serem considerados em suas opiniões e escolhas.

Para Bourdieu (2004), apenas é possível compreender «o que diz ou faz um agente engajado num campo [...] se estamos em condição de nos referirmos à posição que ele ocupa nesse campo, se sabemos “de onde ele fala” » (Bourdieu, 2004, *cit.* Teixeira Pereira, p. 348).

2.5 Questionário

Questionário é o nome geral usado para designar uma coleção de questões que são perguntadas e anotadas por um entrevistador numa situação face a face com outra pessoa (Carvalho, 1998).

O que determina o questionário é o contacto face a face entre pesquisador e informante e o facto de ser o guia de perguntas preenchido pelo entrevistador, no momento da entrevista. Na construção do questionário buscamos empregar perguntas claras e concisas e fazer perguntas diversificadas, para que as pessoas conseguissem exprimir melhor a sua opinião, de acordo com a sua realidade. E, considerando o facto de que todos os questionários foram aplicados individualmente e na presença da pesquisadora, foi possível explicar os objetivos da pesquisa, orientar o preenchimento do formulário (sem direccionar a resposta, mas sim procurar fazer com que não houvesse uma dispersão de informação) e ainda elucidar significados de perguntas que, no entender dos inquiridos, não estavam muito claras.

O questionário foi construído com questões referentes a duas divisões: a primeira parte inclui questões que permitem caracterizar os inquiridos e relacionam-se com o perfil das respondentes, a saber: idade, sexo, estado civil, nacionalidade, naturalidade, local de residência e habilitações literárias. As demais questões trabalham aspetos importantes relacionados com o grupo familiar, a idade à data do matrimónio, a existência de filhos, a coabitação com demais familiares, o motivo de ter casado com um pescador, a duração do tempo em que o marido estava em casa, como era feita a comunicação quando este estava embarcado, a existência ou não de apoios sociais, os preparativos para o momento do regresso do marido a casa, bem como questões alusivas à sua condição perante o trabalho.

Nessa disposição está contida a preocupação de uma distribuição homogénea, dados importantes para a caracterização do grupo de estudo, considerando o meio onde estão inseridas, a característica sociodemográfica e os apoios sociais decorrentes das redes de entreajuda.

Embora saibamos que não existem ferramentas perfeitas de averiguação, o inquérito por questionário é aquele que se revela mais adequado quando se pretende abarcar um grande número de indivíduos. No presente estudo não tínhamos essa pretensão da “grandeza” dos números, mas tão-somente utilizar os inquéritos para colher informações necessárias à nossa pesquisa.

Configuramos o questionário com uma breve introdução, onde constam informações sobre o trabalho e onde se assegura o anonimato dos inquiridos; são apresentadas as questões de 1 a 14 com o intuito de obter informações sobre os seus dados pessoais e profissionais. Na sequência, as questões 16 a 23 estão relacionadas com as funções da vida familiar.

Com relação aos pais e sogros, existem perguntas para verificar o conteúdo (preferencialmente ligado à solidariedade e entreajuda) e o sentido de pertença à comunidade.

Na apresentação do questionário, composto por cinco páginas, foi propósito nosso facultar ao documento uma leitura fácil e atrativa, de forma a captar o interesse das entrevistadas; perguntas simples e acessíveis com letras realçadas obsequiaram tanto a idade quanto as habilitações culturais das mesmas.

De acordo com a escolha dos locais, procedeu-se então ao recrutamento das pessoas a serem inquiridas. Em primeiro lugar entramos em contacto, via correio electrónico, com a junta de freguesia, também com algumas associações relacionadas com os pescadores,

no sentido de que nos fossem indicadas mulheres com quem pudéssemos trabalhar.

Recebemos determinadas informações e optámos por dar início ao trabalho.

Como já descrevemos anteriormente, o nosso método centrou-se na amostragem bola de neve, que, de acordo com Goodman (19961), é:

Um método que não se utiliza de um sistema de referências, mas sim de uma rede de amigos dos membros existentes na amostra. Esse tipo de método baseado na indicação de um ou mais indivíduos é também conhecido como cadeia de referências. Pessoas seleccionadas de algum modo e que fazem parte da população alvo. Essas por sua vez são incumbidas de indicar, a partir de seus contactos, outras pessoas para a amostra. Sucessivamente, até que se alcance o tamanho amostral desejado (pp. 28-36).

No caso em estudo, as informações referentes a Fuzeta e a Olhão eram diminutas, apenas um contacto em cada localidade, o que nos levou a ir perguntando nos estabelecimentos comerciais sobre as mulheres e, através das indicações recebidas, ir aos poucos realizando a pesquisa, geralmente nos cafés das redondezas.

O questionário começou a ser aplicado no dia 15 de dezembro de 2017, na Fuzeta, e continuou no dia 18 em Olhão; retomado o trabalho em janeiro de 2018, em Aveiro, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia, somente depois da Páscoa é que foi possível regressar às pesquisas. (A nossa amostra, constituída por 60 pessoas idosas, possui algumas características, uma delas sendo que a maioria das senhoras são praticantes religiosas e encontravam-se envolvidas nas celebrações da época.) A partir daí, continuamos o trabalho de campo em Matosinhos, Póvoa de Varzim, Vila Chã, Viana do Castelo e Vila Praia de Âncora.

Na aplicação dos questionários deparamo-nos com diversos obstáculos: menor liberdade nas respostas em virtude da nossa presença e receio pela quebra do anonimato, embora este tenha sido assumido como compromisso de honra.

Não nos podemos esquecer de que as localidades são pequenas comunidades onde praticamente todos se conhecem e que basta um detalhe para proporcionar a identificação da pessoa. As histórias de vida estão recheadas de pormenores que muitas vezes provocaram lágrimas ao serem recordadas no momento da entrevista, mas que foram fruto de desabafos, o que nos induziu a ter uma vigilância rigorosa e desapaixonada sobre aquilo que devemos ou não contar.

Outro fator relevante foi o curto período para responder às perguntas, não se considerando um espaço alargado de tempo para pensar, que existiria caso a pessoa recebesse o questionário e depois o devolvesse.

Por ser aplicado a uma pessoa de cada vez, o trabalho tornou-se mais moroso, levando muitas vezes mais de duas horas no preenchimento de um questionário. Entretanto, esse “problema” contribuiu para que fizéssemos uma observação mais pormenorizada, conforme as anotações do nosso diário de campo.

Os dados recolhidos por meio do trabalho de campo, da aplicação dos inquéritos, das entrevistas, admitem um processo de “contextualização”, o que Geertz (2007) designa por “tradução”, não apenas no sentido de relatar o modo como as pessoas estruturam as suas vidas, mas sim a “apreensão” de seus “pontos de vista” em “nosso vocabulário” (p. 20). Nesse sentido, no momento das respostas, as pessoas acabavam por fornecer muitas informações adicionais – gestos, olhares, reminiscências – e isso fazia com que, mal nos separássemos, fôssemos apressadamente anotar essas observações no diário de campo.

2.6 Entrevista

Após a aplicação dos 60 inquéritos válidos, existindo a necessidade de diversificar e ampliar a amostra, realizamos igualmente entrevistas (registro qualitativo intensivo) às mulheres dos pescadores de bacalhau. A nossa escolha recaiu sobre aquelas mulheres que se mostraram mais disponíveis a falar, e, no sentido de diversificar a amostra, procurou-se entrevistar uma representante de cada localidade.

Para isto foram efetuadas entrevistas semiestruturadas apoiadas num guião previamente elaborado, que nos norteou na recolha de testemunhos. Estas questões foram feitas às entrevistadas, sem uma disposição inflexível, o que consentiu àquela entrevistada poder falar “à vontade”, conquanto sempre fosse praticável reencaminhar a entrevista, caso esta se distanciasse muito do roteiro. O tempo dado à entrevistada para responder às questões não foi pré- estabelecido, de modo a permitir o falar naturalmente. As entrevistas foram efetuadas a mulheres portuguesas com baixo nível de escolaridade e oriundas das diversas regiões dos país. Ao todo realizamos 8 entrevistas a mulheres com idades entre os 58 e os 90 anos de vida.

Diligenciando saber quais eram os impactos da atividade pesqueira na vida conjugal, familiar e socioprofissional e no sentido de obter uma melhor compreensão sobre

a conjugalidade, fizemos algumas perguntas de caráter mais íntimo, questões sobre aspirações, sentimentos, sexualidade.

O objeto central do nosso estudo é o que Elias denomina como “unidade referencial de observação e análise”, e concentra-se na representação dessas mulheres e de suas identidades. Nesse sentido, ao recorrermos às histórias de vida, procuramos ouvir as mulheres cujos relatos a respeito da vida familiar serviram para a obtenção mais robusta da descrição do modo de vida da época que investigamos, período marcado por privações e pelo temor causado pela guerra colonial.

Ribeiro (2008) trata a entrevista como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores (p. 141).

Deste modo, participaram das entrevistas mulheres que conviviam com pescadores de bacalhau, bem como alguns pescadores. As pessoas contactadas, e que aceitaram participar de livre vontade, tiveram salvaguardadas as identidades pessoais.

Figura 10 – Mulheres



Fonte: Marintimidades.blogspot.com

Capítulo 3 - Apresentação dos dados

Síntese da caracterização da amostra

A amostra desse estudo é constituída por mulheres com idades compreendidas entre os 53 e os 85 anos de idade, nascidas em 11 concelhos portugueses. Foram distribuídos 60 questionários nos concelhos onde as atividades piscatórias tiveram mais relevância. A administração do questionário teve início em dezembro de 2017 e foi finalizada em junho de 2018.

3.1 Resultados dos inquéritos

Com os inquéritos todos codificados, passamos ao tratamento estatístico dos mesmos observando as frequências, para em seguida analisarmos e interpretarmos os dados obtidos.

Optamos por não colocar as perguntas num só bloco, de modo a minimizar os efeitos indesejáveis de memória, e os “efeitos de halo” e “estilos de resposta”⁶.

A caracterização sociodemográfica traduz factos do dia a-dia das mulheres, questões relacionadas com idade, naturalidade, escolaridade, profissão, situação perante a profissão, etc., e que nos ajudam a tipificá-las.

O grupo estudado é constituído por mulheres de nacionalidade portuguesa, distribuídas de forma equitativa entre os seis concelhos escolhidos, apresentando idades compreendidas entre os 53 e os 85 anos de idade.

Tabela 1 – Idades das mulheres

Idade	n	%
53 a 60 anos	4	6,66
61 a 70 anos	14	23,33
71 a 80 anos	39	65
81 a 85 anos	3	5
Total	60	100

Fonte: Inquéritos 2018

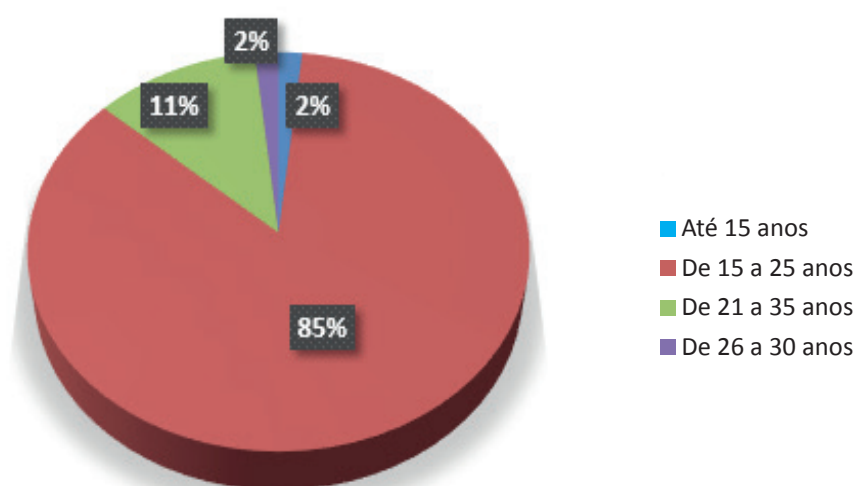
⁶ Tendência para usar a mesma resposta nas perguntas imediatamente anteriores.

Tabela 2 – Distribuição de mulheres por concelhos

Número de mulheres por concelho		
Concelho	n	%
Olhão	10	16,7
Ílhavo	8	13,3
Murtosa	5	8,3
Vila Nova de Gaia	13	21,7
Matosinhos	5	8,3
Caminha	2	3,3
Viana do Castelo	1	1,7
Vila do Conde	12	20
Póvoa de Varzim	2	3,3
Beja	2	3,3
Total	60	100

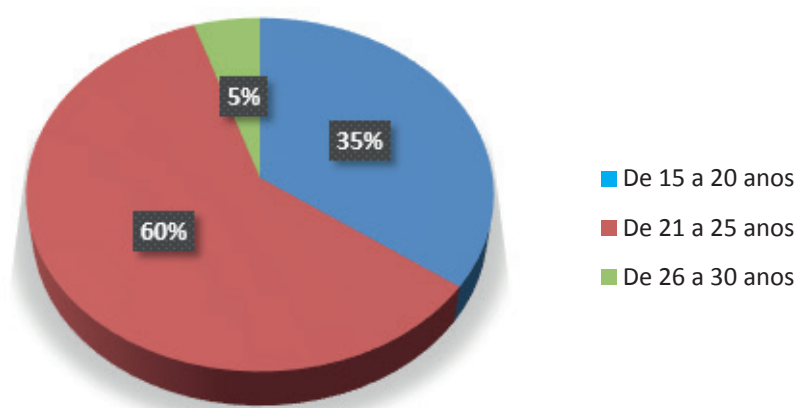
Fonte: Inquéritos 2018

De acordo com os costumes da época, as mulheres contraíram matrimónio ainda bem jovens, 85% das mulheres entrevistadas casaram-se com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos, e os maridos eram ligeiramente mais velhos, com idades entre os 21 e os 25 anos.

Gráfico 3 – Idade das mulheres ao contrair matrimónio

Fonte: Inquéritos 2018

Gráfico 4 – Idade dos homens ao contrair matrimónio



Fonte: Inquéritos 2018

O número de filhos andava à volta de dois ou três, considerando-se que nem sempre se referiram os que morreram, embora também tenham sido encontradas famílias com sete ou oito filhos.

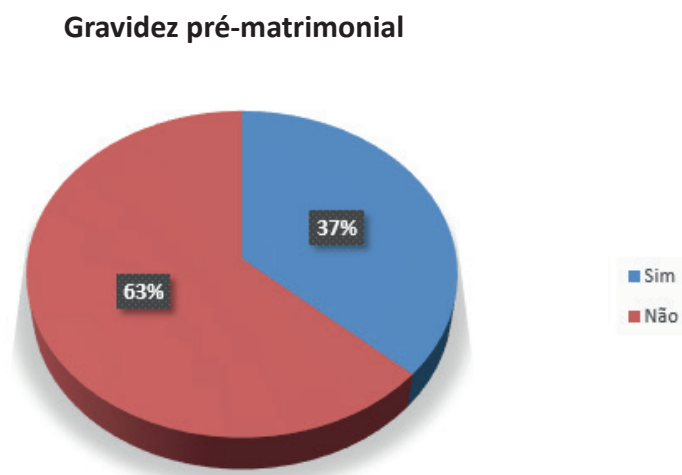
Tabela 3 – Número de filhos por família

Número de filhos	n	%
Nenhum	3	5
1 filho(a)	10	16,7
2 filhos(as)	16	26,7
3 filhos(as)	14	23,3
4 filhos(as)	6	10
5 filhos(as)	6	10
6 filhos(as)	2	3,3
7 filhos(as)	1	1,7
8 filhos(as)	2	3,3
Total	60	100

Fonte: Inquéritos 2018

Aproximadamente 37% das mulheres tiveram uma gravidez pré-matrimonial e, num universo de 60 mulheres, apenas quatro não tiveram filhos. Diante dos dados apresentados inserem-se na definição de famílias simples, que, segundo Almeida, trata-se de famílias constituídas por casais sem filhos, casais com filhos, pessoas viúvas, divorciadas, separadas, solteiras com filhos. (*cit.* Dias, 2010, p. 255)

Gráfico 5 – Número de mulheres que tiveram gravidez pré-matrimonial



Fonte: Inquéritos 2018

O capital escolar é notoriamente pobre, tanto para os homens quanto para as mulheres. Embora o número de mulheres entrevistadas que não sabiam ler e escrever fosse menor que o dos homens, 2% dos homens tinham o ensino secundário completo, enquanto nenhuma entrevistada chegara tão longe nos estudos.

Tabela 4 – Nível de escolaridade das mulheres

Condição	n	%
Não sabe ler nem escrever	4	6,7
Sabe ler e escrever, mas sem grau académico	41	68,3
Ensino Básico	15	25
Total	60	100

Fonte: Inquéritos 2018

Tabela 5 – Nível de escolaridade dos homens

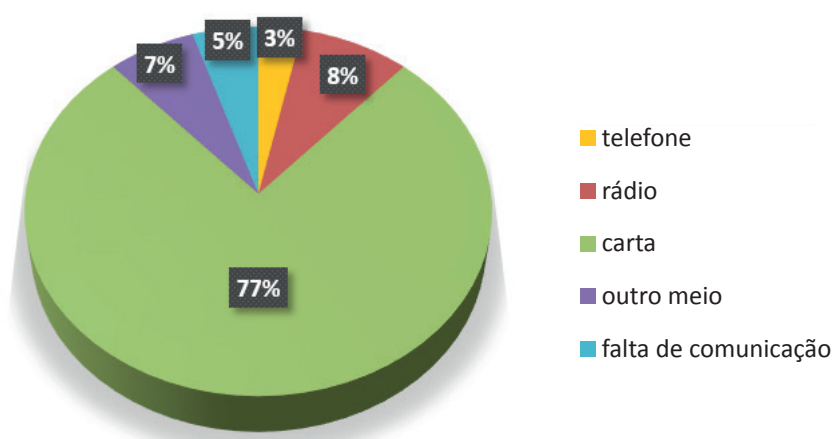
Condição	n	%
Não sabe ler nem escrever	10	16,7
Sabe ler e escrever, mas sem grau académico	41	63,3
Ensino Básico	15	18,3
Ensino Secundário	1	1,7
Total	60	100

Fonte: Inquéritos 2018

Apesar do alto índice de analfabetismo, a forma de comunicação mais popular entre os pescadores e suas esposas era através de cartas, e em segundo lugar, a comunicação dava-se via rádio.

Gráfico 6 – Meios de comunicação

Principais meios de comunicação



Fonte: Entrevistas 2018

As atividades profissionais desenvolvidas giravam em torno de trabalhos como vendedeiras, operárias fabris, empregadas de comércio, empregadas de limpeza. Esta última definição aparece como situação profissional quando solicitavam a reforma. Este era um artifício utilizado para encobrir o facto de que, embora ao longo da vida tenham trabalhado, não fizeram descontos e nem eram reconhecidas oficialmente como trabalhadoras. Além disso, era muito comum mulheres que, além de trabalharem na seca do bacalhau, também desenvolviam outras atividades, como o trabalho nas fábricas de conserva, pescadoras, etc., que foram agrupadas na categoria “diversos”.

Tabela 6 – Trabalhos realizados pelas mulheres

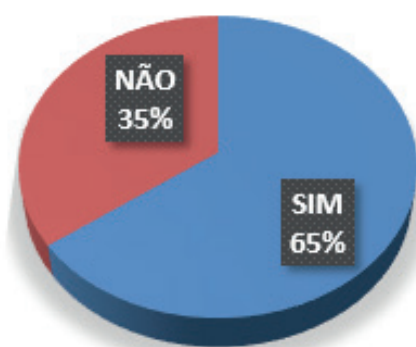
Trabalho	n	%
Vendedeira	20	33,33
Empregada doméstica	10	16,66
Conserveira	9	15
Diversos. Trabalhadoras não classificadas	7	11,67
Trabalho doméstico não remunerado	5	8,33
Empregada de comércio	5	8,33
Trabalhadora agrícola	1	1,67
Auxiliar de educação	1	1,67
Auxiliar de hospital	1	1,67
Costureira	1	1,67
Total	60	100

Fonte: Inquéritos 2018

Mais de metade das mulheres que participaram da pesquisa afirmaram que a profissão de pescador de bacalhau influenciou decisivamente na escolha do marido, e os motivos principais são o prestígio que a profissão tinha, além da esperança de bons salários e melhores condições de vida. Para quase todas, a pesca era fundamental para o sustento económico do lar.

Gráfico 7 – A profissão de pescador e a influência na escolha

**Influência da profissão de pescador
na decisão do casamento**



Fonte: Entrevistas 2018

Como os homens ficavam longos períodos ausentes dedicados à pesca, o momento da despedida era marcado por angústias, insegurança e saudade. Mais de 90% das mulheres relacionam a partida de seus maridos com o sentimento de tristeza. Embora a profissão fosse socialmente estimada, 60% delas não presenciavam a partida dos barcos e 90% sentiam-se infelizes na ausência do marido.

As campanhas duravam até seis meses e o momento do retorno era ansiosamente aguardado: 80% das mulheres afirmaram que estiveram presentes durante a volta das embarcações. Antes disso, todas elas se arranjavam e preparavam o lar para o retorno dos maridos, os preparativos incluindo grandes limpezas, aquisição ou confecção de roupas novas (sobretudo para as crianças), além de preparações de refeições especiais, compra de vinhos e, às vezes, algo para a casa; o que muitas vezes não condizia com o dia a dia duro e sofrido, onde frequentemente faltava até mesmo alimento durante as longas ausências.

«Quando meu pai vinha, minha mãe tinha sempre alguma coisinha. Mas “fominha” foi de morrer que nós passamos. Quando meu pai chegasse, meu pai perguntava: “Vós comestes, meus filhos, comestes bem?” E ela mandava nós dizer: “Comemos, pai” (Eduarda).

Após o retorno dos homens, aproximadamente 62% das mulheres prestavam satisfações dos gastos e atividades exercidas durante as campanhas; os motivos são diversos, mas principalmente por respeito ao chefe da família.

Tabela 7 – Motivos da informação

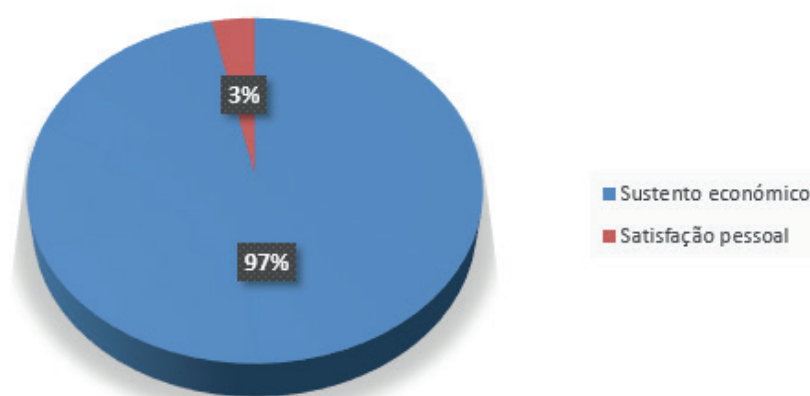
Motivos	n	%
Porque era o chefe da família	17	28,4
Marido que controlava o dinheiro	6	10
Precisava de autorização	2	3,3
Questão de respeito	17	28,3
Era a forma de estar do casal	2	3,3
Não dava satisfações	13	21,7
Outros motivos não declarados	3	5
Total	60	100

Fonte: Entrevistas 2018

A caracterização do contexto de socialização familiar trabalha questões que traduzem opiniões, atitudes e informações sobre a vida familiar, sendo as respostas a estas questões as que nos vão permitir estudar o tema e o grau de implicação das inquiridas em relação à conjuntura.

As mulheres contraíram matrimónio bem jovens, existindo uma pequena diferença de idade em relação ao marido, que já trabalhava na pesca do bacalhau. O trabalho era uma necessidade premente legitimada pelo fator de pobreza das famílias, o que levava os filhos a precisarem desde cedo contribuir financeiramente em casa. Por outro lado, o facto de os homens “andarem ao bacalhau”, como popularmente eram designados, criava alguma expectativa de uma vida um pouco mais desafogada financeiramente, já que estes recebiam um ordenado fixo em cada campanha.

Gráfico 8 – Importância da profissão de pescador de bacalhau



Fonte: Inquéritos 2018

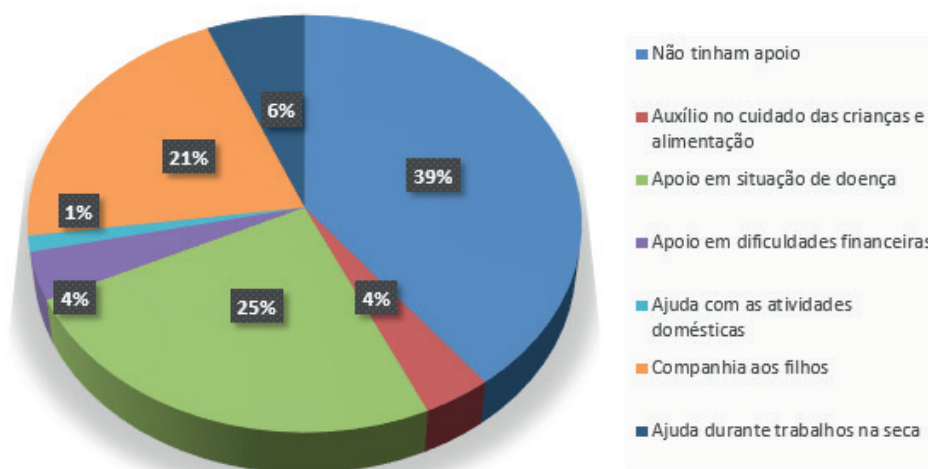
O resultado dos ganhos obtidos pelo marido e pelas atividades diversas das mulheres na comunidade permitiram a aquisição de casa própria, que hoje se apresentam totalmente diferentes das originais, pois foram sendo acrescidas e modificadas ao longo do tempo, marca de uma melhoria qualitativa.

Os apoios sociais e a rede de entajuda dizem respeito às diferentes modalidades de participação dos pais e amigos na vida em comunidade.

Tendo em conta as dificuldades expressas no contexto do desenrolar da vida no dia a dia e as necessidades de obter fatores imprescindíveis para o bem-estar, verifica-se a carência que subsistia e que induzia a recorrer a uma rede social de apoio, uma rede de relações interpessoais existente na vida dessas mulheres composta pela família que ia sendo aditada à dimensão em que se abarcavam os amigos e os vizinhos.

Gráfico 9 – Ajudas recebidas

Tipo de ajudas que recebiam dos pais e dos sogros



Fonte: Entrevistas 2018

A maioria das mulheres tinha conhecimento da existência de programas de apoio social, e pelo menos 50% delas chegou a receber algum tipo de ajuda nesse sentido. Para além dos apoios sociais, a rede de ajuda entre as mulheres era forte: 88% afirmam existir muita solidariedade entre as mulheres, principalmente durante as longas estadias dos maridos nas companhias. As mulheres, conscientes da vida difícil que abarcava a realidade de quase todas elas, ajudavam-se principalmente em momentos de doença e também ajudavam-se umas às outras com os cuidados dos filhos.

Tabela 8 – Apoios que recebiam

Tipos	n	%
Atividades de lazer em conjunto	9	15
Cuidados com as crianças	3	5
Amparo em situação de doença	42	70
Dificuldades financeiras	2	3,3
Companhia na ausência dos maridos	1	1,7
Apoio quando trabalhavam fora	3	5
Total	60	100

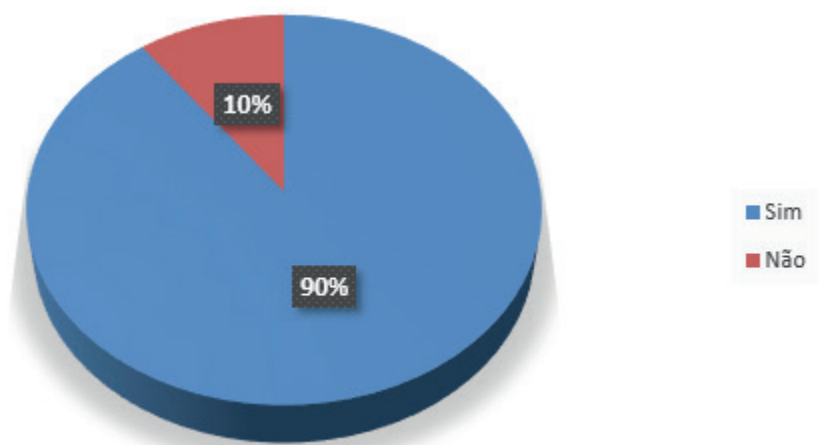
Fonte: Entrevistas 2018

As cartas eram sem dúvida o meio de comunicação mais popular entre as mulheres e seus maridos, ainda que a escolaridade fosse baixa naquele momento. O rádio, além da função de entretenimento, também servia como canal de comunicação e transmissão de notícias, sendo encontrado em pouco mais de 70% das residências das mulheres entrevistadas, enquanto a TV só estava presente em 11% dos lares. Aquelas famílias que não possuíam rádio procuravam casas vizinhas para acompanhar as notícias e também podiam ir à Casa do Povo, onde coletivamente podiam ouvir as transmissões.

A rede de apoio familiar era muito importante, pois todas as mulheres afirmam que a vida era muito difícil em vários aspetos: longas ausências dos maridos, a grande responsabilidade que as mulheres tinham de bem gerir o dinheiro recebido pela pesca. Além de dar conta da casa e da educação dos filhos, muitas também auxiliavam os pais, sogros e irmãos mais novos.

Gráfico 10 – Solidariedade e ajuda entre as mulheres

Tipo de ajudas que recebiam dos pais e dos sogros



Fonte: Inquéritos 2018

Além de todas essas obrigações inerentes ao papel de boa esposa, elas tinham que trabalhar fora de casa como forma de complementar a renda, além de zelarem pela moral e imagem da família.

3.2 Análise dos valores

No intuito de produzir um retrato do universo de algumas portuguesas esposas e filhas de homens cuja principal fonte de sustento era a pesca do bacalhau, mulheres que viviam

à espera dos embarcadouros, que enfrentavam corajosamente a incerteza do dia a dia ou a tragédia e que recebiam os homens esqueléticos e exaustos que chegavam em outubro, fomos ao encontro de oito mulheres que generosamente acederam a contar-nos um pouco de suas histórias de vida e experiências.

Socorrendo-nos de conceitos e noções de distinção, procuramos analisar as construções de suas dimensões identitárias, e simultaneamente apresentando o ensejo de o entrevistado ter toda «a liberdade de discurso e de pensamento, tendo apenas como referência o seu quadro de valores e utilizando o seu próprio vocabulário» (Ghiglione e Matalon, 1993, pp. 96-97, *in* Dias, 2010, p. 243).

Era nosso objetivo conseguir anuência para efetuar o registo em áudio de modo a obter a máxima quantidade de informação, e a eventualidade de poder ouvir amiudadamente as gravações áudio, que segundo Kvale (1996) «facultam ao investigador a possibilidade de atentar em elementos simbólicos do contexto da entrevista que logram obter relevância no processo de análise interpretativa: cenários, expressões faciais e /ou expressões corporais (pp.160-161).

O facto de não termos obtido, na maioria dos casos, o consentimento para gravar levou-nos a recorrer a uma ficha sinalética de forma a possibilitar os apontamentos de componentes observados que julgamos serem significativos no decorrer das entrevistas, dados importantes para a análise da informação.

No decorrer do trabalho, chegámos à definição de quatro parâmetros a partir dos quais entendemos que os processos identitários podem ser pensados e analisados, com base na grelha de análise dos valores de White: valores essenciais , valores sociais, valores práticos e valores emocionais (Bardin, 1997, p.121).

3.2.1 Valores essenciais

O primeiro parâmetro refere-se aos valores essenciais, como a alimentação. Um dos temas de maior recorrência durante as entrevistas foi a dificuldade de manter uma alimentação adequada, dificuldades que se estendiam a todos os membros da família, principalmente na ausência dos maridos, atingindo mulheres e crianças que, muitas vezes, trabalhavam nos campos em troca de um prato de comida ou mesmo de receber alguns tomates, batatas e hortaliças em geral. Outras mulheres, ao trabalharem no campo, levavam também seus filhos, a fim de conseguir também para eles uma alimentação melhor durante o dia de trabalho duro e, dessa forma, economizavam o pouco de dinheiro ou alimentos que recebiam, pois não precisavam fazer refeições em casa.

Na alimentação deficitária está subentendida a relevância das estratégias de sobrevivência, como o recurso a provisão alimentar vinda principalmente das hortas caseiras: «*em casa era umas papas, um caldo com umas hortaliças*» (Teresa, 81 anos de idade). Para outras, os produtos das hortas vinham para complementar a alimentação: «*A pesca foi sempre o nosso sustento de vida, na horta tinha muitas hortaliças*» (Ana, 78 anos).

Outras estratégias eram pequenas criações de animais, a ampliação da jornada de trabalho, o não comer fora de casa e o recurso ao crédito nas mercearias, que fiavam até o regresso dos barcos: «*Ganhávamos hoje para comermos amanhã. A minha mãe usava muito o livrinho de contas de fiar, mas nunca deixou mal o merceeiro*» (Filomena, 77 anos).

Durante as longas ausências dos maridos, as mulheres procuravam manter hábitos simples para poder preparar algo especial para o retorno dos mesmos, «*o comer enquanto ele estava fora era bem simples*» (Joana, 75 anos de idade).

Apesar das dificuldades e de muitas vezes a fome ser uma realidade dessas famílias, as mulheres entrevistadas buscavam demonstrar que, mesmo diante da realidade precária, conseguiam algumas vezes ladear as situações de fome, seja através do apoio de outras mulheres – «*(...) uma [comida] levava de casa, outras saíam ao meio dia e vinham ao meio do caminho as mães (...) e comíamos assentadas numa pedra. Tavam lá umas senhoras a fazerem chá para quem quisesse chá, mas se nós... tínhamos que pagar. Chá e um pão*» (Glória, 78 anos) –; seja buscando alimentos alternativos – «*nós comíamos tudo! Outro dia era mexilhões, depois eram ouriços. Nós tínhamos sempre de comer*» (Adélia, 86 anos).

Para essas mulheres, era muito importante preservar os maridos dos problemas financeiros na ausência deles. Para isso, estratégias como a preparação de pratos especiais, compra de vinhos e preparativos na casa eram comuns, somente quando estes chegavam. Exerciam também bem o controlo sobre as crianças, que eram impelidas a negar a realidade dura que passavam durante as campanhas. «*A gente andava no meio da erva e lavava os dedos naquela água e comia... Comia nabos, Olha... era a boca cheia de 'trampa', cheia de terra, era tudo prà boca. Mas "fominha" foi de morrer que nós passamos. Quando meu pai chegasse, meu pai perguntava: "Vós comestes, meus filhos, comestes bem?" E ela mandava-nos dizer: "Comemos, pai". Era sempre "migas" de farinha, "migas" de farinha. E comíamos...*» (Maria Eulália, 58 anos).

O regresso dos homens eram aguardados pelas esposas, para além dos motivos óbvios da saudade e preocupação, também com a esperança de bons ganhos para sustentar a

família, juntar o dinheiro para aquisição de bens, quando possível (casa, o barco próprio, por exemplo).

Embora o meu pai trouxesse sempre óleo de fígado de bacalhau, isso não era o petisco preferido. As latas enormes, de três ou cinco quilos, de margarina e manteiga eram uma autêntica delícia para o nosso pequeno-almoço. As caras, as línguas de bacalhau ainda não eram as iguarias de hoje para nós. (Milhazes, 2009)

A saúde também se insere na classificação dos valores essenciais. Segundo Bourdieu (2008),

o corpo é a objetivação mais irrecusável do gosto de classe, manifestado sob várias maneiras. Em primeiro lugar, no que tem de mais natural, na aparência, ou seja, nas dimensões (volume, tamanho, peso) e nas formas (redondas, rígidas ou flexíveis, retas ou encurvadas) da sua conformação visível, (...) a distribuição entre as classes das propriedades corporais é determinada, por um lado, através das diferenças em matéria de consumo alimentar que, por sua vez podem perpetuar-se para além de suas condições sociais de produção (p. 179).

Deste modo, a saúde da população está intimamente ligada com a alimentação e também aos “estilos de vida”. *«Era a o destino da gente, meu marido ficou muito doente, e nunca mais teve saúde. Um filho lá ficou ... (a vida tem dessas coisas) sumiu no mar...»* (Berta, 73 anos).

Nos momentos de dificuldades, sejam elas financeiras ou relativas a problemas de saúde, as redes de solidariedade eram imprescindíveis. Este é o papel da comunidade. Segundo Bauman (2003), as comunidades organizam-se buscando a proteção de seus membros e, apesar de a comunidade ter mudado ao longo do tempo e conforme o desenvolvimento do capitalismo, neste momento descrito pelas mulheres, a comunidade tinha o papel de proteger e ajudar os seus membros mutuamente. *«Minha mãezinha sempre foi muito doente. Eu desde pequenina já tomava conta da casa»* (Joana, 75 anos).

Fica evidente o papel conferido às mulheres, que além das responsabilidades com a sua família nuclear, também eram responsáveis por socorrer familiares próximos: *«Depois a minha mãe morreu, depois de eu casar um ano a minha mãe faleceu, o meu pai tá mais cego devido às cataratas ele ficou cego e eu fiquei com esses meus dois irmãos, a olhar por eles»* (Glória, 78 anos).

Como o retorno dos maridos nem sempre era garantia de bons ganhos financeiros, as mulheres poderiam recorrer a auxílios destinados às famílias dos pescadores. Não sendo também suficientes estes recursos, muitas delas se viam obrigadas a se desfazerem de objetos de família, a fim de complementar a renda ou de solucionar problemas mais emergenciais: *«Eu era muito doente... tinha doenças de ouvidos, de garganta... E meu pai vinha triste porque o pouco dinheirinho que tinha era para pagar a farmácia, que fiava a nós dos seis meses que lá estava... porque o pai só quando vinha aos seis meses é que trazia um dinheirinho e o pouco que trazia era para pagar a farmácia para mim, porque eu era muito doente, na época de menina. Então a minha mãe tinha um cordão, todas as irmãs têm um cordão. Então, um dia eu perguntei a ela: “Mãe, as suas irmãs têm um cordão, tu não tens cordão?” Ela disse: “Não, Maria, para tu estares viva, até o cordão foi. Eu não tenho cordão porque eu dei o cordão à farmácia para pagar a dívida que o teu pai andou lá seis meses e não ganhou nada. E eu então, com o cordão, paguei os medicamentos de seis meses. Para ela poder fiar outros seis quando o teu pai fosse»* (Maria Eulália, 58 anos)

Compreender o escalão de segurança do sentido de unidade familiar é reconhecê-lo como a consequência dos procedimentos que sobrevêm dentro do agrupamento familiar conforme os recursos utilizados. Os meios obtidos através dos proventos da atividade pesqueira eram resultantes da única opção que se lhes apresentava mais lucrativa – *«Naquele tempo todos iam à pesca, ou para o bacalhau ou por aqui, mas no bacalhau sempre ganhavam um pouquinho mais...»* (Joana, 75 anos) –, embora o perigo estivesse sempre presente: *«Naquele tempo todos precisavam ganhar algum dinheiro e os rapazes pensavam logo em ir para o bacalhau»* (Berta, 73 anos). Os rapazes ingressavam ainda jovens na profissão de pescador de bacalhau, às vezes por não haver outras oportunidades, outras, pelo *statu* da profissão. *«O meu marido foi para o mar com 15 anos, e com 17 para a pesca do bacalhau. A mãe ficou viúva e era preciso ajudar em casa. Aqui na região a profissão de pescador foi sempre bem vista, era o modo de vida dos homens. Mas só quem viveu é que sabe como foi difícil»* (Mafalda, 90 anos)

Enquanto os homens andavam ao mar, as mulheres trabalhavam em diversas ocupações. Algumas iam para o campo, outras trabalhavam nas fábricas de conserva, na seca do bacalhau, no comércio e até mesmo faziam trabalhos esporádicos como domésticas. A maioria delas tinham duas ou mais ocupações no mesmo período e, apesar de estarem sempre a trabalhar arduamente, os ganhos eram baixos e serviam mesmo

para complementar a renda. «*Não se ganhava nada! Era... era uma miséria! Nós não tinha descontos, era só para o seguro, que mal descontava, nunca se descontou nada prà reforma daqui, na Afurada*» (Glória, 78 anos).

Em outros casos, o que deveria ser apenas uma complementação da renda acabava por se tornar a principal fonte, visto que os pescadores ganhavam por campanha e os ganhos eram relativos à quantidade de bacalhau que conseguiam pescar: «*O meu pai nunca foi grande pescador e então não ganhava dinheiro nenhum. Era o pagamento, não havia dinheiro. Nós íamos por causa de trazer umas batatinhas, umas cebolas e umas coisinhas... Depois, meu pai como veio aqui prò mar... já os meus irmãos... ajudou a criar os meus irmãos, depois eu já tinha uma vida melhor*» (Maria Eulália, 58 anos).

No bairro, o sítio onde os residentes se reconhecem, sociabilizam, geram vínculos afetivos e sentimentos de pertencimento, através da prática de ritos, *habitus* e costumes, é igualmente o local onde se verificam as situações de violência, problemas com a infraestrutura, a falta de serviços, etc. Segundo a conceção de Bourdieu (1997), no bairro percebem-se as fronteiras construídas simbolicamente por moradores já estabelecidos (Elias, 2002).

As moradias eram simples, foram construídas no período do regime do Estado Novo para acomodar os pescadores e suas famílias. Os bairros muitas vezes eram afastados dos locais de pesca e dos centros comerciais, o que de início significou uma certa resistência das próprias famílias em ocupar esses espaços: «*Uma casinha pequena sem água, sem luz, tinha que ir buscar água à fonte e a luz era do candeeiro de petróleo*» (Maria das Mercês, 85 anos).

Além da precariedade das instalações – «*Todos numa casita pequena, sem quarto de banho, e quando chegava o inverno parecia que o frio entrava por todo lado...*», o bairro também servia como uma forma de controlo social, visto que todos se conheciam (era um bairro designado aos pescadores) e as casas muitas vezes eram divididas com pessoas que estavam fora da família nuclear. «*Com muito custo compramos a casita, era pequena, nada como o que a senhora vê hoje. Com o tempo fomos arranjando, e ainda hoje no verão alugo dois quartos, e ficamos vivendo lá nos fundos. O dinheirinho ajuda.*» (Quitéria, 79 anos).

Durante as entrevistas, foi possível perceber que muitas vezes os moradores dos bairros dos pescadores (sobretudo as mulheres) se sentiam mesmo a viver em um modelo panóptico, onde se sentem «sob observação contínua e de que nenhum afastamento da rotina, por minúsculo e trivial que seja, passará despercebido (...) lugar onde podiam ser vigiados e punidos por qualquer quebra de rotina». (Bauman, 2003, p.35)

3.2.2. Valores sociais

Em conformidade com o pensamento expresso por Bartle (2011), o conceito de comunidade não é simplesmente uma elaboração, mas sim uma “construção sociológica”. Um agrupado de interações, condutas humanas, com significados e expectativas entre os seus membros. Não se trata unicamente de atividades isoladas, mas de um combinado de ações que fruem da repartição de expectativas, de valores, certezas e significados entre os indivíduos.

Para Bauman (2003), «numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçamos e caímos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça».

A matriz de família patenteada nas sociedades contemporâneas, como sendo basicamente um espaço de afetos e de solidariedade, é gerada e mantida através dos laços de sangue ou de aliança (formais e informais) (McKie, 2005, p. 16; Kellerhals *et al.*, 1989, p. 52). Defende Isabel Dias que, todavia, tais sociedades caminham para uma pluralidade de modelos de vida em comum, que coexistem com memórias e representações dos modelos familiares passados (Dias, 2007, p. 163).

Os jovens, uma vez inseridos no contexto da comunidade dos pescadores, em geral iniciavam seus relacionamentos à distância, muitas vezes por carta, e, quando podiam estar presentes, estavam sempre sob os olhares de vigilância, ou da família ou dos vizinhos. A fase do namoro não costumava durar muito, e logo contraíam matrimónio. «*E começamos a trocar uns olhares... Quando embarcou começou a escrever, as cartas demoravam a chegar; mas o namoro foi crescendo. Namoramos 9 meses, seis meses no mar e três cá, e resolvemos casar.*» (Francisca, 77 anos).

A realidade dos pescadores era de longas ausências e, por consequência, muitos homens não conseguiam acompanhar as gestações das esposas, muitas vezes nem mesmo o momento do nascimento dos filhos. «*E comecei a namorar o meu marido, um rapaz da Afurada, que já ia para o mar, mas ainda era moço. Depois de dois anos de namoro casamos, eu ia grávida de 4 meses, ele embarcou logo e só conheceu a filha quando chegou.*» (Adelaide, 87 anos).

A vivência matrimonial depende de múltiplos fatores, desde a personalidade do casal, que pode ir mudando ao longo da relação, ao tipo de intimidade existente e ao conhecimento dos anseios e expectativas que cada um possui em relação ao parceiro. Porém, outro traço recorrente era a falta de informações e preparação, principalmente das mulheres com relação ao casamento, matrimónio e a vida sexual.

“Eu precisava casar, a gente quando não é casado só faz asneiras, não pensamos na vida. Mas a minha mulher é uma criança, ainda só tem 17 anos e às vezes cabeça de 12. Levei-a para a casa que comprei com o que amealhei e outra ajudinha do meu pai. Pois a cachopa piscou-se e fugiu para a casa da mãe dela! E dizia que tinha medo de mim e quando eu queria levá-la começava a gritar feito tolinha. Foi um fiasco lá na Fuzeta, com o pagode todo a ver a cena” (Vieira, 2010, p. 133).

Bourdieu e Passeron (2008) explicam a violência simbólica como «[...] todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações» (p. 25).

A violência (simbólica ou não) era traço comum nos matrimónios. «É, eu namorava o meu marido, mas os meus pais não queriam. O meu marido na ocasião era um bocadinho assim rude [...] eles não queriam porque não queriam que eu me encontrasse cum ele». E também nas famílias nucleares. «Depois casei nova pra fugir de casa, pra fugir daquela prisão.» (Glória, 78 anos).

À luz de Durkheim (1977), a importância da família residia nos relacionamentos das pessoas entre si e com os seus bens materiais. De acordo com esse entendimento, classificou os laços de família diferenciando-os como pais, filhos e parentes de sangue. «Sempre me dei bem com a família, tanto a dele como a minha. As pessoas aqui são amigas uma das outras.» Importa salientar que, diante das dificuldades e das obrigações de uma “boa esposa”, as mulheres podiam contar com essa rede de ajuda dentro da comunidade, e os integrantes dessa rede eram frequentemente familiares. Porém, havia também uma forte solidariedade entre as mulheres esposas dos pescadores: «Sim, sim sim! A minha sogra ficava com a minha para eu ir ao tanque lavar, eu pedia à minha sogra e ela dizia “Vai!” Eu ia lavar e vinha e ia buscá-los. A gente morava pertinho uma da outra... ia buscá-los...» (Glória, 78 anos).

Cada família em particular confere aos seus membros múltiplas influências; estas abrangem credos, memórias físicas, experiências de vida, e diversos agentes relacionados com o meio ambiente onde foram concebidos. É natural que no passar da vida haja situações que traga amargura e ressentimentos, fruto originado e consolidado na família onde se nasceu. «A minha mãe era má. Era muito má. Era uma vida muito triste, muito triste, que a gente passou, muito triste. Às vezes a pessoa não é alegre, há coisas que marcam, há coisas que marcam... Porque a minha mãe e meu pai eram muito envergonhados. Podíamos morrer de fome dentro de casa que ninguém sabia. E aí de nós que nós falássemos. E ia aquele segredo que ninguém falava ou sabia... e então os meus irmãos, depois começaram a ir uns para cada lado, foram para a casa das minhas avós,

e então minhas avós começaram a ajudar a tomar conta, porque eu não podia porque era muito fraquinha (...) porque eu era a mais velha, dos dois lados, dos dois lados, e eu era muita 'coisa' para meus avós.» (Maria Eulália, 58 anos)

Os relacionamentos de benquerença e amizade ocupam um importante lugar ao longo do desenvolvimento humano. Abarcando várias configurações como habilidades sociais, saúde, qualidade de vida, os amigos executam um relevante papel para as melhorias na qualidade de vida: *«Os vizinhos eram tudo família, as gentes ajudavam, era uns pra os outros»* (Mafalda, 90 anos).

Os laços de amizade eram importantes, significavam o abrandamento de uma vida tão dura, com dificuldades que iam desde o sustento e a gerência do dinheiro e da casa, passando pela educação dos filhos, e desembocando em trabalhos coletivos árduos, como a seca do bacalhau. *«Nós aqui era... Somos uma gente leal umas às outras. Amiga: "Ó fulano, ó cicrano, ó baltrano, quer andar comigo? Andar ali? Vamos assim? Vamos assados?" Nós vamos!... Ou então se pedisse a uma vizinha minha se ia aqui, ou aqui ou ali: "Olha, tenho as crianças a dormir", "Vai embora, que eu boto os olhos". A gente não tinha medo de nada, não... aqui era tudo uma família...»* (Glória, 78 anos).

As amizades e as redes de apoio eram como «um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado» (Bauman, 2003, p. 7).

3.2.3. Valores práticos

Mulheres de fibra, viúvas em vida porque os maridos andavam no mar, de abril a outubro, sozinhas assumindo temporariamente os dois papéis sociais, garantindo o sustento das famílias. Ao longo do século XX, essas mulheres desempenharam diversas funções, muitas vezes ainda enquanto meninas: *«Eu com sete anos já ajudava em casa e ia fazendo uns trabalhinhos»* (Antónia, 83 anos).

As tarefas domésticas estendiam-se além dos cuidados com a casa e com a educação das crianças. *«Isso era a costureira que fazia. Eu fazia as meias, 15 a 20 pares pra cada um. Eles levavam os sacos, punham em baixo do colchão, ah, também o colchão era feito em casa, um saco cheio de palha de cevada. Depois iam guardando a roupa suja. Na volta a gente lavava tudo, era difícil, aí eu começava a arrumar outra vez, a que era composta aremendava eu, a roupa composta era feita por mim, tinha quem não sabia fazer, mas eu fazia... Fazia tudo pra os meus filhos. [...] Eu trabalhava aqui e ele ia*

para o bacalhau para a Terra Nova, se não pescasse tudo, ainda ia prà Gronelândia. Quando chegava, mal ficava em casa, procurava logo o que fazer. Era um homem muito trabalhador» (Maria dos Santos, 85 anos).

Além das tarefas domésticas, as mulheres procuravam formas alternativas para complementar o sustento, porque muitas vezes o dinheiro trazido pelos pescadores “não chegava”. As mulheres trabalhavam em diversas funções. *«A gente andava sempre a trabalhar, trabalhava em tudo o que se podia. A gente ia juntando tudo o que podia, não desperdiçava em nada... Foi uma vida de trabalho, tivemos um filho atrás do outro, cinco no total... Íamos carregadas de peixe, pra cá, a gente vendia o peixe para os lavradores»*. Além do trabalho duro, as mulheres também eram as grandes administradoras do lar e dos bens. *«Trabalhei nas fábricas, ia ao argaço, comecei a comprar e a vender, tínhamos um barco e eu tratava de tudo»* (Maria Viana, 74 anos).

A profissão de pescador de bacalhau, além de garantir a dispensa da tropa, tinha um certo prestígio social, influenciando inclusive na escolha do parceiro. Porém, não era suficiente para livrar as famílias das dificuldades: *«Quando a gente casava já sabia o que nos esperava, meu pai também andava no bacalhau e eu via a vida de minha mãe, o sofrimento foi sempre grande, muito trabalho, muitas lágrimas caíam... Enquanto eles pescavam, aqui a gente fazia o que era preciso, trabalhava no que aparecia, a vida é feita de sacrifícios. Mas sempre trabalhei desde pequena»* (Mafalda, 90 anos).

Quase todas elas chegaram a trabalhar na seca do bacalhau, seja enquanto solteiras para colaborar com o sustento do lar, seja depois de casadas, a fim de obter renda complementar: *«Meu primeiro trabalho foi na “seca”... Estava ali de manhã até quase à noite o bacalhau a secar. Mas sempre nós [...] depois de estar tudo estendido o bacalhau, depois de comer ao meio, eram horas. Cinco horas, cinco e meia, lá a encarregada chamava-nos para nós irmos recolher os bacalhaus, a trabalhar na seca anos, anos, minha senhora, e num cativeiro era só para o seguro. Nós trabalhava muito, e as dos lavadouros que era a seca dos lavadouros, eram mais roceiras a trabalharem»* (Glória, 78 anos).

A linha que separava a infância da vida adulta de trabalho era tênue, o que levava a uma baixa escolaridade, sobretudo às mulheres: *«Comecei a ajudar a minha mãe, tinha prà aí uns 9 anos, só andei na escola até à segunda classe, e depois fui aprendendo a vender o peixe, éramos muitos e enquanto meu pai andava no bacalhau, e eu então comecei a ir sempre com ela.»* Era importante que todos ajudassem no sustento do lar: *«E minha mãe trabalhava na lavoura, nós tínhamos uma vaquinha, tínhamos porcos,*

tínhamos tudo e toda gente em casa trabalhava à ajudar a mãe, porque o pai só quando vinha aos seis meses é que trazia um dinheirinho e o pouco que trazia era para pagar a farmácia para mim , porque eu era muito doente, na época de menina» (Maria Eulália, 58 anos).

Algumas mulheres, no momento da entrevista, tinham vergonha de assumir uma condição de precariedade, bem como outras tinham vergonha de assumir que recebiam auxílios do governo, sendo ainda mais necessário o trabalho feminino. *«De maneira que eu tinha que trabalhar, pois eles precisavam comer, vestir... Ah, passamos muito! O povo de agora não passa nada... Agora é tudo... Olhe, agora é tudo um mar de rosas prà vista do mundo antigo, é um mar de rosas... Antigamente o povo passou muito... De maneira qu'eu vivia de lavar, uma senhora chamou-me: Ó minha senhora, olhe, quando puder venha aqui. E eu fui lá. Fui lá e ela disse: Olhe, com o seu marido fora e você tem esses meninos, se você quiser pra lavar a minha roupa, e eu arranjo mais uma senhora pra lavar.» Além das redes de apoio: «Porque a reforma é muito pequena. Foi um senhor que m'arranjou, se não fosse ele, eu não tinha, mas, coitado, disse: “essa senhora precisa, tem muita necessidade... ficou a criar uns poucos de filhos sem pai” ...» (Adélia, 75 anos).*

Além do difícil trabalho remunerado, havia também aquele trabalho que na altura era considerado intrínseco ao trabalho feminino: *«Para o rio. Lavávamos e botávamos a secar no rio... eh.... na areia. Tava seca, botávamos novamente pra um saco e vínhamos embora com a roupa, já preparadinha. Levava... Levava mais que um dia, porque era muita roupa, e a gente... lavava praí uns 4 dias» (Teresa, 82 anos).*

3.2.4 Valores emocionais

Nem sempre era possível enviar aos entes queridos, que estavam lá distante nos mares gelados da Terra Nova e da Gronelândia, mensagens de saudades. Durante o período em que durava a campanha, as comunidades piscatórias que estudamos ficavam completamente desertas de homens, ali permaneciam apenas as mulheres que tinham a seu cargo manter a casa, educar os filhos e, sem meios financeiros, estas corajosas mulheres viviam em função das notícias que muito raramente vinham.

Por contradição, a sociedade da época era marcada por muitas pessoas (tanto homens quanto mulheres) que eram analfabetas, e o meio de comunicação mais popular era a carta, e em segundo lugar o rádio: *«O meu homem de vez em quando mandava uma carta, era quando o barco ia abastecer, e eu pedia a alguém que lesse, por isso a gente*

pouco dizia... Quando podia a gente mandava uma encomenda, uns bolos secos, um pouquinho de peixe salgado, era pra melhorar o rancho». (Natércia, 74 anos).

Havia-se muitas formas de demonstrar o respeito e a admiração aos homens que se arriscavam com a pesca. Uma delas era das famílias se privarem de certos recursos, sejam eles materiais ou alimentares: *«Não saía, sempre vestida de roupa escura, lenço na cabeça. A gente desmanchava a casa, tirava os quadros, não usava a loiça boa... Os homens passavam muito lá fora e a gente aqui tinha, era preciso guardar respeito ao homem que andava no mar. Em minha casa era assim pois o meu andava no bacalhau, e na minha continuou a ser...»* (Berta, 73 anos).

Além disso, havia alguns “cuidados morais” que as mulheres deveriam ter na ausência dos maridos: *«Era nova e gostava muito dos bailaricos, a minha mãe não gostava de sair daqui pra acolá, como o pai dela também andava no bacalhau, tanto ela como minha avó viviam dizendo: “Vosso pai anda em cima das águas do mar, vejam lá o que fazem, cuidado para que ele não se envergonhe”, e essas regras sociais eram do conhecimento de todas. Toda a mulher séria sabia que tinha que guardar respeito ao marido, enquanto ele tivesse fora, não saía, só para trabalhar. Nos serões ficava a fazer malha e aos domingos juntava com as amigas, sentadas na soleira, a gente conversava, mas só podia falar sobre a vida e imaginar o que os nossos homens passavam. Quem tinha recebido carta contava as novidades. E a gente também escrevia e aproveitava para preparar encomenda para mandar, umas enguias, uns biscoitos, coisas cá da terra que a gente sabia que gostavam... Sempre tive muita saudade, mas quando ele chegava tudo mudava, parecia que a casa ficava mais cheia, tinha mais alegria, os filhos não saíam de roda dele, trazia muitos presentes. Com ele aqui já podia ir ao café, às vezes íamos ao cinema, também a Fátima para pagar as promessas que fazia quando ele tava no mar...»* (Aurora, 69 anos).

Estes sacrifícios que as mulheres faziam eram uma forma de serem “solidárias” com a vida difícil que os homens enfrentavam durante as longas estadias na pesca: *«Enquanto o pai andava fora, era muito trabalho, não íamos a lado nenhum, só a missa. A mãezinha vivia dizendo: eu sei lá se o teu pai está bem, vocês não devem esquecer que o pai anda no bacalhau, a vida é dura e ele trabalha muito pensando em vocês, e chorava muito... Depois casei, no tempo todo de casados ficamos mais tempo separados do que juntos, quando ele tava em casa tudo era bonito. Os filhos contentes, eu fazia a comida de que ele gostava, adorava arroz com feijão vermelho, um peixinho frito. Mas o tempo passava*

depressa. Saudades... e o meu homem já morreu... (Por longos minutos guarda silêncio, enquanto as lágrimas correm, a face enrugada, o preto da roupa, as costas vergadas, são os sinais exteriores da dor que a consome.) *Meu rico homem que falta me faz...*» (Mariana, 71 anos).

Da mesma forma que todas sabiam como se portar na ausência dos homens, sabiam também o que fazer para o momento do reencontro: *«Quando chegavam... A gente ficava sabendo já muito perto, aí era uma corrida pra arrumar tudo. Ia buscar palha para encher o colchão, queria ter tudo fresquinho, os filhos andavam numa alegria. Quando chegavam era uma festa, ia de camioneta, a camioneta vinha cá buscar-nos, levava guitarras pra eles tocar, aquilo era uma festa. Naquele tempo não havia cartas, nem telefone, nada...»* Além da festa do reencontro, também preparavam as crianças e os lares para a chegada daqueles que se sacrificavam numa vida morosa trabalhando no mar: *«Quando sabia que estava para chegar, limpava tudo em casa, fazia uma roupa nova para os filhos, eu também sempre estreava uma pecinha nova. Ia ao cabeleireiro fazer uma permanente, deixava tudo num brinquinho. Sempre havia umas coisinhas de lado, na horta tinha muitas hortaliças. E ia sempre esperar o barco a Matosinhos»* (Rosalina, 73 anos).

Pela tardinha, as mulheres sentavam-se nas soleiras de suas portas, gozando a brisa fresca que soprava do mar, e aí remendavam, bordavam, faziam croché, e à noite, depois do magro jantar, rezavam o terço.

Não raro, durante as entrevistas havia um clima nostálgico que muitas vezes traz à tona o sentimento de saudades da ausência do marido. *«Depois foi a vida, os filhos casados, os netos e há três anos meu marido ficou muito doente e uma filha que vive aqui trouxe a gente por causa do hospital. Meu homem morreu há uns meses... E eu aqui fiquei.»* E também de uma época que, bem ou mal, não volta: *«Foi tudo muito difícil. Foi uma vida de trabalho, tivemos um filho atrás do outro, cinco no total. Acho que era um por cada viagem... Tive que trabalhar muito, criar os filhos sozinha e poupar muito, mas conseguimos ter a nossa casa. Era bem difícil, mas tenho saudades, era também bonito»* (Ester, 69 anos).

Algumas mulheres, ao enfatizarem a vida difícil que tinham, fazem questão de balancear as histórias difíceis com bons momentos que tiveram, ou até mesmo mostrar que, apesar das privações e da violência conjugal que existia, haviam muitas coisas boas das quais vale a pena sentir saudades ou evidenciar: *«Quando ele vinha, não perguntava as*

contas mas eu dizia-lhe: “Tantos meses a tanto, gastei tanto, assim, assim...”, mas ele não queria saber, não senhora. Mas hoje é igual, hoje é igual, hoje também é igual. Posso ir com esta, com aquela, pr’ali, pr’acólá, passear e ele ainda próprio diz “oh a fulana vai ao passeio, assim, assim; você vai com ela? Oh sim, vai com ela”. Nisso... eu não tenho o que dizer, o meu neto está aqui, minha neta está aqui, que diga» (Glória, 78 anos).

E, por fim, a sensação de que tudo valeu a pena ser vivido, da maneira como foi: «Não sei... se tivesse casado com um lavrador talvez fosse diferente... criar os filhos quase sozinha, ficar imaginando os perigos... Eu sempre pude fazer o que era preciso, meu marido teve sempre muita confiança em mim, mas quando ele chegava dava-lhe conta de tudo, era uma questão de respeito. Penso que tivemos uma vida boa. Os filhos foram pra escola, era importante pra nós. Os dois estudaram, meu filho foi para a faculdade, sempre com muito sacrifício. Estudou no Porto, é engenheiro e agora vive na Alemanha. Tenho pena pois quase não vejo meus netos, tem dois meninos. Já fomos lá, mas não gosto daquilo...» (Joaquina, 77 anos).

Capítulo 4 - As dimensões identitárias

Fomos ao encontro de mulheres, esposas e filhas de pescadores que se reconhecem inseridas nas diversas comunidades piscatórias do país.

Ao conceber a estrutura do presente trabalho, a opção de escolha incidiu sobre os questionários e as entrevistas semiestruturadas. Foram planeadas perguntas abertas e fechadas, buscando criar um contexto análogo a uma conversa informal, mas que na prática levou-nos de encontro a um mundo emaranhado de circunstâncias, simbologias e comoções; como expõem (Demazière e Dubar, 1997):

Na escuta do (re)dito e do refeito na prática, compreender é deixar dizer-se e fazer-se o que é de dizer e fazer na projeção do possível e na revelação da proveniência esquecida do dizer e do fazer originais. As palavras dos sujeitos se expressam num diálogo marcado pela confiança, converte-se num potencial de expressão de sua experiência e das suas convicções, do seu ponto de vista e das suas definições das situações vividas.

Estes relatos foram feitos com muita parcimónia, muitas vezes os olhos derramaram lágrimas de dor e de saudades. Algumas mulheres agora viúvas recordam os maridos com respeito, longe vão os dias em que os seis meses de ausência dos homens obrigavam as mães a irem penhorar roupas e o ouro até que chegasse o dinheiro conseguido na viagem.

Será talvez difícil compreender, à luz dos dias de hoje, como era Portugal no século passado. Segundo Maria Filomena Mónica (1996), «Portugal mudou para além do que se julgou possível». O país era muito pouco desenvolvido, carecia de quase tudo, costumava-se mesmo dizer que existia Lisboa e que o resto era paisagem. «Os centros urbanos eram áreas minúsculas num espaço tomado e gerido pela população agrícola. Uma minoria de famílias senhoriais, proprietários e lavradores abastados e uma legião de criadas e criados de lavoura que competiam por uma malga de caldo» (Portela).

a) As privações sofridas

«Quando meu pai chegava, meu pai perguntava: “Vós comestes, meus filhos, comestes bem?” E ela, a mãe, mandava nós dizer: “Comemos pai”. Era sempre migas.» (Jacinta, 72 anos)

«Nem sempre tínhamos o que comer, muitas vezes eram as clientes que nos davam um pedaço de pão ou sopa. Aí dávamos em troca um peixinho, muitas vezes as lavradoras ofereciam presentes, batatas, feijão, que levávamos para casa.» (Ana, 79 anos).

«O meu pai arreava na minha mãe, ela para dar de comer aos 8 filhos quando ele estava embarcado ia para a bicha de caridade do padre.» (Inácia, 80 anos).

«Ah! Se fosse hoje, não casava... Casei com 18 anos, tive 7 filhos, morreram quatro. Ele vinha do bacalhau, ia embora e eu ficava à espera de mais um... O meu marido tinha 9 irmãos, ele e o pai andavam todos no mar. Quando ele tinha 15 anos a mãe pediu para que o levassem, lá andou 11 anos. Eu com tantos filhos pequenos não podia trabalhar, plantava umas couves e criava algumas galinhas. Mas o meu homem era pescador de 1.^a linha e graças a Deus sempre trazia um bom dinheiro. Quando ele estava em casa, havia fartura, não queria que nada faltasse aos filhos. Mas quando andava no bacalhau, eu apertava o cinto, à noite umas sopas já chegavam.» (Adelaide, 77 anos)

De acordo com Souza (2007):

Se as bases materiais da dominação de género estão explícitas, o mesmo não se dá quando se pensa na estrutura simbólica que as sustenta, o pressuposto da dominação simbólica é a sua assimilação natural e naturalizante, e para isso concorrem as várias instituições sociais. São múltiplas as instituições produtoras e reprodutoras de sentido: família, mundo do trabalho; escola, religião, Estado, etc. Essas instituições agem numa complexa cumplicidade orgânica dando sentido ao género e generificando os sentidos (p. 18).

b) O papel de cuidadora

Cabia às filhas mais velhas desempenhar o papel de cuidadora:

«Eu tinha cinco anos e já tinha que cuidar dos meus irmãos, era tudo uma grande porcaria, não havia fraldas, era preciso ir buscar água longe, passávamos fome, minha mãe saía para trabalhar e ficávamos lá ao abandono... O que me valeu foram os meus avós maternos que ao verem aquela vida triste levaram-me para casa, senão creio que teria morrido...» (Ângela, 80 anos)

«Mal a gente aprendia a andar e já era preciso ajudar, não havia água em casa, tinha que ir longe buscar. À noitinha, volta e meia a lamparina partia e a mãe mandava ir a correr buscar outra, eu tinha medo do escuro, mas como era a mais velha ninguém tomava conta de mim, eu é que botava os olhinhos neles...» (Conceição, 83 anos)

A baixa escolaridade leva à privação de oportunidades e é sem dúvida uma forma de violência o facto de um indivíduo não ter participado do contexto escolar ao longo do seu desenvolvimento.

«Andei na escola até os 9 anos, nem completei a terceira classe, os meus irmãos fizeram a quarta classe, todos pensavam que era mais necessário os rapazes aprenderem mais, para as raparigas chegava fazer umas contas e assinar o nome» (Maria Preciosa, 77 anos)

«Fui para a escola pouco mais de um ano, era preciso ajudar em casa, minha mãe teve oito filhos...» (Jacinta, 81 anos)

Como diz Giddens (1993):

A intimidade é acima de tudo uma questão de comunicação pessoal com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal. Nesse cenário, as mulheres tiveram um papel de revolucionárias emocionais da modernidade e prepararam o caminho para a expansão da intimidade.

«Nós vivíamos em Moncarapacho e o meu marido era de Olhão, ele começou a vir aos bailes e olhava-me e sorria, mas eu não confiava nele, dizíamos que os de Olhão não eram de confiança e achava que trazia vestido um fato que talvez nem fosse dele!» (Dolorinda, 86 anos).

«Conheci meu marido numa festa, achei-o bonito, mas nem dançamos nem nada. Tempos depois ele apareceu em minha casa, ia embarcar para o bacalhau no mesmo barco onde ia meu irmão. Ficamos a olhar um para o outro. Tempos depois recebi uma carta dele, dizia coisas bonitas. Começamos a namorar por cartas. Quando voltou da companhia, veio me ver. Andamos nisso quatro anos, até resolvermos casar. Mas nesse tempo não deixei de ir aos bailes e passear com as outras raparigas, era um tempo bom onde havia muito respeito.» (Virgínia, 79 anos)

«Era assim, logo que eles podiam embarcar como “moço” já pensávamos em casar, ter a nossa família. Muitas vezes ainda ficávamos a viver em casa dos pais, mas assim que fosse possível, arranjávamos uma casinha só nossa.» (Adelaide, 82 anos).

«Todas sonhavam arranjar um marido bom, mas o casamento é uma lotaria. Fomos pobres e lutamos muito, mas fomos felizes no casamento, mas acho que muita gente finge que é... conheço muitas que se fartavam de levar pancada, mas era uma cruz que tinham que carregar...» (Isaura, 77 anos).

«Namorámos um ano, a maior parte por carta, porque ele andava no bacalhau, casamos logo que voltou. Foi o primeiro dinheiro que ganhou, deu a maior parte à mãe e com o que restou alugamos uma casinha. Eu já trabalhava e ia juntando o que podia. Gostava muito dele e até hoje não me conformo por ele ter morrido tão novo, meu rico homem que falta me faz.» (Aureolina, 83 anos)

Um elemento essencial na constituição da identidade na sociedade é o trabalho. As mulheres do nosso estudo desdobraram-se em múltiplas atividades no sentido da manutenção da família, principalmente por ter o marido longe de casa por longos períodos. Essas mulheres desde sempre desempenharam diversas funções, nem sempre reconhecidas ou remuneradas, como elas próprias relatam:

«Trabalhávamos a troco de comida, de milho para fazer pão ou de um pouco de carne ou de vinho. Porque o dinheiro que o meu homem trazia do bacalhau era para juntar para comprar a casinha, que graças a Deus conseguimos comprar.» (Maria do Rosário, 78 anos)

«Quando o meu homem terminou a primeira viagem que tinha feito ao bacalhau, depois de casado, trouxe 6000\$00, a minha sogra só nos deixou com 1000\$00, se eu não trabalhasse tínhamos morrido à fome, se fosse hoje não lhe dava um tostão.» (Rosa dos Santos, 77 anos).

«Sempre trabalhei muito, ganhei sempre uns dinheiritos, um pouquinho aqui, uns tostões ali... vivia num quarto, mas queria muito ter a minha casinha e por isso trabalhava muito. Trabalhei sempre para ganhar algum dinheiro, a minha vida era aquela.» (Maria de Jesus, 79 anos)

«Levantava-me muito cedo e saía para comprar o peixe na lota. Salgava-o para que não se estragasse e colocava nas gigas, chegava a andar a pé até 20 ou 25 quilómetros por dia. Vendia de porta em porta.» (Mafalda, 90 anos)

«Quantas vezes levava o meu filho ao colo, ia vender peixe, mas tinha que dar o peito...» (Maria João, 76 anos)

«Namoramos algum tempo, era preciso juntar algum dinheiro, ele tinha que ajudar a mãe viúva, andava no bacalhau ..., o nosso sonho era uma casa. O meu marido andou 15 anos no mar, foi uma vida triste. Ele trabalhava lá, mas eu aqui botava a mão em tudo que aparecesse, só trabalhava, não me divertia, mas felizmente hoje estão descansados.» (Felismina, 74 anos).

«Tive sempre a trabalhar, cuidava da casa, toda a vida trabalhei muito, vendia peixe, cuidava da horta, tinha batatas, couves, abóboras. Morreram-me três filhos pequeninos, restaram esses dois. Fizemos muitos sacrifícios, mas os meus filhos estudaram, era isso o que queríamos, tudo foi sempre muito caro, mas a gente não queria que a vida deles fosse como a nossa. O meu marido viveu sempre muito tempo longe de casa, ganhava dinheiro, mas nem viu os filhos crescerem...E é difícil para um pai ficar longe dos filhos. Ele ganhava o dinheiro, eu trabalhava por aqui, mas sempre lhe dei conta de tudo. Quando chegava, dizia tudo o que tinha feito, mas tinha sempre algum dinheirinho de parte. A gente nunca sabia o que podia acontecer...» (Umbelina, 82 anos)

«Para criar os seis filhos, a minha mãe ia na bateiras, aqui na ria, fisingava as enguias, puxava os cabos, colhia a rede...» (Ana, 79 anos)

Simbolização da violência:

«Quando estava em terra fazia tudo por tudo para ir para Lisboa, arranjava sempre um modo de ir, dizia que ia trabalhar. Mas a verdade é que gastava tudo o que tinha com o vinho e com as prostitutas. Ele desgraçava-se e voltava muitas vezes com doenças para casa.» (Hermínia, 79 anos)

«Ele era trabalhador, gostava dos filhos, mas tinha um lado mau. Quando voltava do mar, passava muito tempo na taberna, uma noite eu vi a morte de perto, chegou em casa já era noite, e eu os filhos já tínhamos deitado. Começou aos gritos e deu-me um soco nos olhos, ficou tudo negro... Andei uns dias de sair de casa. Nunca mais me bateu, mas nunca deixei de ter medo até o dia em que morreu.» (Maria Ferreira, 83 anos)

«Um dia, ele estava bêbado, mostrei uma cara feia e apanhei pela primeira vez. Depois, eu já não podia fazer nada. Na primeira semana, quando voltava, tudo ia bem, depois era só pancada, as agressões, na frente dos filhos, viraram costume. Eu nunca tive coragem de denunciar o meu marido.» (Maria Cândida, 73 anos)

«Aqui era diferente, todos passavam o tempo a cuidar da vida alheia, às vezes havia uma fugida para um carinho, mas era tudo muito escondido, muito perigoso.» (Francisca, 81 anos).

«A gente ficava muitos meses sozinha com os filhos. Eles lá longe... um homem precisa e gosta de mulher. De certeza quando iam a terra arranjavam alguém.» (Rosa dos Santos, 70 anos)

«O bairro era uma solução, mas não havia liberdade, estávamos debaixo dos olhos de todas, qualquer coisa que fizéssemos, era como se saísse no jornal, todas comentavam....» (Ana Carolina, 77 anos)

«Às vezes recorriamos às casas dos pescadores, pois a nossa vida era muito dura e os homens ganhavam pouco, o meu marido nunca pescou muito e teve uma vez que nem o dinheiro para pagar a renda trouxe [...] a senhoria é que teve pena e esperou pela outra campanha. Tinha também o homem da padaria, era meu amigo, mas era preciso muito cuidado, só que a gente precisava de carinho e ele também ajudava.» (Maria dos Santos, 85 anos)

Entre o momento da chegada e a nova partida, o aflorar das saudades...

«A vida então transformava-se num intenso vai e vem. No sul as mulheres preocupavam-se em caiar as casas de branco, desfaziam-se os colchões de lã que era lavada, posta ao sol e “agremeada” para que ficasse mais fofa. Não se dormia naquelas camas nem nos quartos senão no dia da chegada do marido, do pai, do irmão mais velho, que durante 6 meses dormiram em beliches malcheirosos e sem conforto.» (Teresa, 82 anos)

«O meu marido gostava que fosse sempre com ele a Setúbal. A cerimónia dos barcos era muito bonita, eram dias em que estava sempre dividida entre a alegria e a tristeza. Era bom estarmos juntos, mas pensava sempre no dinheiro que depois iria fazer falta. Quatro filhos para criar e se ele não pescasse muito não ganhava para as despesas.» (Maria do Carmo, 76 anos)

«Lembro que os barcos ficavam todos enfileirados no Tejo, havia a missa, tão linda que todos choravam, na hora da partida os barcos apitavam e ficava uma imensa tristeza. Era importante estarmos juntos até o momento de ele ir para a pesca.» (Cesaltina, 69 anos)

«Nunca fui nem à saída nem à chegada dos barcos, preferia ficar em casa, tinha-a toda arrumada e sempre fazia uma roupinha nova para mim e os filhos. Hoje, estão criados, dois andam no mar, mas na França. Minha filha casou e foi para a Alemanha e nós estamos pr'aqui... dois velhotes...» (Joana, 72 anos)

«Ia esperá-lo a Aveiro, todos na proa e nós cá em baixo no cais. As lágrimas caíam, mas agora eram de alegria, pois voltavam sãos e salvos.» (Hermínia, 77 anos)

«As saudades, estávamos apaixonados... Cada volta era uma festa, depois vinha tão depressa o dia da partida, a cinza do cigarro dele que caía no chão nesse dia lá ficava até que o vento a levasse... Enquanto ali estivesse era uma lembrança dele...» (Deolinda, 69 anos).

A coragem para recomeçar:

«Esta era a vida, assim como foi a de minha mãe e a de minha sogra, trabalhar, trabalhar, sem sequer sonhar com alguma coisa melhor. Tive oito irmãos, quando casei, trabalhava numa leitaria e o pouco que ganhava ainda repartia com minha mãe. Depois de um dia de trabalho, enquanto o meu homem andava no bacalhau, eu ia para a casa de minha mãe para ajudar na lida da casa e no cuidado dos meus irmãos mais novos. Casei sem gostar, era assim, depois aos poucos fui ganhando-lhe amizade, no começo ele era atencioso. Não tivemos filhos enquanto ele andou no bacalhau, estive lá uns cinco anos. Veio embora, nasceram nossas meninas, mas teimou em fazer sociedade com o irmão, fui contra... Não me deu ouvidos, tempos depois perdeu tudo, aí começou a beber. Não punha mais dinheiro em casa, era um mau viver, palavras duras e algumas pancadas... um dia mostrei-lhe a porta da rua. Saiu e logo arranjou uma vadia, tiveram uma filha, continuei a trabalhar, agora num salão de cabeleireiro. Fiquei ainda muito tempo sozinha, muitos

diziam que ele ainda voltaria, mas não era isso que queria. Um dia pedi o divórcio! Anos depois conheci outro pescador, mas não de bacalhau, era dono de uma traineira. Nunca pensei que um dia ia ser tão feliz, tratava-me como uma rainha. Viajávamos, íamos aos casinos, às festas, a vida virou um sonho. Que infelizmente terminou com a morte dele no ano passado. É como se a vida também tivesse acabado, sinto tantas saudades... O meu ex-marido ainda anda por aí, mas só uma das filhas é que lhe liga.» (Olívia, 66 anos)

As filhas recordam também os momentos felizes do reencontro, o pai ficava até tarde, depois da ceia, a contar as histórias vividas, as aventuras da pesca, o desaparecimento de algum bote, os maus tratos recebidos do comandante, os desembarques na Terra Nova.

Muitas vezes os olhos ficam marejados, há sorrisos e lágrimas. Uma delas, já hoje com 80 anos, fala da boneca que ganhou e cerra os braços no gesto de embalar...

As memórias são marcadas pelas agruras, o dinheiro nem sempre chegava, «o bacalhau era uma miséria, passavam muita fome no mar. Ele estava sempre ausente e sempre muito doente. 759\$00 que ganhava, naquela altura, já com 4 filhos, todos seguidos, e ao fim de 13 anos veio o último» (Rego, 2017, p. 32).

À semelhança do que ocorreu com Alfama, onde, segundo Costa (1999)

a identidade cultural, tal como veio a tornar-se nos visível e conhecida, é em larga medida uma invenção dos agentes intelectuais e artísticos, municipais e turísticos ao serviço da propaganda ideológica do regime ditatorial do Estado Novo, ou mantendo com ele proximidades e alianças de vária ordem»; a imagem dada à pesca do bacalhau e toda a sua envolvência apresenta-se também envolta em imagens épicas. Verifica-se que, além do período do Estado Novo, continuou-se a celebrar os feitos heroicos dos pescadores, sem no entanto centrar os discursos na descrição exata da realidade. Do mesmo modo, as mulheres foram sendo relegadas ao ostracismo, e hoje felizmente começa-se a dar eco as vozes do passado, no sentido de apreender a verdadeira história (p. 32).

Os depoimentos aqui registados não nos permitem avaliações quantitativas que nos enumerem o peso da participação feminina, mas indicam-nos dados que se relacionam com o modo de vida dessas mulheres, de modo a assinalar «a relação que uma comunidade mantém com o seu passado, sendo fundamental para a construção de um sentido de identidade, feito de recordação, esquecimento e ausência» (Peralta, 2008, p. 24)

Notas conclusivas

*A memória age como a lente convergente na câmara escura:
reduz todas as dimensões e produz, dessa forma, uma imagem bem
mais bela do que o original (Arthur Schopenhauer, 1788-1860)*

Existem distintos ensaios sobre os pescadores bacalhoeiros, notadamente enfatizando as complexidades e a dureza da vida que estes levavam distante da família e do conforto do lar, por largos meses. A façanha desses indivíduos, que de modo a manter a respeitabilidade de suas famílias sulcavam os mares gelados da Terra Nova e da Gronelândia, encontram-se registadas em prosa e verso.

Ao lado destes homens, um imenso pilar os sustentava: as suas mulheres que permaneciam a aguardar com aflição o retorno daqueles que partiam.

Vivemos num atmosfera social tão espontaneamente como na atmosfera física e não tomamos mais facilmente consciência da existência de uma do que da outra, desempenhamos a nossa função social, obedecemos aos imperativos coletivos muitas vezes sem sequer pensar nisso (Cuvillier, 1940, p.5).

No entanto, como escreveu Hana Arendt, «só podemos saber quem foi alguém se conhecermos a história da qual foi heroína» (Carvalho, p. 80).

Encontrar ou redescobrir a localidade de onde surgimos, os seres de quem procedemos é uma proeza que nos induz a submergir nas memórias pessoais, nos baús das reminiscências à cata de um nome, de uma lembrança, de uma data que nos possibilite escrever a nossa história.

Pois é nesse sentido que a reminiscência de cada indivíduo se torna socialmente mais relevante. Suas experiências pessoais, seus amores, desejos, sofrimentos, decepções, frustrações, traumas, triunfos, sonhos, etc. São as marcas que indicam o sentido da sua singularidade enquanto indivíduo, que é constantemente enfatizada (Velho, 1998, pp.119-126).

O objeto de análise básico centrou-se nas dimensões identitárias das mulheres inseridas nos grupos familiares ou de outra natureza. A exposição dos dados embasados pelos testemunhos obtidos é amparada pelos desdobramentos que encontramos ao longo do percurso teórico que apreendemos ser uma forma de saber, para reflexionar a dinâmica particular, conjugal e familiar.

As identidades são apreendidas como meios representativos que podem registar a importância do papel da mulher na estrutura familiar, na transmissão de arquétipos e na instrução dos filhos. Diante do exposto verifica-se que as transformações da família prosseguem. Novas questões são levantadas, outras reaparecem e tantas outras simplesmente desaparecem. O panorama familiar vive em constante renovação e estas originam que se lance um novo olhar para o passado de modo a proporcionar «arranjos e atualizações de experiências já vividas por outras gerações» (Passos, p. 11).

Com o objetivo de conhecer, através das entrevistadas, a retaguarda familiar, particularmente a vivência da ausência, a dor, o luto, as disposições de protagonismo profissional desempenhado por mulheres ligadas as fainas do mar, desenvolvemos o presente trabalho. De acordo com tudo o que ouvimos, das histórias de vida narradas na primeira pessoa, relatos de privações, de lutas, de esperanças, de risos e lágrimas, mas acima de tudo de uma enorme e inabalável determinação de manter um lar para onde um dia o marido pudesse enfim regressar, as mulheres, enquanto aguardavam, desempenhavam o papel de educadoras e guardiãs das famílias.

Constituíam assim um grupo solidário e coeso com base na rede de entreajuda feminina, distribuído pelas diversas comunidades piscatórias de Portugal, nas últimas décadas do século passado, quando a pesca de bacalhau ainda apresentava enormes desafios, diversamente do que hoje acontece, onde as tecnologias encurtam a distância e facilitam a comunicação.

Logo, a pesquisa apresentada é um exercício de reflexão acerca dos valores e da especificidade desse grupo de mulheres da sociedade portuguesa, mulheres com idades entre os 54 e os 90 anos, a quem nem sempre lhes foi dada a oportunidade de escolher, e algumas gostariam certamente de ter estudado. Quando referenciamos as profissões, encontramos uma mulher auxiliar de educação e outra auxiliar médica; estas duas mulheres, distantes geograficamente, com idades não muito próximas, possuem algumas características em comum: casaram cedo, tiveram dois filhos/as, enviuvaram ainda novas e, impulsionadas pelas necessidades da vida, voltaram a estudar, o que lhes possibilitou ter acesso a uma função melhor.

A maioria não mostra amargura, a resiliência parece estar-lhes no sangue, aceitaram a vida como esta se lhes apresentou. Guardam no recôndito da alma os sonhos, a saudade, o amor. Dizem-se felizes, e nós acreditamos e esperamos que outros estudos surjam.

Finalizamos com as palavras de Elias e Scotson (1994):

Muitos aspetos da vida humana ainda se encontram ocultos para os homens ou inutilizados pelos seus esforços. Somos marcados por uma herança de relativismo, o que dá a impressão de que aspirar pelo avanço e ampliação do saber não vale mais o esforço que precisamos investir para alcançá-los. Na verdade, ainda há muitas coisas desconhecidas acerca dos homens que são dignas do esforço para conhecê-las (p. 213)

Fontes bibliográficas

- ALCOFORADO, Maia (1997). *Ílhavo Terra Maruja, Marujos da Terra dos Ílhavos*, Ílhavo, Câmara Municipal de Ílhavo.
- AMORIM, Inês (2001). *História do Trabalho e das Ocupações, vol. II – A pesca*, Oeiras, Celta.
- AMORIM, Inês. *Mulheres no sector das pescas na viragem do século XIX, formas de participação na organização do trabalho*.
- ARAÚJO, Walter da Rocha (2003). *Representações sociais sobre família e classes sociais*, Walter da Rocha Araújo – Maceió.
- ARROTEIA, Jorge Carvalho (1984). *Os Ílhavos e os Murtoseiros na Emigração Portuguesa*. Aveiro, ADERAV.
- ARROTEIA, Jorge Carvalho (1985). *Portugal: perfil geográfico e social*. Lisboa, Livros Horizonte.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Edições 70. 2000. ISBN 972-44-0898-1, p. 91
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Zahar, 2003. ISBN 978-85-7110-699-4, p. 65
- BAUMAN, Zygmunt (2009). *Interações - Cultura e Comunidade*, v. 4, n.º 5, p. 81-98.
- BAUMAN, Zygmunt (2007). *Vida Fragmentada, Ensaaios sobre a moral pós-moderna*. Relógio d'Água, ISBN 9789727089321.
- BAUMAN, Zygmunt (2005). *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BAUMAN, Zygmunt (2001). *Modernidade líquida*. 1.ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERGER, P. I. e LUCKMANN, *A Construção Social da Realidade. Um livro sobre a sociologia do conhecimento*. Petrópolis, Vozes.
- BOURDIEU, Pierre (2004). *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP.
- BOURDIEU, Pierre (2000). *A Dominação Masculina*, Edições Bertrand do Brasil. ISBN 978-852860705

- BOURDIEU, Pierre e CHAMBOREDON, Jean-Claude (1999). *A Profissão de Sociólogo, Preliminares Epistemológicas*. Ed. Vozes
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. (1975). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- BLOK Anton (1974). *The Mafia of a Sicilian Village. A study of violent peasant entrepreneurs*. Oxford, Basil Blackwell.
- BRANDÃO, Raul (1973). *Os Pescadores*. Lisboa, Círculo de Leitores.
- CACHIM, José (2005). “Mulheres da Minha Terra”, in *Há Gaivotas no Mar*. Ílhavo, Confraria Gastronómica do Bacalhau.
- CALÃO, Hugo e CACHIM, Isabel (2007). *Senhor Jesus dos Navegantes: Mar e Devoção*. Ílhavo, Paróquia de São Salvador de Ílhavo – Comissão de Festas do Senhor Jesus.
- CAMPENHOUDT, Luc Van; QUIVY, Raymond (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. 5.^a ed. Lisboa: Gradiva. ISBN 978-972-662-275-8.
- COLE, Sally (1994). *As Mulheres da Praia*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- CARVALHO, M. C. M. D. *Metodologia Científica: Fundamentos e Técnicas*. 8.^a ed. São Paulo: Papirus, 1998, p. 72.
- CASTELLS, Manuel. *Poder da Comunicação*. Oxford University Press, Inc., Nova Iorque, NY, EUA, 2009, ISBN 0199567042 9780199567041, p. 14.
- CASTRO, Zília (2013). *Faces de Eva, Estudos Sobre a Mulher*, n.º 30. Edições Colibri.
- CENTENO, Tomaz Augusto. *Aspectos do Problema Bacalhoeiro*. Editorial de Marinha, 1940, p. 68.
- COSTA, António Firmino da (2007). *A pesquisa de terreno em sociologia*. In *Metodologia das Ciências Sociais*. Augusto Santos Silva, José Madureira Pinto, orgs. Porto: Ed. Afrontamento. ISBN 978-972-36-0503-7. p. 129-148.
- COSTA, António Firmino; ÁVILA, Patrícia; MATEUS, Sandra (2002). *Públicos da ciência em Portugal*. Lisboa: Gradiva. ISBN 972-662-871-7. p. 11-49.
- COSTA, António Firmino da (1999). *Sociedade de bairro*. Oeiras: Celta. ISBN 972-774-025-1.
- COSTA, Firmino (1986). *A Pesquisa de Terreno em Sociologia*, Santos Silva e Madureira Pinto (org.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento

- COSTA, Francisco Barbosa da (2003). *S. Pedro da Afurada: notas monográficas*. VNG: Gailivro.
- COSTA, G. P., & Katz, G. (1992). *Dinâmica das relações conjugais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CUTILEIRO, José (1977). *Ricos e Pobres no Alentejo*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora .
- CUTILEIRO, José (1988) [1965]. “Honra, Vergonha e Amigos”, in, PERISTIANY, J. G., *Honra e Vergonha: Valores nas sociedades mediterrânicas*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- DIAS, Isabel (2010). *Violência doméstica e justiça*. Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, vol. XX, 2010, p. 246.
- DIAS, Isabel (2005). *Violência na Família, Uma Abordagem Sociológica*, Edições Afrontamento, ISBN: 9789723607376.
- DIAS, Isabel. *O uso de metodologias qualitativas no estudo da violência doméstica*. Atas dos ateliers do V Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção, Teorias e Metodologias de Investigação – 2017.
- DUBAR, Claude (2006). *A Crise das Identidades. A interpretação de uma mutação*. Edições Afrontamento, ISBN: 9789723608359.
- DUBAR, Claude (1997). *A Socialização, Construção das Identidades social e profissionais*. Lisboa, Porto Editora.
- DURKHEIM, Émile (1977). *De la division du travail social*. Paris, publ. orig.: 1893 Editorial Presença.
- ELIAS, Norbert (2000). *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ELIAS, Norbert (1999). *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- ELIAS, Norbert (1998), *Envolvimento e Alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- ELIAS, Norbert (1997). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ELIAS, Norbert (1994). *O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes*, vol. I. Rio de Janeiro: Zahar.
- ELIAS, Norbert (1993), *A Sociedade dos Indivíduos*. Publicações Dom Quixote, ISBN 972-20-2703-4.

- ELIAS, Norbert (1989 [1939]). *O Processo Civilizacional, Investigações sociogenéticas e psicogenéticas, I Volume: Transformações do comportamento das camadas superiores seculares do ocidente*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- FÉRES-CARNEIRO (2004). *Família e Casal: efeitos da contemporaneidade*.
- FEATHERSTONE, Mike (1997). *O Desmanche da cultura. Globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Editora Studio Nobel.
- FREIRE BOLÉ, António Augusto (2016). *A Pesca do Bacalhau durante o Período do Estado Novo (1933-1974): Contributo para as Relações Interculturais*.
- GARRIDO, Álvaro (2006). *Economia e política das pescas portuguesas: ciência, direito e diplomacia nas pescarias do bacalhau (1945-1974)*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- GARRIDO, Álvaro (2004). *Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- GARRIDO, Álvaro (Coordenação) (2001). *A Pesca do Bacalhau: História e Memória*.
- GEERTZ, C. (1973). *The Interpretation of Cultures*. New York, Basi Books.
- GUERRA, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso*. Editora Principia, Estoril.
- GIL, António Carlos (1991). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- GILLY, M. (1941). *Les representations sociales dans le champ educatif*, in Jodelet, D., *Representations sociales*, Paris, PUF, P. 363-386.
- GIDDENS, Anthony (2001). *Religião, Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GOMES, Diniz (1941). *Costumes e Gente de Ílhavo*, Anadia
- GONÇALVES, Brito (2007). *Práticas reflexivas e desenvolvimento profissional: um estudo de caso com professores do 1.º CEB*, 2007.
- GOODMAN, L (1961). *Snowball Sampling*. In *Annals Mathematical Statistics*, pp. 148-170
- GUARESCH, Pedrinho, A.; JOVCHELOVTCH, Sandra (1995). *Textos em Psicologia Social*. 2.ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes.
- GUERRA, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso*. Editora Principia, Estoril.
- HORTON, P. (1981). *Sociologia*, Lisboa, McGraw Hill.

- JODELET, D. (1990). *Representações sociais: um campo em expansão*, p.16.
- Junta Central das Casas dos Pescadores (1962). *25 anos de Assistência à Gente do Mar*, Lisboa, JCCP.
- LAHIRE, et al; Becker, H. S. (1986). *Biographie et Mosaïque Scientifique*, Actes de la recherche en sciences sociales, n.º 62/63, juin, p. 106.
- LAMAS, Maria (2002) (Edição 1). *As Mulheres do Meu País*. Lisboa, Editorial Caminho.
- LEITÃO, Joaquim Rebordão (2006). *Uma crónica da pesca do bacalhau: memórias de um radiotelegrafista*. Torres Novas, Gráfica Torriana.
- LEITE ALVES, Arminda de Lurdes (2013). *Ação Social Escolar e Democratização do Ensino*. Porto.
- LIMA, Jaime de Magalhães (1968). *Os povos do Baixo Vouga*, Aveiro, edição das câmaras municipais da Murtosa e de Ílhavo.
- LOUREIRO, Nuno M. Patação da Costa (2009). *Mulheres de bacalhoeiros: sazonalidade e género (1950-1974)*.
- LOPES, Ana Maria (1991). *Dos Doris Despojos dos Homens e do Mar*. Ílhavo: Museu Marítimo e Regional de Ílhavo.
- MACEDO, Joana (2011). *A Casa dos Pescadores de Olhão. O enquadramento corporativo dos “homens do mar”*, 2011, p. 25.
- MACHADO PAIS, José (2007). *Sociologia da Vida Quotidiana*. ISBN: 9789726710929.
- MADDOX, Richard (1993). *El Castillo. The Politics of tradition in an Andalusian town, Urbana e Chicago*. The University of Illinois Press.
- MAGALHÃES, Ivone. *Mulheres do Mar Português*. cultumar.org/files/Ardentia.
- MAGALHÃES, Baptista (2013). *As Peixeiras de Esposende*. Ardentia, n.º 7, maio 2013, ISBN 1699-3128.
- MALPIQUE, Celeste (1998). *A ausência do pai. Estudo sociopsicológico*. Porto, Afrontamento, 3.ª ed.
- MENESES, Inês, e MENDES, Paulo (1996). *Se o mar deixar: comunidade e género numa povoação do litoral alentejano*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- MOUTINHO, Mário (1985). *História da Pesca do Bacalhau: Por uma Antropologia do “Fiel Amigo”*. Lisboa, Editorial Estampa.

- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p. 16.
- MOSCOVICI, Serge (1990). *A Máquina de Fazer Deuses*. Rio de Janeiro: Imago, p. 22.
- NUNES, Ana Bela (1991). “A evolução da estrutura, por sexos, da população activa em Portugal: um indicador do crescimento económico (1890-1981)”, in: *Análise Social*, vol. 26, n.º 112/113, pp. 707-722.
- NUNES, Francisco O. (2005). *Hoje por ti, amanhã por mim: a arte xávega no litoral central português*. Lisboa [s.n.], Tese de Doutoramento em Antropologia apresentada ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- NUNES, Francisco O. (1993). *Vieira de Leiria: a história, o trabalho, a cultura*, Vieira da Leiria, Edição da Junta de Freguesia de Vieira de Leiria.
- OLIVEIRA, Maria E. (2007). *O impacto da Realidade da Infidelidade Virtual*. PUC-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, R. J, Brasil.
- PASSOS, Maria (2009). *Família e Casal, efeitos da contemporaneidade*. Editora PUC-Rio, Rio de Janeiro, Brasil. ISBN 978-85-87926-74-6
- PATRIARCA, Fátima (1995). *A Questão Social no Salazarismo 1930-1947*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- PATRIARCA, Fátima (1994). “A regulamentação do trabalho nos primeiros anos do regime corporativo”, in: *Análise Social*, vol. 29, n.º 128, pp. 801-839.
- PATRIARCA, Fátima (1991). “A institucionalização corporativa – das associações de classe aos sindicatos nacionais”, in: *Análise Social*, vol. 26, n.º 110, pp. 23-58.
- PENROD, J. Preston, D.B., CAIN, R. & STARKS, M. T. (2003). *A discussion of chain referred as a method of sampling hard-to-reach populations*. Journal of Transcultural nursing, vol 4, n.º 2, April. pp.100-107.
- PERALTA, Elsa (2008). *A Memória do MAR, Património, Tradição e (Re)imaginação Identitária na Contemporaneidade*.

- PEREIRA BORGES, Virgílio (2016). *Classes e Cultura de Classes das Família Portuenses*. Ed. Afrontamento. ISBN 972-360774-3.
- PIMENTEL, Irene Flunser (2000). *História das Organizações Femininas no Estado Novo*. Círculo de Leitores, Edição n.º 4734, Casais de Mem Martins, Rio de Mouro. Cap. I: pp. 29-81.
- PINA CABRAL, João de (1991). “As categorias de comparação regional: uma crítica à noção de Mediterrâneo”, in *Os Contextos da Antropologia*. Lisboa, Difel.
- PINA CABRAL João de (1989). *Filhos de Adão, Filhas de Eva*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- PORTELLI, A. (1997). “O que faz a história oral diferente”, in: *Cultura e Representação*. São Paulo: Projeto História, n.º 14.
- PRIORE, M. D. (2006) (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- QUEIRÓS, Margarida (2006) (coord.). *Género e mobilidade, desigualdades no espaço-tempo*. Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa, Lisboa, ISBN 978-972-636-262.
- RIBEIRO, Elisa Antónia (2008). *A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais*. Araxá/MG, n. 04, p.129-148.
- RÉMY, Jean e VOYÉ, Liliane (1997). *A Cidade: Rumo a Uma Nova Definição?* Porto, Afrontamento.
- ROCHA, Maria Luísa Vieira (1999). *Um Barco ao Som do Tempo – Uma Etnografia da Memória dos Pescadores do Bacalhau*. Braga, [s. n.] Tese de Mestrado em Antropologia Social e Cultural apresentada à Universidade do Minho.
- ROSAS, Fernando (dir.); BRANDÃO DE BRITO, J. M. (coord) (1996). *Dicionário de História do Estado Novo, Venda Nova*. Bertrand Editora.
- ROSAS, Fernando (1986). *O Estado Novo nos anos trinta*. Lisboa, Editorial Estampa.
- SCHWANDT, T. A. (1994). *Constructivist, interpretivist approaches to human inquiry*. In: N. K., Denzin, and Y. S., Lincoln, ed. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, p. 35.
- SENOS da Fonseca (2007). *Ílhavo – Ensaio Monográfico do Século X ao Século XX*. Porto, Papiro Editora.

- SETTON, Maria da Graça Jacintho(2002) *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. Universidade de São Paulo
- SILVA, António Duarte (1957) *A pesca do bacalhau: campanha de 1955-56*. Publicação n.º 35, Lisboa, Gabinete de Estudo das Pescas.
- SIMMEL (1986). *Simmel e a modernidade*. Editora UNB.
- SOUSA, Ana Isabel (2008), *As mulheres e a pesca do bacalhau*.
- TORRES, Anália (2001). *Sociologia do Casamento e Família e a Questão Feminina*. ISBN 972-774-080-4
- TENREIRO, Henrique (1968). *Comunicação aos Órgãos da Informação – Reestruturação e Ampliação da Acção da Junta Central das Casas dos Pescadores*, Lisboa.
- TENREIRO, Henrique (1967). *Comunicação aos Órgãos da Informação – Discurso proferido no jantar do XXX aniversário da Junta Central das Casas dos Pescadores*, Lisboa, Orbis.
- VALA, J., (1993). “Representações sociais – para uma psicologia social do pensamento social”, in J. Vala, B. Monteiro (ed), *Psicologia social*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 353-384.
- VILLIERS, Alan. *A Campanha do Argus*, Lisboa, Editora Cavalo de Ferro,
- VIEIRA, Anselmo (2010). *Nos Mares da Terra Nova – A Saga dos Bacalhoeiros*, Lisboa, Editorial Presença.

Webgrafia

- ALMEIDA, Luciana Andrade. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 30, n.º 2, p. 289-300, maio/ago 2004. Notas sobre a influência de Bordieu, Elias e Foucault nas abordagens da História da Saúde: www.fazendogenero.ufsc.br/
- AMORIM, Inês. (2005) *Mulheres no sector das pescas na viragem do século XIX, formas de participação na organização do trabalho*. Faculdade de Letras do Porto.
- BAUMAN, Zygmunt, 1925- B341i *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*/Zygmunt Bauman, tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005 Tradução de: *Identity (conversations with Benedetto Vecchi)*. ISBN 85-7110-889-7.
- BARTLE, Phil. *O que é comunidade, Uma perspectiva sociológica*. cec.vcn.bc.ca/mpfc/whatcom.htm, consultado em 4-9-2018
- Deambulando no Porto: notas introdutórias para uma Sociologia do Quotidiano*: https://www.researchgate.net/publication/301887911_deambulando_no_portonotas_introdutorias_para_uma_Sociologia_do_Quotidiano [acedido em 28 de dezembro de 2017].
- DIAS, Isabel. *Violência doméstica e justiça Sociologia*: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010, p. 246.
- GABRIELA, Guevara Werlang, Blanca Susana(2011) *Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise Psicologia em Estudo*, vol. 16, núm. 4, diciembre, 2011, pp. 511-520 Universidade Estadual de Maringá Maringá, Brasil.
- GODOY, A . S. “Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais”. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, vol. 35, n.º 3, p. 20-29, mai/jun, 1995
- LANDINI, Tatiana Savoia. *Sociologia em Norbert Elias*. Postado em Sociologia: <https://www.scribd.com/document/306263128/Tatiana-Landini-Elias>
- LASCH (1991). *Representações sociais sobre família e classes sociais* - Liber/UFPE: www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20030917152632.pdf
- MACHADO, Igor José (2006). *Laços de sangue e fluxo de dinheiro: notas sobre o parente ausente no contexto migratório transnacional Portugal/ Governador Valadares*. In: 25.ª Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia. Anais da 25.ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2006. v. CDROM. p. 01-21.
- MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. “Metodologia qualitativa de pesquisa”, *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.º 2, p. 289-300, maio/ago 2004 (p. 63)

- MERCURI, Danielle Oliveira. *Entre a necessidade de lembrar e a recomendação de condutas às mulheres em castela no século XV*: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/download/supfile/.../114>
- Memórias subjetivas da pesca do bacalhau*: <https://caxinas-a-freguesia.blogs.sapo.pt/132254.html>
- MICELI, Sérgio. “Norbert Elias e a questão da determinação”. In: WAIZBORT, Leopoldo. (org.) Dossiê Norbert Elias. São Paulo: Edusp, 2001. pp. 113-128: naviosenavegadores.blogspot.com
- PERISTA, Pedro, BAPTISTA, Isabel. *A estrutura da pobreza e da exclusão social na sociedade portuguesa – conceitos, dinâmicas e desafios para a ação*.
- RODRIGUES, Valeria Leoni. *A importância da mulher*: <https://pt.scribd.com/document/105915276/>
- ROSSI, Daiane Silveira. “Notas sobre a influência de Bordieu, Elias e Foucault nas abordagens de História da Saúde” - *Revista Latino-Americana de História*, vol. 3, n.º 12 – Dezembro de 2014 © by PPGH-UNISINOS (p. 64)
- SIMAN, Lana Mara De Castro. *Representações e Memórias Sociais Compartilhadas: Desafios para os Processos de ensino e aprendizagem da História: representações e memórias sociais compartilhadas*: www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n67/a07v2567
- Valdemar Aveiro, o comandante de homens*: <https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/.../valdemar-aveiro-o-comandante-de-homens>
- SOUZA, Sandra Duarte. *Violência de gênero e religião: alguns questionamentos que podem orientar a discussão sobre a elaboração de políticas públicas*: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/viewFile/.../4530>
- TEIXEIRA, Pereira, ELAINE, Aparecida: http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1984723816322015337/pdf_9 Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE. *Revista Linhas* vol. 16, n.º 32 - Ano 2015 revistalinhas@gmail.com
- UTAD. *O meio rural em Portugal*: home.utad.pt/~des/acervo_des/1999porjosfmeirur21.do
- VICENTE, Ana. *O. Salazar - discursos*. Versão integral disponível em digitalis.uc.pt. Universidade de Coimbra: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/41974/.../Franco_em_Portugal.preview.pdf

ANEXOS

Anexo 1: Inquérito por questionário às mulheres dos pescadores de bacalhau

Sou estudante do Mestrado em Sociologia, na Faculdade de Letras do Porto, e estou a fazer um trabalho sobre as dimensões identitárias das mulheres dos pescadores de bacalhau. Para realizar este trabalho, venho pedir-lhe colaboração, respondendo às questões que se seguem. Este questionário é anónimo e será utilizado unicamente para a recolha de dados para a tese. Agradeço que responda de forma sincera, pois só assim o meu trabalho poderá traduzir as diversas faces da vida das mulheres nas décadas de 50 a 70 do século XX.

Antecipadamente, agradeço. *Rosilda Portas*

Questionário

I. Caraterização sociodemográfica

1. Idade ____ anos

2. Sexo

Masculino ☐

Feminino ☐

3. Estado civil

Solteiro(a) ☐

Casado(a) ☐

Divorciado(a) ☐

União de facto ☐

Viúvo(a) ☐

Tem filhos?

Sim ☐ Se se sim, quantos? ____

Não ☐

4. Nacionalidade _____

5. Naturalidade

Concelho _____

Freguesia _____

6. Local de residência

Concelho _____

Freguesia _____

7. Indique o nível de escolaridade completo que possui...

	Você	Marido
Não sabe ler nem escrever	☐	☐
Sabe ler e escrever mas sem grau académico	☐	☐
Ensino Básico (1.º, 2.º e 3.º ciclos ou equivalente)	☐	☐
Ensino Secundário (12.º ano ou equivalente)	☐	☐
Ensino Médio/Bacharelato	☐	☐
Licenciatura	☐	☐
Pós-Graduação/Curso de Especialização	☐	☐
Mestrado	☐	☐
Doutoramento	☐	☐

8. Qual é a sua atual condição perante o trabalho (assinalar apenas uma resposta)?

Exerce uma profissão a tempo inteiro ☐ (1)

Exerce uma profissão a tempo parcial ☐ (2)

Desempregado(a) ☐ (3)

Estudante-trabalhador ☐ (4)

Estudante a tempo inteiro ☐ (5)

Formando(a) ☐ (6)

Frequenta um estágio ☐ (7)

Ocupa-se exclusivamente das tarefas do lar ☐ (8)

Reformado(a) ☐ (9)

Incapacitado(a) para o trabalho ☐ (10)

Outra situação ☐ (11) Qual? _____

10. No caso de exercer uma profissão a tempo inteiro ou parcial indique-a, por favor.

11. Caso não se encontre atualmente a trabalhar, refira qual era a sua profissão anterior.

12. Caso (não) se encontre a trabalhar, qual é (foi) a sua (última) situação na profissão (assinalar apenas uma resposta – fazer sempre esta pergunta) ?

Trabalhador por conta própria ☐ (1)

Trabalhador independente ☐ (2)

Trabalhador por conta de outrem ☐ (3)

Trabalhador familiar não remunerado ☐ (4)

Outra situação ☐ (5) Qual? _____

13. Indique, por favor, em que localidade contraiu matrimónio.

Concelho _____

Freguesia _____

14. Que idade tinha quando casou?

	Você	Marido
Até 15 anos	☐	☐
15-20	☐	☐
21-25	☐	☐
26-30	☐	☐
Mais de 30	☐	☐

15. A profissão de pescador de bacalhau interferiu na decisão de se casar?

Sim ☐

Não ☐

Se sim, indique os motivos:

Porque era uma profissão com prestígio e valor social no meio piscatório ☐

Porque era uma profissão em que se ganhava bem ☐

Porque nos permitia ter uma vida boa a mim e aos meus filhos,
não precisando eu de trabalhar ☐

Porque me permitia dedicar à vida doméstica e ao cuidado com os meus filhos ☐

Porque o meu marido passava muito tempo no mar, o que me dava liberdade
para eu me dedicar a outras tarefas ☐

Outros motivos. ☐

Quais? _____

16. Qual o principal motivo de se ter casado com um pescador de bacalhau?

Por amor ☐

Por obrigação/interferência de outros familiares ☐

Por gravidez pré-matrimonial ☐

Porque já tinha alguma idade e surgiu a oportunidade ☐

Por razões financeiras ☐

Outro(s) motivo(s) ☐

Qual/quais? _____

17. Com que frequência o seu marido se encontrava em casa? Tendo em conta que cada
campanha durava entre 5 a 6 meses.

menos de um mês ☐

entre um a dois meses ☐

mais de quatro meses ☐

18. Face à separação imposta pela duração da campanha de pesca, de que forma é que comu-
nicava com o seu marido?

Por telefone ☐

Por rádio ☐

Por carta ☐

Outro meio ☐

Qual? _____

19. Fazia alguma preparação especial para receber o seu marido quando ele voltava da pesca
do bacalhau?

Sim ☐

Não ☐

Se sim, indique qual(ais)?

Fazia uma grande limpeza à casa e obras de reparação ☐

Mandava fazer roupa nova à costureira ☐

Tinha o cuidado de fazer as refeições que ele mais gostava ☐

Preparava os filhos para receberem bem o pai ☐

Outras situações ☐

Quais? _____

20. Como avalia o dia a dia da família, no período em que seu marido ficava em casa?

Muito bom ☐

Bom ☐

Igual ☐

Mau ☐

21. De que forma era vivida o momento da partida do seu marido/companheiro?

Por você

Pelos filhos

Com algum dramatismo e tristeza

☐☐

Era sentido como algo normal, uma vez que
era encarado como a profissão do pai

☐☐

Outra situação

☐☐

Qual? _____

22. O que sentia quando o seu marido estava ausente?

Angústia ☐

Sufrimento ☐

Ansiedade ☐

Tristeza ☐

Preocupação ☐

Saudades ☐

Felicidade ☐

Outro ☐

Qual? _____

23. Qual a importância da pesca na sua vida?

Muito importante ☐

Importante ☐

Pouco Importante ☐

Nada Importante ☐

24. Qual a principal razão dessa importância?

Por ser o nosso sustento económico-financeiro

☐

Por gosto/satisfação/gratificação pessoal

☐

Outra

☐

Qual? _____

25. Como classifica a relação que tem/teve com o seu marido/companheiro?

Muito boa ☐

Boa ☐

Razoável ☐

Má ☐

Muito má ☐

26. Dava conhecimento ao seu marido/companheiro das suas decisões referentes ao governo da casa, à educação dos filhos e outras questões?

Sim ☐

Não ☐

Se sim, indique os motivos:

Porque ele é que era o chefe de família ☐

Porque ele é que controlava o dinheiro ☐

Porque não podia fazer nada ou comprar nada sem a autorização dele ☐

Por uma questão de respeito ☐

Porque fazia parte da nossa forma de estar ☐

Outro ☐

Qual? _____

II. Apoios sociais e redes de entreajuda

1. Tem ou teve conhecimento da existência de algum(ns) apoio(s) ou benefício(s) social(ais) destinados à família dos pescadores?

Sim ☐ Se sim, qual/ais? _____

Não ☐

2. Alguma vez recebeu algum tipo de apoio da Casa dos Pescadores?

Sim ☐ Se sim, qual/ais? _____

Não ☐

3. Existia algum tipo de solidariedade entre as mulheres que tinham os maridos/companheiros ausentes?

Sim ☐

Não ☐

4. Se sim, indique o tipo de apoios que prestavam umas às outras:

Apoio com a guarda das crianças ☐

Apoio em situação de doença ☐

Apoio em situações de dificuldades financeiras (ex. emprestar dinheiro) ☐

Ajuda em atividades domésticas ☐

Faziam companhia umas às outras na ausência dos homens ☐

Tinham atividades culturais e de lazer em conjunto ☐

Outras situações ☐

Qual(ais)? _____

5. Indique se possuía:

Rádio

Sim ☐

Não ☐

Televisão

Sim ☐

Não ☐

6. Como era a sua relação com a rede de parentesco na ausência do seu marido, ou seja, com os seus pais e os seus sogros?

Boa ☐

Razoável ☐

Má ☐

7. E com os seus sogros?

Boa ☐

Razoável ☐

Má ☐

8. Tinha algum tipo de apoios por parte dos seus pais?

Sim ☐

Não ☐

Se sim, que tipos de apoio tinha?

Cuidavam das crianças e da sua alimentação ☐

Apoio em situação de doença ☐

Apoio em situações de dificuldades financeiras (ex. emprestar dinheiro) ☐

Ajuda em atividades domésticas ☐

Faziam-me companhia e aos meus filhos ☐

Ajudavam-me com a lida da casa ☐

Apoiavam-me sobretudo quando trabalhava na seca do bacalhau ☐

Outras situações ☐

Que tipos ? _____

9. Tinha algum tipo de apoios por parte dos seus sogros?

Sim ☐

Não ☐

Se sim, que tipos de apoio tinha?

Cuidavam das crianças e da sua alimentação ☐

Apoio em situação de doença ☐

Apoio em situações de dificuldades financeiras (ex. emprestar dinheiro) ☐

Ajuda em atividades domésticas ☐

Faziam-me companhia e aos meus filhos ☐

Ajudavam-me com a lida da casa ☐

Apoiavam-me sobretudo quando trabalhava na seca do bacalhau ☐

Outras situações ☐

Que situações ? _____

10. Gostaria de acrescentar algo mais a este questionário?

Obrigada pela sua participação!

Anexo 2: Guião de entrevista

Problemáticas	Questões	Objetivos	Observações
Profissão e expectativas de vida	Gosta da profissão do seu marido? Se fosse hoje voltava a casar com um pescador de bacalhau? Que vantagens são que esta profissão trouxe ao seu marido e à sua família? E que aspetos negativos mais salienta associados a esta profissão? Qual é a sua opinião sobre a forma como esta profissão é tratada socialmente? Acha que é uma profissão que tem sido mais ou menos valorizada pela sociedade? Qual acha que é o papel da mulher do pescador de bacalhau? Fez algum tipo de sacrifícios em benefício da profissão do seu marido? Quando casou com o seu marido o que é que vocês desejavam alcançar? Por exemplo, achavam que através deste tipo de profissão conseguiam ter casa própria, estabilidade financeira, em suma, que projetos de vida tinham? Acha que de alguma forma a profissão do seu marido ajudaria a alcançar mais rapidamente esse projeto de vida?		

Problemáticas	Questões	Objetivos	Observações
Vida conjugal e familiar	O que é ser mulher de um pescador de bacalhau? Como era a sua vida na ausência do seu marido (a nível de trabalho, com os filhos, etc.)? Como se sentia durante este período? Como era a sua vida quando o seu marido estava em terra? O que apreciava (via) mais? Quando ele está fora ou consigo? Como se adaptou a este modo de vida? Sentia dificuldades com a ausência do seu marido, por exemplo, na educação dos filhos, na gestão do orçamento doméstico, na tomada de decisões? Como é que geria todas estas situações? Como lidava com a saudade? E no plano sexual, como é que lidavam com esta questão? Os seus filhos foram planeados ou nasceram sem vocês pensarem muito na questão?		

Problemáticas	Questões	Objetivos	Observações
Vida conjugal e familiar	Quantos filhos desejavam ter? Qual era o vosso projeto familiar? Sente-se uma mulher feliz? Por que razão? No que toca a sua satisfação sexual como era o seu quotidiano durante a ausência do marido? No período em que o marido estava em terra, quem detinha o controlo financeiro? Seus filhos seguiram a profissão do pai? Em caso negativo, indicar o porque e a escolha feita.		

Anexo 3: Grelha de análise categorial

	Subcategorias	Entrevistado(s)
Valores essenciais	➤ Alimentação	“em casa era umas papas, um caldo com umas hortaliças” (Teresa, 82)
		“o comer enquanto ele estava fora era bem simples (Joana, 75)
		“A pesca foi sempre o nosso sustento de vida, na horta tinha muitas hortaliças” (Mafalda, 90)
		“(…) uma [comida] levava de casa, outras saíam ao meio dia e vinham ao meio do caminho as mães (...) e comíamos assentadas numa pedra. Tava lá umas senhoras a fazerem chá para quem quisesse chá, mas se nós tínhamos que pagar. Chá e um pão. (Gloria,78)
		“nós comíamos tudo! Outro dia era mexilhões, depois eram ouriços. Nós tínhamos sempre de comer. Sempre o que”. (Adelia, 86)
		“A gente andava no meio da erva e lavava os dedos naquela água e comia... Comia nabos, Olha... era a boca cheia de ‘trampa’, cheia de terra, era tudo pra boca.). Mas “fominha” foi de morrer que nós passamos. Quando meu pai chegasse, meu pai perguntava: “Vós comestes, meus filhos, comestes bem?” E ela mandava nós dizer: “Comemos pai”. Era sempre “migas” de farinha, “migas” de farinha. E comíamos ...” (Eulália, 58)
	➤ Saúde	“Era a o destino da gente, meu marido ficou muito doente, e nunca mais teve saúde. Um filho lá ficou ...(a vida tem dessas coisas) sumiu no mar...” (Berta, 73)
		“As mãos ficavam todas picadas do bacalhau, e esses dedos ficavam a ver carne. Tínhamos médico lá, tínhamos enfermeira...”(Glória,78)
		“Depois morreu o meu homem. Morreu novo, morreu ainda não tinha feito cinquenta, todo arrebetadinho de tanto trabalhar, que aquilo lá no frio, naquela terras não era nada fácil. Ah! Coitadinho ele passou muito, pescava, depois tinha que tratar do peixe. Tinha sempre as mãos em ferida e sem poder tratar porque o capitão do

Valores essenciais (continuação)		navio, tratava o homem como cão...” (Maria, 85)
	➤ Segurança (meio de sustento)	“Naquele tempo todos precisavam ganhar algum dinheiro e os rapazes pensavam logo em ir para o bacalhau” (Berta, 73)
		“Naquele tempo todos iam a pesca, ou para o bacalhau ou por aqui, mas no bacalhau sempre ganhavam um pouquinho mais...” (Joana, 75)
		“o meu marido foi para o mar com 15 anos, e com 17 para a pesca do bacalhau. A mãe ficou viúva e era preciso ajudar em casa. Aqui na região a profissão de pescador foi sempre bem vista, era o modo de vida dos homens. Mas só quem viveu é que sabe como foi difícil” (Mafalda, 90)
		“Não se ganhava nada! Era... era uma miséria! Nós não tinha descontos, era só para o seguro, que mal descontava, nunca se descontou nada pra reforma daqui na Afurada.” (Glória, 78)
		“Os primeiros anos custaram muito, nós pagávamos renda e que é que ficava”. (Maria, 85)
		“O meu pai nunca foi grande pescador e então e não ganhava dinheiro nenhum. Era o pagamento, não havia dinheiro. Nós íamos por causa de trazer umas batatinhas, umas cebolas e umas coisinhas... Depois, meu pai como veio aqui pro mar... já os meus irmãos... ajudou a criar os meus irmãos, depois eu já tinha uma vida melhor”. (Eulália, 58)
	➤ Conforto (habitação)	“uma casinha pequena sem água, sem luz, tinha que ir buscar água a fonte e a luz era do candeeiro de petróleo”. (Teresa, 82)
		“Deixou a casinha, era quase um barraco”. (E2)
		“Todos numa casita pequena, sem quarto de banho, e quando chegava o inverno parecia que o frio entrava por todo lado...”. (Joana, 75)
		“Com muito custo compramos a casita, era pequena, nada como o que a senhora vê hoje. Com o tempo fomos arranjando, e ainda hoje no verão alugo dois quartos, e ficamos vivendo lá nos fundos. O dinheirinho ajuda “. (Maria, 85)

Valores Sociais	➤ Amor sexual	“E começamos a trocar uns olhares... Quando embarcou começou a escrever, as cartas demoravam a chegar, mas o namoro foi crescendo. Namoramos 9 meses, seis meses no mar e três cá, e resolvemos casar”. (Joana, 75)
		“Eu sempre gostei do meu marido”. (Mafalda, 90)
		“É, eu namorava o meu marido, mas os meus pais não queriam. O meu marido na ocasião era um bocadinho assim rude I...I eles não queriam porque não queriam que eu me encontrasse cum ele” (Glória, 78)
		“E comecei a namorar o meu marido, um rapaz da Afurada, que já ia para o mar, mas ainda era “moço. Depois de dois anos de namoro casamos, eu ia grávida de 4 meses, ele embarcou logo e só conheceu a filha quando chegou”. (Maria, 85)
		“Depois casei nova pra fugir de casa pra fugir daquela prisão”. (Eulália, 58)
	➤ Amor familiar	“Sempre me dei bem com a família, tanto a dele como a minha. As pessoas aqui são amigas uma das outras”. (Mafalda, 90)
		“E a minha mãe não queria. O destino já estava pr’ali, foi pr’ali (...) Sim, sim, sim! A minha sogra ficava com a minha para eu ir ao tanque lavar, eu pedia à minha sogra e ela dizia “Vai!” Eu ia lavar e vinha e ia buscá-los. A gente morava pertinho uma da outra... ia buscá-los”. (Glória, 78)
		“A minha mãe era má. Era muito má. Era uma vida muito triste, muito triste, que a gente passou, muito triste. As vezes a pessoa não é alegre, há coisas que marcam, há coisas que marcam...) Porque a minha mãe e meu pai era muito envergonhados. Podíamos morrer de fome dentro de casa que ninguém sabia. E aí de nós que nós falássemos. E ia aquele segredo que ninguém falava ou sabia (...) e então os meus irmãos, depois começaram a ir uns para cada lado, foram para a casa das minhas avós, e então minhas avós começaram a ajudar a tomar conta, porque, eu não podia porque era muito fraquinha. E o meu irmão (não entendi) “Ou a

Valores sociais (cont.)		minha neta para “, porque eu era a mais velha, dos dois lados, dos dois lados, e eu era muita ‘coisa’ para meus avós”. (Eulália, 58)
	➤ Amizade	“os vizinhos era tudo família, as gentes ajudava era uns pra os outros”. (Teresa, 82)
		“Nós aqui era... Somos uma gente leal umas às outras. Amiga: “Ó fulano, ó cicrano, ó valtrano, quer andar comigo? Andar ali? (não entendi) Vamos assim? Vamos assados?” Nós vamos!... Ou então se pedisse á uma vizinha minha se ia aqui,ou aqui ou ali: “Olha tenho as crianças á dormir”, “Vai embora que eu boto os olhos”. A gente não tinha medo de nada, não... aqui era tudo uma família”. (Glória, 78)
Valores práticos	➤ Trabalho	“Eu com sete anos já ajudava em casa e ia fazendo uns trabalhinhos”. (Teresa, 82)
		“Isso era a costureira que fazia. Eu fazia as meias, 15 a 20 pares pra cada um. Eles levavam os sacos, punham em baixo do colchão, ah”, tamem “o colchão era feito em casa, um saco cheio de palha de cevada. Depois iam guardando a roupa suja. Na volta a gente lavava tudo, era difícil, aí eu começava a arrumar outra vez, a quer era composta” aremendava” eu, a roupa composta era feita por mim, tinha quem não sabia fazer, mas eu fazia...Fazia tudo pra os meus filhos.[...] Eu trabalhava aqui e ele ia para o bacalhau para a Terra Nova, se não pescasse tudo, ainda ia pra” Gronelandi “ Quando chegava, mal ficava em casa, procurava logo o que fazer. Era um homem muito trabalhador”. (Berta, 73)
		“a gente andava sempre a trabalhar, trabalhava em tudo o que se podia. A gente ia juntando tudo o que podia, não desperdiçava em nada.... Foi uma vida de trabalho, tivemos um filho atrás do outro, cinco no total. .. Íamos carregadas de peixe, pra cá, a gente vendia o peixe” pra os lavrador”. (Joana, 75)

Valores práticos (cont.)		“Quando a gente casava já sabia o que nos esperava, meu pai também andava no bacalhau e eu via a vida de minha mãe, o sofrimento foi sempre grande, muito trabalho, muitas lágrimas caíam... Enquanto eles pescavam, aqui a gente fazia o que era preciso, trabalhava no que aparecia, a vida é feita de sacrifícios. Mas sempre trabalhei desde pequena. Trabalhei nas fábricas, ia ao argaço, comecei a comprar e a vender, tínhamos um barco e eu tratava de tudo”. (Mafalda, 90)
		“Meu primeiro trabalho foi na “seca. . Estava ali de manhã até quase á noite o bacalhau a secarem. Mas sempre nós I...I depois de estar tudo estendido o bacalhau, depois de comer ao meio, .., eram horas . Cinco horas, cinco e meia, lá a encarregada chamava nos para nós irmos recolher os bacalhaus., a trabalhar na seca anos, anos minha senhora e num cativoiro. era só para o seguro. nós trabalhava muito, e as dos lavadouros que era a seca dos lavadouros, eram mais roceiras a trabalharem”. (Glória, 78)
		“Comecei a ajudar a minha mãe, tinha pra aí uns 9 anos, só andei na escola até a segunda classe, e depois fui aprendendo a vender o peixe, éramos muitos e enquanto meu pai andava no bacalhau, e eu “atão” comecei a ir sempre “ cum ela”. (Maria, 85)
		“De maneira que eu tinha que trabalhar, `pois eles precisavam comer, vestir, Ah passamos muito. O povo d’agora num passa nada... Agora é tudo, olhe agora é tudo um mar de rosas pra vista do mundo antigo, é um mar de rosas... Antigamente o povo passou muito... De maneira qu’eu vivia de lavar, uma senhora chamou-me: ó minha senhora, olhe quando puder venha aqui. E eu fui lá. Fui lá e ela disse: Olhe, com o seu marido fora e você tem esses meninos, se você quiser ora lava a minha roupa, e eu arranjo mais uma senhora pra lavar”. (Maria, 76)
		“Porque a reforma é muito pequena. Foi um senhor que m’arranjou, se num fosse ele, eu não tinha, mas coitado disse «essa senhora precisa,

Valores práticos (cont.)		tem muita necessidade...ficou a criar uns poucos de filhos sem pai”. (E6)
		“Para o rio. Lavávamos e botávamos á secar no rio... eh.... na areia. Tava seca, botávamos novamente pá um saco e vínhamos embora com a roupa, já preparadinha. Levava... Levava mais que um dia, porque era muita roupa, e a gente...lavava praí uns 4 dias”. (Adélia, 86)
		“E minha mãe, trabalhava na lavoura, nós tínhamos uma vaquinha, tínhamos porcos, tínhamos tudo e toda gente em casa trabalhava á ajudar a mãe, porque o pai só quando vinha aos seis meses é que trazia um dinheirinho e o pouco que trazia era para pagar a farmácia para mim , porque eu era muito doente, na época de menina. Então a minha mãe tinha um cordão, todas as irmãs tem um cordão. Então, um dia eu perguntei á ela: “mãe, as suas irmãs têm um cordão, tu não tens cordão?” Ela disse “Não, Maria, para tu estais viva, até o cordão foi. Eu não tenho cordão porque eu dei o cordão á farmácia para pagar a dívida que o teu pai andou lá seis meses e não ganhou nada”. (Eulália, 58)
Valores emocionais	➤ Saudades	“O meu homem de vez em quando mandava uma carta, era quando o barco ia abastecer, e eu pedia a alguém que lesse...(por isso a gente pouco dizia)...Quando podia a gente mandava uma encomenda, uns bolos secos, um pouquinho de peixe salgado, era pra melhorar o rancho”. (Teresa, 82)
		“não saía, sempre vestida de roupa escura, lenço na cabeça. . A gente desmanchava a casa, tirava os quadros, não usava a loiça boa... Os homens passavam muito lá fora e a gente aqui tinha, era preciso guardar respeito ao homem que andava no mar. Em minha casa era assim pois o meu andava no bacalhau, e na minha continuou a ser...”. (Berta, 73)
		“Quando chegavam...A gente ficava sabendo já muito perto, aí era uma corrida pra arrumar tudo. Ia buscar palha para encher o colchão, queria ter tudo fresquinho, os filhos andavam numa alegria. Quando chegavam era uma festa, ia de

Valores emocionais (cont.)		camioneta, a camioneta vinha cá buscar-nos, levava guitarras pra eles tocar, aquilo era uma festa. Naquele tempo não havia cartas, nem telefone, nada..." (Berta, 73)
		"Era nova e gostava muito dos bailaricos, a minha mãe não gostava de sair daqui pra acolá, como o pai dela também andava no bacalhau, tanto ela como minha avó viviam dizendo: "Vosso pai anda em cima das águas do mar, vejam lá o que fazem, cuidado para que ele não se envergonhe" (Joana, 75)
		"Toda mulher séria sabia que tinha que guardar respeito ao marido, enquanto ele tivesse fora, não saia, só para trabalhar. Nos serões ficava a fazer malha e aos domingos juntava com as amigas, sentadas na soleira a gente conversava, mas só podia falar sobre a vida e imaginar o que os nossos homens passavam. Quem tinha recebido carta contava as novidades. E a gente também escrevia e aproveitava para preparar encomenda para mandar, umas enguias, uns biscoitos, coisas cá da terra que a gente sabia que gostavam.... , Sempre tive muita saudade, mas quando ele chegava tudo mudava, parecia que a casa ficava mais cheia, tinha mais alegria, os filhos não saiam de rode dele, trazia muitos presentes. Com ele aqui já podia ir ao café, as vezes íamos ao cinema, também a Fátima para pagar as promessas que fazia quando ele tava no mar" (E3)
		"Quando sabia que estava para chegar, limpava tudo em casa, fazia uma roupa nova para os filhos, eu também sempre estreava uma pecinha nova. Ia ao cabeleireiro fazer uma permanente, deixava tudo num brinquinho. Sempre havia umas coisinhas de lado, na horta tinha muitas hortaliças. E ia sempre esperar o barco a Matosinhos" (E4)
		"Enquanto o pai andava fora, era muito trabalho, não íamos a lado nenhum, só a missa. A mãezinha vivia dizendo: eu sei lá se o teu pai está bem, vocês não devem esquecer que o pai anda no bacalhau, a vida é dura e ele trabalha

Valores emocionais (cont.)		muito pensando em vocês, e chorava muito...»...Depois casei, no tempo todo de casados ficamos mais tempo separados do que juntos, quando ele tava em casa tudo era bonito. Os filhos contentes, eu fazia a comida de que ele gostava, adorava arroz com feijão vermelho um peixinho frito. Mas o tempo passava depressa. Saudades... e o meu homem já morreu... Por longos minutos guarda silêncio, enquanto as lágrimas correm, a face enrugada, o preto da roupa, as costas vergadas, são os sinais exteriores da dor que a consome).meu rico homem que falta me faz”. (E6)
	➤ Felicidade	“Depois ele saiu do bacalhau, andou lá 28 anos, montamos aqui uma lojinha e a vida foi melhorando”. (E1)
		“Depois foi a vida, os filhos casados, os netos e há 3 anos meu marido ficou muito doente e uma filha que vive aqui trouxe a gente por causa do hospital. Meu homem morreu há uns meses...E eu aqui fiquei”. (E2)
		“Foi tudo muito difícil. Foi uma vida de trabalho, tivemos um filho atrás do outro, cinco no total. Acho que era um por cada viagem...Tive que trabalhar muito, criar os filhos sozinha e poupar muito, mas conseguimos ter a nossa casa. Era bem difícil, mas tenho saudades, era também bonito”. (E3)
		“Não sei,... se tivesse casado com um lavrador talvez fosse diferente... criar os filhos quasi sozinha, ficar imaginando os perigos . Eu sempre pude fazer o que era preciso, meu marido teve sempre muita confiança em mim, mas quando ele chegava dava-lhe conta de tudo, era uma questão de respeito Penso que tivemos uma vida boa. Os filhos foram pra escola, era importante pra nós. Os dois estudaram, meu filho foi para a faculdade, sempre com muito sacrifício. Estudou no Porto, é engenheiro e agora vive na Alemanha. Tenho pena pois quase não vejo meus netos, tem 2 meninos. Já fomos lá, mas não gosto daquilo”. (E4)

Valores emocionais (cont.)		“Quando ele vinha, não perguntava as contas mas eu dizia-lhe: “Tantos meses á tanto, gastei tanto, assim, assim...”, mas ele não queria saber, não senhora. Mas hoje é igual, hoje é igual, hoje também é igual. Posso ir com esta, com aquela, pr’ali, pr’acolé, passear e ele ainda próprio diz “oh a fulana vai ao passeio, assim, assim; você vai com ela? Oh sim, vai com ela”. Nisso... eu não tenho... o que dizer, o meu neto está aqui, minha neta está aqui, que diga”. (E5)
		“Vim para aqui, aqui fiquei sempre, estou sempre. Tive quatro filhos e sempre foi assim”. (E6)
		“As vezes a pessoa não é alegre, há coisas que marcam, há coisas que marcam. Penso que tivemos uma vida boa. Os filhos foram pra escola, era importante pra nós. Os dois estudaram, meu filho foi para a faculdade, sempre com muito sacrifício. Estudou no Porto, é engenheiro e agora vive na Alemanha. Tenho pena pois quase não vejo meus netos, tem 2 meninos. Já fomos lá, mas não gosto daquilo”. (E8)

Fonte: Adaptação da análise dos valores de Richard K. White, apresentada por Bardin (1977, p.121)

Anexo 4 - Transcrição da entrevista número 1

Meu nome é Teresa, tenho 82 anos, casei com 17 anos e já tinha uma filha com um ano.

O meu pai e minha mãezinha nunca foram a escola e eu também não fui.

O meu homem embarcou numa companhia quando tinha 17 anos, ficou fora mais de sete meses. O pai dele também era pescador e os filhos seguiam os pais.

Quando ele tinha 20 anos casamos e ficamos a viver em casa de uma tia, já velha, uma casinha pequena sem água, sem luz, tinha que ir buscar água à fonte e a luz era do candeeiro de petróleo.

Eu com sete anos já ajudava em casa e ia fazendo uns trabalhinhos, era uma dona de casa pequenina...

A vida era dura, muito dura...

Quando a minha filha nasceu mandei um telegrama ao meu homem, dizia assim: mãe e filha bem. Não podia escrever mais porque era muito caro.

O meu homem de vez em quando mandava uma carta, era quando o barco ia abastecer, e eu pedia a alguém que lesse... (por isso a gente pouco dizia)

Quando podia a gente mandava uma encomenda, uns bolos secos, um pouquinho de peixe salgado, era pra melhorar o rancho, para comere diferente...

A vida era difícil, hoje está tudo meliori...

Aqui o que valia era que os vizinhos era tudo família, as gentes ajudava era uns pra os outros ele trabalhava lá e eu aqui ia fazendo o que podia. A minha tia quando morreu deixou a casinha, era quase um barraco, mas ajudou muito, fomos arrumando aqui e acolá... Depois ele saiu do bacalhau, andou lá 28 anos, montamos aqui uma lojinha e a vida foi melhorando. A filha estudou até o Liceu e depois foi embora pra Lisboa, lá arranjou trabalho numa fábrica.

Casou com um rapaz de Lamego, tenho 3 netos, mas nenhum quis ir para a pesca...

O marido chega, diz que é hora de irem para casa e lá vão eles...

Anexo 5 - Transcrição da entrevista número 6

Meu nome é... Maria dos Santos e tenho 85 anos. Nasci em Moncarapacho e só vim para Olhão depois da doença do meu marido,

P – Gostava da profissão de seu marido?

R – Naquele tempo todos precisavam ganhar algum dinheiro e os rapazes pensavam logo em ir para o bacalhau.

P – Se fosse hoje voltava a casar com um pescador de bacalhau?

R – Casei com 21 anos e o meu homem tinha 22, tive 11 filhos, 7 rapazes, um já morreu, todos andaram ao bacalhau, era a o destino da gente,

P – Qual a sua opinião sobre a forma como esta profissão é tratada socialmente? Acha que é uma profissão que tem sido valorizada mais ou menos pela sociedade?

R – Ah, era tudo igual, cada um cuidava de sua vida, mas se acontecesse alguma coisa, era como se fosse da família.

P – Qual acha que é o papel da mulher do pescador de bacalhau?

R – A mulher tem que fazer a sua parte, meu homem passava muito tempo fora, foi acho que 11 vezes ao bacalhau, depois voltou doente... nesse ano, já foi o meu filho mais velho. Quando eles iam eram solteiros, faziam a primeira viagem pra mãe, pra pagar a despesa da roupa, que era muita. Levavam dois sacos dessa altura (indica com as mãos uma altura considerável). Ali ia tudo muito acabadinho, as calças de “surri beke”, as ceroulas, camisas, isso era a costureira que fazia. Eu fazia as meias, 15 a 20 pares pra cada um. Eles levavam os sacos, punham em baixo do colchão, ah, também o colchão era feito em casa, um saco cheio de palha de cevada. Depois iam guardando a roupa suja. Na volta a gente lavava tudo, era difícil, aí eu começava a arrumar outra vez, a querê-la composta, arremendava eu, a roupa composta era feita por mim, tinha quem não sabia fazer, mas eu fazia...Fazia tudo para os meus filhos. As camisas e as ceroulas era de um pano grosso, já não sei o nome...

P – Fez algum tipo de sacrifício em benefício da profissão de seu marido?

R – Não, a nossa vida foi sempre de muita luta, mas era assim a vida de todo mundo.

Eu trabalhava aqui e ele ia para o bacalhau para a Terra Nova, se não pescasse tudo, ainda ia pra “Gronelandi” Quando chegava, mal ficava em casa, procurava logo o que fazer. Era um homem muito trabalhador, quando foi para o mar era analfabeto, naquele

tempo podia ir para o mar sem a cédula. Mas depois aprendeu a assinar o nome, andou uns tempos na escola.

P – Quando casou com seu marido o que é que vocês desejavam alcançar? Por exemplo, achavam que através deste tipo de profissão conseguiam ter casa própria, estabilidade financeira, em suma, que projetos de vida tinham?

R – A gente sempre pensava em ter alguma coisinha, mas o dinheiro não chegava. Era preciso saber governar muito bem. Quando ele estava fora, ia comprando e ia ficando tudo no livro, só quando ele chegava é que se pagava. Os filhos quando foram crescendo já ajudavam alguma coisinha, iam trabalhando nas obras, até chegar o tempo de ir pro mar. Eu ficava em casa, as mulheres daqui não trabalhavam fora.

P – Como era a sua vida na ausência de seu marido (a nível de trabalho, com os filhos, etc.) Como se sentia durante este período?

R – Era a vida de casa, cuidar de tudo, não saía, sempre vestida de roupa escura, lenço na cabeça. A gente desmanchava a casa, tirava os quadros, não usava a loiça boa... Os homens passavam muito lá fora e a gente aqui tinha, era preciso guardar respeito ao homem que andava no mar. Em minha casa era assim pois o meu andava no bacalhau, e na minha continuou a ser...

P – Como era a vida quando seu marido estava em terra? O que apreciava mais, quando ele estava fora ou consigo?

R – A gente ficava sabendo já muito perto, aí era uma corrida pra arrumar tudo. Ia buscar palha para encher o colchão, queria ter tudo fresquinho, os filhos andavam numa alegria. Quando chegavam era uma festa, ía de camioneta, a camioneta vinha cá buscar-nos, levava guitarras pra eles tocar, aquilo era uma festa. Naquele tempo não havia cartas, nem telefone, nada...

Quando os homens chegavam a gente já largava os saco de roupa nos olheiros, que é onde se lavava a roupa. Sempre foi assim e ouvi os mais velhos dizerem que quando começaram a construir a linha do comboio, iam acabar com eles, Aí durante a noite o povo ia e desmanchava o que tava feito, e foi por isso que fizeram a linha com uma curva...

P – O que é ser mulher de um pescador de bacalhau?

R – Foi dura, o meu homem naufragou, mas graças a Deus conseguiu ser salvo. Só fiquei a saber disso no dia em que o barco chegou... Depois disso meu marido não foi mais, ficou doente e nunca mais teve saúde. E atão, ele passou a trabalhar na pesca por aqui,

os filhos como eram novos, não sentiam aquilo que a gente sentia... e andavam muitos homens e eles queriam ganhar dinheiro... E aí foram para o bacalhau, o meu mais velho foi no ano em que o pai deixou e depois os outros. Um lá ficou ...(a vida tem dessas coisas) sumiu no mar...

Depois foi a vida, os filhos casados, os netos e há 3 anos meu marido ficou muito doente e uma filha que vive aqui trouxe a gente por causa do hospital. Meu homem morreu há uns meses...E eu aqui fiquei.

Anexo 6 - Transcrição da entrevista número 2

P – Como se chama?

R – Berta

P – E que idade tem? Frequentou a escola?

R – Tenho 73, nasci aqui na Gafanha, entrei pra escola com sete anos e meio “a casi” e andei até a terceira classe, eu gostava de andar na escola, mas também gostava de andar c’ a minha mãe, eu andei na quarta, mas não consegui fazer a quarta porque naquele tempo não éramos obrigadas... e quando calhava a época das férias a minha mãe já levava a gente atrás dela. As vezes dizíamos que não ia, e não ia mesmo, depois a noite apanhava... (Faz uma pausa, e abre um largo sorriso ao dizer) A minha mãe aí já me comprou uma canastrinha.

Eu gostava muito de andar, mas tinha dias que chegava muito cansada, meu pai andava no bacalhau e morávamos junto com a minha avó, a mãe da minha mãe, meu tio e o meu irmão. Todos numa casita pequena, sem quarto de banho, e quando chegava o inverno parecia que o frio entrava por todo lado...

Era nova e gostava muito dos bailaricos, a minha mãe não gostava de sair daqui pra acolá, como o pai dela também andava no bacalhau, tanto ela como minha avó viviam dizendo: «Vosso pai anda em cima das águas do mar, vejam lá o que fazem, cuidado para que ele não se envergonhe».

Meu marido embarcou em 1965, era vizinho e foi no barco com o meu pai, nessa época ainda não namorávamos. Numa das chegadas, fui com minha mãe esperar meu pai e começamos a trocar uns olhares... Quando embarcou começou a escrever, as cartas demoravam a chegar, mas o namoro foi crescendo.

Ele falava da vida da pesca, mas também das terras que visitava, das saudades que sentia.

Namoramos 9 meses, seis meses no mar e três cá, e resolvemos casar. Era quase sempre assim, queriam casar antes de voltar a embarcar. Chegava o dia lá iam e a gente ficava a esperar e a morrer de saudades.

P – Quando casou com seu marido o que é que vocês desejavam alcançar? Achavam que através desta profissão conseguiam ter casa própria, estabilidade financeira, que projetos tinham?

R – Sempre foi assim, a gente andava sempre a trabalhar, trabalhava em tudo o que se podia. A gente ia juntando tudo o que podia, não desperdiçava em nada, o comer enquanto

ele estava fora era bem simples, tudo para na amealhar um pouquinho mais, queríamos era o dinheiro para fazer uma casa.

P – Gosta(va) da profissão de seu marido, se fosse hoje voltava a casar com um pescador?

R – Naquele tempo todos iam a pesca, ou para o bacalhau ou por aqui, mas no bacalhau sempre ganhavam um pouquinho mais...

P – Qual acha que é o papel da mulher do pescador de bacalhau? Como era a sua vida na ausência do marido, com o trabalho, com os filhos?

R – Toda mulher séria sabia que tinha que guardar respeito ao marido, enquanto ele tivesse fora, não saia, só para trabalhar. Nos serões ficava a fazer malha e aos domingos juntava com as amigas, sentadas na soleira a gente conversava, mas só podia falar sobre a vida e imaginar o que os nossos homens passavam. Quem tinha recebido carta contava as novidades. E a gente também escrevia e aproveitava para preparar encomenda para mandar, umas enguias, uns biscoitos, coisas cá da terra que a gente sabia que gostavam...

P – Sentia dificuldade na gestão do orçamento doméstico, que apoio teve?

R – Foi tudo muito difícil. Foi uma vida de trabalho, tivemos um filho atrás do outro, cinco no total. Acho que era um por cada viagem...Tive que trabalhar muito, criar os filhos sozinha e poupar muito, mas conseguimos ter a nossa casa.

Íamos carregadas de peixe, pra cá, a gente vendia o peixe” pra os lavrador” e a gente estava a espera de que eles viessem e davam” o caldo”. Quem tinha leite pagava quando recebia, aí de quinze em quinze dias Muitos pagavam a gente com feijão, milho, trigo, com ovos, e a gente fazia as contas e íamos vender o que a gente chamámos de “roubo”.

Sempre a pé pra lá e pra cá.

P – Alguns dos seus filhos seguiram a profissão do pai.

R – Não. As raparigas casaram com pescadores mas não de bacalhau, andam embarcados em Marrocos e na Alemanha. O meu filho mais velho trabalha numa fábrica em Aveiro, e os dois outros imigrarem para a França e trabalham nas obras.

P – Como lidava com a saudade no tempo em que o marido estava fora?

R – Era difícil, sempre tive muita saudade, mas quando ele chegava tudo mudava, parecia que a casa ficava mais cheia, tinha mais alegria, os filhos não saiam de rode dele, trazia muitos presentes. Com ele aqui já podia ir ao café, as vezes íamos ao cinema, também a Fátima para pagar as promessas que fazia quando ele tava no mar...

Era bem difícil, mas tenho saudades, era também bonito.

Entrevista n.º 3

Não permitiu a gravação, os relatos que transcrevemos foram anotados no diário de campo.

Entrevistadora: Como se chama?

Joana, 75 anos

Entrevistadora: E que idade tem?

A idade tenho 75, fiz no começo do ano.

Nasceu aqui nesta freguesia?

Sim senhora, toda a minha família é de cá a minha mãe era casada com um primo e por isso a família é toda misturada(risos) , - “ comecei a ajudar a minha mãe, tinha pra aí uns 10 anos, só andei na escola até a quarta classe, gostava de ter aprendido mais, só que naquele tempo era preciso ajudar em casa, no campo, a vender o peixe, enfim no que fosse preciso ..., éramos muitos e enquanto meu pai andava no bacalhau, a minha mãe ia cuidando da casa e também vendia e eu” atão” comecei a ir sempre “ cum ela.

. .. Íamos carregadas de peixe, pra cá, a gente vendia o peixe” pra os lavrador”. A gente tinha pouco com que se divertir, tínhamos as amigas, a gente cantava, mas não íamos a bailes nada disso, só a missa, . A mãezinha vivia dizendo: eu sei lá se o teu pai está bem, vocês não devem esquecer que o pai anda no bacalhau, e nós temos que guardar respeito- Nunca fui a praia, nem usávamos roupas garridas, era tudo escuro, lenço na cabeça...

Era nova e gostava muito dos bailaricos, a minha mãe não gostava de sair daqui pra acolá, como o pai dela também andava no bacalhau, tanto ela como minha avó viviam dizendo: “Vosso pai anda em cima das águas do mar, vejam lá o que fazem, cuidado para que ele não se envergonhe”

Conheci o meu marido desde pequena, a família dele também era de cá. Ele quando foi ao mar, foi junto com um irmão meu e o meu pai também ia nesse barco, O pai dele morreu num naufrágio, deixou 5 filhos por criar e o meu homem começou cedo a trabalhar, primeiro nos barcos por aqui, mas depois como no bacalhau sempre se ganhava um pouco mais lá foi...

Naquele tempo todos iam a pesca, ou para o bacalhau ou por aqui, mas no bacalhau sempre ganhavam um pouquinho mais...

Toda mulher séria sabia que tinha que guardar respeito ao marido, enquanto ele tivesse fora, não saía, só para trabalhar. Nos serões ficava a fazer malha e aos domingos juntava com as amigas, sentadas na soleira a gente conversava, mas só podia falar sobre a vida e imaginar o que os nossos homens passavam. Quem tinha recebido carta contava as novidades. E a gente também escrevia e aproveitava para preparar encomenda para mandar, umas enguias, uns biscoitos, coisas cá da terra que a gente sabia que gostavam.

Sempre tive muita saudade, mas quando ele chegava tudo mudava, parecia que a casa ficava mais cheia, tinha mais alegria, os filhos não saiam de rode dele, trazia muitos presentes. Com ele aqui já podia ir ao café, as vezes íamos ao cinema, também a Fátima para pagar as promessas que fazia quando ele tava no mar”

Foi tudo muito difícil. Foi uma vida de trabalho, tivemos um filho atrás do outro, cinco no total. Acho que era um por cada viagem...Tive que trabalhar muito, criar os filhos sozinha e poupar muito, mas conseguimos ter a nossa casa. Era bem difícil, mas tenho saudades, era também bonito”.

Só namorei com ele e casamos quando eu tinha 21 anos e ele 23, fomos morar com a minha sogra, ela era doente e eu ajudava no que podia. Nesse tempo, a gentes daqui iam trabalhar para as conservas, quando chegava o peixe, éramos chamadas e aí de quem não fosse, perdia o lugar.

Acho que a gente já tinha como certo que ia casar com um pescador, não era coisa que se pensasse pra aí além...

Quando o trabalho nas conservas foi acabando, eu virei para as limpezas, havia uma senhoras mais ricas que me chamavam e eu ia, depois também ia fazendo alguma costura, coisa pouca, mas sempre ajudava. O comer enquanto ele estava fora era bem simples

O meu marido passou a cozinheiro e aí já ganhava um bocadito mais e como fui sempre poupada íamos vivendo.

Nunca comprei nada na casa dos pescadores, eram uns gatunos, vendiam tudo muito caro...

Nunca quis ir a saída dos barcos, gostava de me despedir do meu homem em casa, mas quando ele voltava, aí sim, era uma festa,

Cuidava para que tudo estivesse no lugar. Enchia a casa de flores, fazia uma roupa nova pra mim e pro catraio, comprava um pijama novo. Quando ele estava em casa era uma felicidade muito grande.

À noite ele ficava contando o que tinha passado, aquilo era muito duro, nem todos aguentavam bem. O tempo era mau, muitos diziam que não aguentavam, mas depois lá iam de novo, fazer o que era a vida que se tinha...

Entrevista n.º 4

Mafalda 90 anos

Quando a gente casava já sabia o que nos esperava, meu pai também andava no bacalhau e eu via a vida de minha mãe, o sofrimento foi sempre grande, muito trabalho, muitas lágrimas caíam... Enquanto eles pescavam, aqui a gente fazia o que era preciso, trabalhava no que aparecia, a vida é feita de sacrifícios. Mas sempre trabalhei desde pequena. Trabalhei nas fábricas, ia ao argaço, comecei a comprar e a vender, tínhamos um barco e eu tratava de tudo”.

A pesca foi sempre o nosso sustento de vida, na horta tinha muitas hortaliças.

O meu marido foi para o mar com 15 anos, e com 17 para a pesca do bacalhau. A mãe ficou viúva e era preciso ajudar em casa. Aqui na região a profissão de pescador foi sempre bem vista, era o modo de vida dos homens. Mas só quem viveu é que sabe como foi difícil

Não sei... se tivesse casado com um lavrador talvez fosse diferente... criar os filhos quasi sozinha, ficar imaginando os perigos . Eu sempre pude fazer o que era preciso, meu marido teve sempre muita confiança em mim, mas quando ele chegava dava-lhe conta de tudo, era uma questão de respeito. Penso que tivemos uma vida boa. Os filhos foram pra escola, era importante pra nós. Os dois estudaram, meu filho foi para a faculdade, sempre com muito sacrifício. Estudou no Porto, é engenheiro e agora vive na Alemanha. Tenho pena pois quase não vejo meus netos, tem 2 meninos. Já fomos lá, mas não gosto daquilo”. Quando ele vinha, não perguntava as contas mas eu dizia-lhe: “Tantos meses á tanto, gastei tanto, assim, assim...”, mas ele não queria saber, não senhora. Mas hoje é igual, hoje é igual, hoje também é igual. Posso ir com esta, com aquela, pr’ali, prá colá, passear e ele ainda próprio diz “oh a fulana vai ao passeio, assim, assim; você vai

Eu sempre gostei do meu marido, mas agora estamos velhos, vou fazer 90 anos daqui há dias, ele tem 91. Foi uma vida de trabalhos, vi muita tristeza, mas fui feliz.

Anexo 7 - Transcrição da entrevista número 5

Glória - 78 anos

Entrevistada: Meu primeiro trabalho foi na “seca”.

Entrevistadora: E como era trabalhar na seca? O que é que se fazia?

Entrevistada: Assim, ah.... As camionetas vinham carregadas de bacalhau, e as camionetas descarregavam o bacalhau pra gente. Nós pegávamos no bacalhau e botávamos o bacalhau todo em pilha e fazia esta pilha quase da altura dessa casa ... depois iam para as máquinas lavarem o bacalhau. Mas a gente pegava e tirada de cima pra baixo dos carros de mão para levar para as máquinas, avançávamos o bacalhau para dentro da máquina. A máquina estava cheia d'água, a máquina ela ligava á eletricidade... Lá estava, estava lavado, a máquina era automática , se “escarregava”. As outras por trás que estavam na máquina, pegavam o bacalhau do chão, voltava outra vez nos carros e fazia outra vez a pilha de bacalhau e botávamos: camada de bacalhau, camada de sal; camada de bacalhau, camada de sal. Sempre a pilha ia alta. Tava tempo, tava dois dias ou três no sol em... o bacalhau ia para um arrial dessas pareciam umas camas, muito compridas... E botava-se á secar: cabeça pra lá, rabo pra cá; cabeça pra lá, rabo pra cá. Estava ali de manhã até quase á noite o bacalhau a secarem. Mas sempre nós, depois de estar tudo estendido o bacalhau, depois de comer ao meio dia, a uma hora a gente entrava. Íamos para essas redes virar o bacalhau de costas, o bacalhau tava de barriga e nós virava de costas, que era pois, eram horas . Cinco horas, cinco e meia, lá a encarregada chamava nos para nós irmos recolher os bacalhaus, eram cinco ou seis raparigas ou mulheres já casadas... A altura nós éramos solteiras... E era a espécie de uns carros grandes, a gente enchia esse “coiso” , “panhava” o bacalhau, enchíamos esses carros grandes e puxávamos os carros para ir para o armazém. O bacalhau tornava se a ir estendido, da maneira que a gente botava: pra lá, pra cá; pra lá, pra cá outra vez. Enquanto o bacalhau não estivesse seco, o bacalhau tinha que sair sempre para a rua, para botar a secarem. Depois que o bacalhau estivesse seco, ia para outro armazém, e lá dentro que era uma espécie de umas estufas para eh... separável: o grande para um lado, o médio para outro e o pequeno para outro. Em sacos, em sacos de linhagem a gente chamava os sacos de saco de linhagem para serem guardados. Havia umas senhoras também á “partar” o bacalhau... Cada carro tinha a sua profissão: umas poem o bacalhau molhado, outras poem o bacalhau seco, outras salgam o bacalhau, e era assim o trabalho. Depois vinha... Acabava o nosso bacalhau português, vinha o bacalhau de fora que vinha ... da América era congelado vinham em sacos, nesses sacos congela-

dos vinham com umas pilhas d'água... O corpo do bacalhau tinha... Tem aquela badana preta do bacalhau. Nós botava o bacalhau nessas, nessas gamelas grandes, frio, ele vinha congelado então era frio. Nós tinha de tirar essa badana toda preta, para ficar o bacalhau, a asa do bacalhau branquinha. E ele depois ia outra vez para o chão: camada de bacalhau, camada de sal; camada de bacalhau, camada de sal. Tava um tempo de chuva, se chovia por exemplo dois ou três dias esses bacalhaus já iam para as estufas, ser seco á estufa, porque esse bacalhau era muito grande, já não era pequeno. Aí era bacalhau de cinco ou seis quilos, muito grande aquilo. E eles ficavam na estufa, ficava lá dois, três dias na estufa, lá secavam. Depois iam outra vez para esse armazém, assim “acordados”. Era muito trabalho.

Entrevistadora: Quanto se ganhava, Dona Glória?

Entrevistada: Aaahhh.... Não se ganhava nada! Era... era uma miséria! Nós não tinha descontos, era só para o seguro, que mal descontava, nunca se descontou nada pra reforma daqui na furada, a trabalhar na seca anos, anos minha senhora e num cativoiro. era só para o seguro.

Entrevistadora: As mãos, como é que ficavam?

Entrevistada: Ah, as mãos... As mãos ficavam todas picadas do bacalhau, e esses dedos ficavam a ver carne. Assim, era muito fininha a pele. Nós até... nós até fazia por... a gente arrancava o bacalhau. O bacalhau tinha sal, e era muito para conservar, vender na ??? Deus me livre, aqui ela frio... Já vinha tudo gelado... esses quartos, a gente aonde empilhava os bacalhaus, se chamava “a pilha do bacalhau”, já eram gelados. o bacalhau já vinha frio dos barcos, e assim os barcos tráz sempre o bacalhau frio nunca quente devido ao medo de se estragar. E como doía o sal nas mãos, depois tornar a arrancar, tornar a botar o bacalhau do sal para a máquina, a máquina lavava. Depois outras por trás da máquina atirava o bacalhau pra outra vez botar o sal nele... o sal na mão..(aqui faz um esgar de dor). Cada qual tinha a sua profissão. Mas nós é que aturava, que aturava a trabalhar nisso. A encarregada chamava, estava sempre a gritar; “Dona ‘Flora, era assim o nome dela’, ela era de Lavadores... se a gente parava ... gritava logo dormindo na máquina?, porque nós trabalhava muito, e as dos lavadouros que era a seca dos lavadouros, eram mais roceiras a trabalharem. E ela como via que eram mais roceiras a trabalharem, chamavam por elas - as por mulheres de lá elas iam. Tinha umas canaletas para a gente estar assim a roçar o bacalhau pro chão, era nosso trabalho. E elas depois de colher o bacalhau e ela dizia “Quem mais apressado arrumar, mais depressa vai embora”. E iam as do Lavadores “Então elas já vão embora e nós ainda estamos aqui”. “Elas já fizeram os serviços delas e vós fazeis o vosso”.

Entrevistadora: Começavam a trabalhar que horas?

Entrevistada: Diga?

Entrevistadora: De manhã, a que horas começavam a trabalhar?

Entrevistada: Podíamos sair as sete tanto como as oito , como as seis, no inverno as seis porque no inverno, era inverno e o bacalhau não saia muito. Porque estava a chuva, se estivesse encuberto também não saia o bacalhau. Quando não saia o bacalhau pra rua nós saia mais cedo, quando o bacalhau saia pra rua nós já vinha mais tarde.

Uma terceira pessoa (a neta que chegou) e começou a ouvir:

E que horas entrava de manhã?

Entrevistada: Às oito.

Entrevistadora: Quantas mulheres iam daqui naquele tempo, tem ideia?

Entrevistada: Daqui podia se arriar umas vinte e poucas , que iam lá... tinha muita mulher a trabalhar porque tinham duas secas: uma deste lado e uma do lado do mar. A maioria das secas... e vinham umas senhoras da Vila Chã , da Vila Chã trabalharem pr'aqui . Elas já iam embora á sexta-feira as três horas da tarde para apanhar a camionete para ir passar o fim de semana á casa delas, porque elas até dormiam lá. Toda semana dormiam lá na seca. E elas ao fim de semana iam mais cedo do que nós porque elas iam pra longe, mas, as outras... A maioria delas eram dos Lavadores e daqui da Afurada.

Entrevistadora: Aquilo é muito grande, porque há ainda pra lá assim uns escombros, não é? Que eu fui ver, mas tinha algum conforto lá dentro?

Entrevistada: Ah! Sim, sim. Aquilo não passava assim... Não chovia, nem nada , até quando estava muito frio, que o bacalhau não saia e a gente dava assim uma saltadinha para as estufas, porque era mais quentinho... Mas sempre de olhar para ver se ela vinha para a gente fugir (risos) e não nos ralhar... Outras fugiam um pouco a a dar a letra e era assim.

Entrevistadora: Comida, levavam de casa?

Entrevistada: Levava de casa, comida isso a gente levava. Uma levava de casa, outras saiam ao meio dia e vinham ao meio do caminho as mães vinham com a comida, vinham ao meio do caminho a espera delas e comíamos assentadas numa pedra, comíamos e tocava a correr, tínhamos pouco tempo, tocar corríamos para irmos trabalhar. E era assim a vida da seca.

Entrevistadora; E quem tinha filhos? Tinha onde deixar as crianças?

Entrevistada: Lá tinha creche. Era assim, lá tinha creche mas não era obrigado , qualquer uma que levava os filhos, era quem quisesse... quem calhasse, quem calhasse é

que levava os filhos ficavam em casa, mas tínhamos médico lá, tínhamos enfermeira... tínhamos á tarde... tava lá umas senhoras a fazerem chá para quem quisesse chá, mas se nós quiséssemos uma caneca de chá, nessas senhoras tínhamos que pagar. Chá e um pão, quem quisesse. Mas isso já era, por conta das secas, não por conta das senhoras, era por conta da seca, porque elas tinham que trabalharem junto com nós, nossa encarregada dizia á elas “Vai fazer chá pra quem quer”.

Entrevistadora: Mas tinham que pagar?

Entrevistada: Tinha que pagar, era assim a vida.

Entrevistadora: Agora uma coisa que eu estou muito interessada, porque o marido já me disse que namorava nesse tempo e que ele ia ao seu encontro (risos).

Entrevistada: Ah sim (risos). Pois é eu namorava o meu marido, mas os meus pais não queriam. O meu marido na ocasião era um bocadinho assim rude com a família dele, um mal entender com ela tinha assim uns maus modos. Como meus pais moravam a beira deles ouvia tudo, brigavam e a gente ouvia e eles não queriam que eu namorasse com ele. E ele vinha á minha espera, e eu tenho um irmão que ainda é vivo e que ia ficar a minha espera. : E esse meu irmão mais velho, minha mãe mandava atrás.... é... era a hora de sair e ela dizia “Ô João vai ver se ela....” porque não queriam que eu me encontrasse cum ele, vai já antes “quela” que saia, que já era muito assim desconfiada, desconfiava e ficava á minha espera escondido, e minhas irmãs até trocavam o caminho. Nós vínhamos sempre por aqui, pela beira do rio, mas também podíamos vir pelos lavadouros acima. A gente trocava as voltas, para ver se eu vinha com ele ou não. E chegava á casa. Se eu viesse com ele as minhas irmãs e mãe já mandavam vir comigo: “É por isso que eu não quero, eu não quero esse homem, eu não quero isto e aquilo”. E se eu viesse por cima, havia muitos caminhos que a gente atravessava: “Vamos por essa rua, ou vamos por aquela”. E lá eles seguiam depois eu vinha, encontrava com as minhas amigas e nós vínhamos todas juntas, e eu já ia por outro lado.

Entrevistadora: As amigas também davam cobertura, não é?

Entrevistada: Pois... (risos) Era sim, era a vida, era isto. E a minha mãe não queria, não achava bem, ir para aquela família, O destino já estava pr’ali, foi pr’ali.

Entrevistadora: Quantos anos tinham nessa altura?

Entrevistada: Vinte anos... é... Quando eu casei tinha vinte anos.

Entrevistadora: E saiu da seca?

Entrevistada: E saí... Depois comecei... Engravidei, casei... Casei ia fazer vinte e um (anos)... Casei em dezembro, no dia oito, ia fazer vinte e um (anos) em janeiro, já ia

grávida de uma filha minha, de seis meses... E depois tive essa filha e nunca mais trabalhei. Casei... e fui para a casa dos meus sogros. Mas logo depois meu marido foi para a tropa, ajitei casa , ajitei casa. Depois alcancei um rapaz... éramos uns atrás dos outros... tive seis filhos: quatro raparigas e dois rapazes. E foi assim a vida. Depois a minha mãe morreu, depois de eu casar um ano a minha mãe faleceu, o meu pai tá mais “cego” devido às cataratas ele ficou cego e eu fiquei com esses meus dois irmãos, a olhar por eles como se fosse filhos . Depois o meu marido foi pra tropa vinte e seis meses. Alcancei três filhos e ele na tropa. Depois ele veio da tropa e foi pro mar para a pesca, andava á pesca mas tinha já á tropa. Feita, .. é... depois ele foi para fora, na altura que ele foi para fora não dava para viver com o que se ganhava aqui, mas muitos perigos ele passou .

Entrevistadora: Pois, era muito complicado...

Entrevistada: É... era muito complicado... Depois ele foi pra fora. E eu andava com esta rapariga na barriga , e ela chegou da Holanda E perguntou por mim E a minha sogra disse “Oh ela não está, ela esta prò hospital. Já teve uma rapariga”. E foi assim, ele lá e eu daqui, acolá, tudo se criou.

Depois ele mudou mais um bocado assim foi ficando mais calmo, ele era um bocado nervoso, com mau feitio, mas não violento nem mau Não isso não, né nada... Mas assim tinha mais um feitio especial Se alguém dissesse alguma coisa ao contrário, o que ele dissesse, o que ele visse que não era assim, não era e não era mesmo! pois assim dizia ele “Coisas ao contrário , que não seja como ele entende ou qualquer coisa” , que ele não goste “Não é assim, é assim, assim e assim”.

Entrevistadora: Diga-me uma coisa, quando o marido esteve fora, não é, a senhora... o governo da casa, a senhora precisava dar satisfação a ele, ou a senhora podia cuidar das coisas á sua maneira?

Entrevistada: Não, não... Eu cuidava de tudo, eu lá nisso estava a vontade na vida, não se metia na vida de casa . Ele mandava o dinheiro, não se metia na vida, eu é que ligava para os filho, pr’ali, pra acolá... Ele vinha, ele sabia aquilo que mandava, o dinheiro que mandava pra cá, pra Portugal. Quando ele vinha, não perguntava contas mas eu dizia-lhe: “Tantos meses á tanto, gastei tanto, assim, assim...”, mas ele não queria saber, não senhora. Mas hoje é igual, hoje é igual, hoje também é igual. Posso ir com esta, com aquela, pr’ali, prá acolá, passear e ele ainda próprio diz “oh a fulana vai ao passeio, assim, assim; você vai com ela? Oh sim, vai com ela”. Nisso... eu não tenho... o meu neto está aqui, minha neta está aqui, que diga. Depois ele passou muito tempo fora de casa ,vinte e dois anos ou vinte e três anos, tava lá sem a família, mais a falta que ele esteve lá foi três meses seguidos.

Entrevistadora: Sem vir a casa?

Entrevistada: Sem vir a casa. Que ele depois... porque foram para muito longe...foram para a Austrália... Muitos dias de viagem. Depois ele vinha, tava aqui um mês, um mês e meio, a companhia...É que ele lá também andava no mar nesses barcos de carga, a companhia mandava o chamar.. A ele e a outros, não era só a ele , era muita gente daqui da Afurada lá na Alemanha, na Holanda, na Inglaterra a trabalhar nesses barcos. Era assim, um mês aqui, depois cinco ou seis meses a andar lá, depois vinha, tomava um mês em casa tornava a vir... Depois a gente ia indo governando a vida.

Ao primeiro foi um bocado difícil, mas a gente... Depois que a gente arrumou essa casa, os rapazes também começaram a crescer, começavam a trabalhar e a ganhar alguma coisita, pouco mas ajudava As raparigas chegavam aos dezoito anos e já ganhavam pra elas, era uma despesa a menos .

Entrevistadora: Quando a senhora trabalhava e era solteira, ficava com algum dinheiro para si ou era para a casa?

Entrevistada: Era pra casa , era pra casa porque meu pai “cegou”, não tinha mais quem ajudasse,... também os irmãos não eram.. crescidos . ainda não ganhavam assim grandes dinheiros, porque antigamente era uma uma pobreza, não havia ... nada a bem dizer e era para a casa o dinheiro. Porque no fim do mês minha mãe dava-me o que se chamava o “escudo” , cinco escudos ou vinte e cinco tostões... lá no Brasil é reais né?

Entrevistadora : É (risos) agora é.

Entrevistada: E nós aqui eram os escudos! E dava pra gente dar um passeio domingo, passear, ir ao cinema, mas de resto

Entrevistadora: Tinha muitas amigas? As pessoas aqui são amigas?

Entrevistada: Muitas, muito. Aqui a gente é uma família Nós aqui era... somos uma gente leal umas às outras. Amiga: “Ó fulano, ó cicrano, ó valtrano, quer andar comigo ? Andar ali? Vamos assim? Vamos assado?” Nós vamos!

Entrevistadora: E quando os maridos estavam fora, por exemplo, se precisasse da ajuda de alguém pra tomar conta de uma criança, numa doença, podia sempre contar?

Entrevistada: Sim, sim, sim... Sim, sim sim! A minha sogra ficava com a minha para eu ir ao tanque lavar, eu pedia á minha sogra e ela dizia “Vai!” Eu ia lavar e vinha e ia buscá-los. A gente morava pertinho uma da outra... ia buscá-los... Ou então se pedisse á uma vizinha minha se ia aqui,ou aqui ou ali: “Olha tenho as crianças á dormir”, “Vai embora que eu boto os olhos”. A gente não tinha medo de nada, não... aqui era tudo... calmo, até hoje no verão as crianças andam na rua até às dez, onze horas da noite.

Anexo 8 - Transcrição da entrevista número 6

P – Como se chama?

R – Maria dos Santos

P – E que idade tem?

R – A idade tenho 85, fiz no mês passado.

P – Nasceu aqui na Afurada?

R – Não senhora, nasci na freguesia de Matosinhos, – “comecei a ajudar a minha mãe, tinha pra aí uns 9 anos, só andei na escola até a segunda classe, e depois fui aprendendo a vender o peixe, éramos muitos e enquanto meu pai andava no bacalhau, e eu” atão” comecei a ir sempre “cum” ela.

Enquanto o pai andava fora, era muito trabalho, não íamos a lado nenhum, só a missa. A mãezinha vivia dizendo: eu sei lá se o teu pai está bem, vocês não devem esquecer que o pai anda no bacalhau, a vida é dura e ele trabalha muito pensando em vocês, e chorava muito...

P – Gosta(va) da profissão de seu marido, se fosse hoje voltava a casar com um pescador?

R – Os moços do bacalhau eram diferentes, viajavam, conheciam outras cousas ...

Depois já era uma rapariga espigadota e comecei a namorar o meu marido, um rapaz da Afurada, que já ia para o mar, mas ainda era “moço. Depois de dois anos de namoro casamos, eu ia grávida de 4 meses, ele embarcou logo e só conheceu a filha quando chegou. Vim para aqui, aqui fiquei sempre, estou sempre. Tive quatro filhos e sempre foi assim, nunca cá estava quando nasceram...

Os primeiros anos custaram muito, nós pagávamos renda e que é que ficava? De maneira que eu tinha que trabalhar, `pois eles precisavam comer, vestir, Ah passamos muito. O povo d’agora num passa nada... Agora é tudo, olhe agora é tudo um mar de rosas pra vista do mundo antigo, é um mar de rosas... Antigamente o povo passou muito...

P – Qual acha que é o papel da mulher do pescador de bacalhau? Como era a sua vida na ausência do marido, com o trabalho, com os filhos?

De maneira qu’eu vivia de lavar, uma senhora chamou-me: ò minha senhora, olhe quando puder venha aqui. E eu fui lá. Fui lá e ela disse: Olhe, com o seu marido fora e você tem esses meninos, se você quiser ora lava a minha roupa, e eu arranjo mais uma senhora pra lavar. E eu agradei muito: sim minha senhora, ela arranjou-me a dela e outras. Mas não era só eu, lavávamos muitas, cada uma lavava na sua pedra.

P – Quando casou com seu marido o que é que vocês desejavam alcançar? Achavam que através desta profissão conseguiam ter casa própria, estabilidade financeira, que projetos tinham?

R – Com muito custo compramos a casita, era pequena, nada como o que a senhora vê hoje. Com o tempo fomos arranjando, e ainda hoje no verão alugo dois quartos, e ficamos vivendo lá nos fundos. O dinheirinho ajuda.

Depois morreu o meu homem. Morreu novo, morreu ainda não tinha feito cinquenta, todo arrebrandinho de tanto trabalhar, que aquilo lá no frio, naquela terras não era nada fácil. Ah! Coitadinho ele passou muito, pescava, depois tinha que tratar do peixe. Tinha sempre as mãos em ferida e sem poder tratar porque o capitão do navio, tratava o homem como cão...

(Por longos minutos guarda silencio, enquanto as lágrimas correm, a face enrugada, o preto da roupa, as costas vergadas, são os sinais exteriores da dor que a consome). Depois os filhos foram crescendo e aí já ajudavam...

P – Sentia dificuldade na gestão do orçamento doméstico, que apoios tiveram?

R – Porque a reforma é muito pequena. Foi um senhor que m'arranjou, se num fosse ele, eu não tinha, mas coitado disse «essa senhora precisa, tem muita necessidade... ficou a criar uns poucos de filhos sem pai...»

P – Alguns dos seus filhos seguiram a profissão do pai.

R – Três filhos são pescadores, mas só um foi ao bacalhau, andou por lá um par de anos e depois não quis ir mais, a vida lá fora é muito dura. Ele mais os irmãos vivem da pesca por aqui.

P – Como lidava com a saudade no tempo em que o marido estava fora?

R – No tempo todo de casados ficamos mais tempo separados do que juntos, quando ele tava em casa tudo era bonito. Os filhos contentes, eu fazia a comida de que ele gostava, adorava arroz com feijão vermelho um peixinho frito. Mas o tempo passava depressa. saudades

Uma pessoa habitua-se... Ó meu rico homem... que falta ainda me faz...

Anexo 9 - Transcrição da entrevista número 7

P – Qual é o seu nome e onde nasceu?

R – Meu nome é Adélia e sou natural daqui de Vila do Conde e tenho 86 anos.

P – Que idade tinha quando se casou e seu marido?

R – Pinha 20 anos e ele 21. E já andava no mar.

P – Portanto, o senhor levava roupa para durar os seis meses, mas lembra-se assim, o que é que preparava? Lembra-se de alguma coisa que ia lá no saco, em especial?

Mulher: Era roupinha que ele levava, roupa.

P – as meias...

Mulher: as meias...

P – Mas alguma coisa era feito pela senhora ou não? Mandava trazer tudo de fora?

Mulher: Não, não, mandava na costureira

P – Quando regressavam, quando chegava aqui, quem é que cuidava da roupa?

Mulher: Era eu

P: Para onde é que ia lavar a roupa?

Mulher: Pra onde é que íamos lavar ? Para a Vila do Conde. Para o rio. Lavávamos e botávamos á secar no rio... eh.... na areia. Tava seca, botávamos novamente pá um saco e vínhamos embora com a roupa, já preparadinha.

P – quanto tempo levava pra arrumar aquela roupa toda que vinha?

Mulher: Quanto tempo levava? Levava... quer dizer.... lavadinhas ...

P – Pois, mas é o que eu digo, num dia só não chegava, levava mais que um dia para poder por tudo em ordem?

Mulher: Levava... levava mais que um dia, porque era muita roupa, e a gente...

(alguém fala alguma coisa)

Mulher: (continua) era pr'aí quatro dias.

P – E a comida quando ia, ele costumava levar comida? Preparava assim, alguma comida pra levar?

Mulher: Para mim?

P – Não, para ele

Mulher: Ah, pra ele?

Mulher: Quando ele estava em casa?

P – Não, quando ele ia embarcar, levava alguma coisa?

Mulher: Não, não levava nada.

P – Não? Não levava nada?

P – Mas não costumava levar nada, assim nem, nem umas bolachas, nem vinho, nada disso levavam daqui?

Homem: Não

Mulher: Não

Uma outra mulher fala algo no fundo: Não, no barco, levar para a pesca...

Homem: eu, uma coisa que levava era, uma coisa que levava era um garrafão, um garrafão de vinho de cinco litros. E era só isso. E levava uma caixinha, uma caixa de madeira assim, pronto, era só isso.

(Depois disso interrompi a gravação, a senhora estava preocupada com o jantar e o marido passou só a desabafar...)

Anexo 10 - Transcrição da entrevista número 8

Eulália - 58 anos

P – Boa tarde, obrigada por me receber. Conforme combinados na semana passada hoje gostaria de saber um pouco mais da sua história, como filha de pescador. Quantos filhos seus pais tiveram?

R – Somos em cinco

P - Cinco irmãos?

R – Sim

P – O pai é pescador?

R – Sim

P – E a mãe?

R – A mãe andava a acompanhá-lo também na pesca (...) a minha mãe às vezes também ia ao mar, quando meu pai precisava ou largar uns (não entendi), largar umas redes, a minha mãe também ia.

P – E no tempo que o pai andou no bacalhau, lembra-se de alguma coisa ou não? A senhora é nova pra esse tempo.

R – Não, não. Não me lembro...

P – Só os irmãos mais velhos...

R – Não, a mais velha sou eu, não lembro... Lembro-me que aquilo era uma miséria, e depois o meu pai ia seis meses fora de casa... Nós éramos pequeninos... e então eu não ganhava dinheiro nenhum, eu era muito doente... tinha doenças de ouvidos, de garganta... E meu pai vinha triste porque o pouco dinheirinho que tinha era paga pagar a farmácia, que fiava a nós dos seis meses que lá estava. E minha mãe, trabalhava na lavoura, nós tínhamos uma vaquinha, tínhamos porcos, tínhamos tudo e toda gente em casa trabalhava á ajudar a mãe, porque o pai só quando vinha aos seis meses é que trazia um dinheirinho e o pouco que trazia era para pagar a farmácia para mim , porque eu era muito doente, na época de menina. Então a minha mãe tinha um cordão, todas as irmãs tem um cordão. Então, um dia eu perguntei á ela: “mãe, as suas irmãs têm um cordão, tu não tens cordão?” Ela disse “Não , Maria, para tu estais viva, até o cordão foi. Eu não tenho cordão porque eu dei o cordão á farmácia para pagar a dívida que o teu pai andou lá seis meses e não ganhou nada. E eu então com o cordão, paguei os medicamentos de seis meses. Para ela poderem fiarem outros seis quando o teu pai fosse. E eu dei o meu ouro todo, eu não tenho nada.” Esta vida negra. E então... a minha mãe trabalhava muito, nós ajudávamos, nós tínhamos coelhos, nós tínhamos tudo da lavoura... E então os

meus irmãos pequeninos, cada um fazia uma coisa... Íam as moças ao “cisco”, outros íam dar comidas aos coelhos... Todos trabalhavam, os cinco, ao lado de minha mãe. Quando meu pai vinha, minha mãe tinha sempre alguma coisinha (não entendi). Mas “fominha” foi de morrer que nós passamos. Quando meu pai chegasse, meu pai perguntava: “Vós comestes, meus filhos, comestes bem?” E ela mandava nós dizer: “Comíamos, pai”. Era sempre “migas” de farinha, “migas” de farinha. E comíamos (não entendi). E ainda me lembro da minha primeira boneca, que ele me trouxe, e eu (choro)... dormi com aquela boneca... nunca tive um brinquedo... dormi com aquela boneca agarrada a mim, agarrada á mim, tinha eu dez anos... nunca tive um brinquedo nunca tive nada... Sempre sonhei com uns brincos... nunca tive nada... era uma vida muito difícil, muito difícil. Agora, é com tudo. Meu pai, coitadinho, está doente, porque trabalhou (não entendi). Deu-nos um terreno a cada um, para nós, do trabalho dele, do mar... e depois... Veio pra’qui para o mar, deixou o bacalhau, que não valia a pena andar lá, mas ele andou praí vinte anos. Não havia nada (não entendi). E então ele veio, começou a andar aqui ao mar, e... e a minha mãe com ele, e depois (não entendi) camaradas, comprou um barquinho pra ele, levavamos a vida melhor já tínhamos peixinho para comer, já não nos faltava nada, já era diferente. Ao mesmo tempo que meu pai andou lá (não entendi) até os meus dez anos, porque meu pai depois... ainda foi mais, mais vezes (não entendi) Já tínhamos peixe, já tínhamos... mais gente na casa de lavradores para trabalhar (não entendi) o esterco, como a gente chama... Sabe qual era o meu trabalho com os lavradores (não entendi) Uma giga, com as minhas mãozinhas, é que metia o esterco nos “regos” (não entendi) ali todo o dia, de criança á meter esterco nos regos, para as batatas, para milhos, para tudo. A noite, já trazia um balde de batatas. Ele dáva-nos batatas, dáva-nos cebolas, dávamos umas coisinhas pra nós comermos.

P – Isso era o pagamento?

R – Era o pagamento, não havia dinheiro. Nós íamos por causa de trazer umas batatinhas, umas cebolas e umas coisinhas... Depois, meu pai como veio aqui pro mar... já os meus irmãos... ajudou a criar os meus irmãos, depois eu já tinha uma vida melhor (alguém chega e interrompe a entrevista)

R – (continuação) Foi melhor porque depois o meu pai e minha mãe ajudou a criar os meus irmãos. Porque, a minha mãe ia para os campos, andava todo dia, voltava tarde, e eu tinha cinco irmãos, eu tinha que tomar conta deles! (não entendi) Depois eles faziam cocô no chão, não haviam fraldas, não havia fraldas! Eu andava a limpar o chão, tinha que fazer tudo, tinha que fazer comer eles, comia, fazia, aquilo... Olha... e eu com sete ou oitos anos só chorava. Eu não sabia (não entendi) fazer. Eu tinha que olhar por eles e fazer

tudo... e então os meus irmãos, depois começaram a ir uns para cada lado, foram para a casa das minhas avós, e então minhas avós começaram a ajudar a tomar conta, porque, eu não podia porque era muito fraquinha. E o meu irmão (não entendi) “Ou a minha neta para”, porque eu era a mais velha, dos dois lados, dos dois lados, e eu era muito ‘coisa’ para meus avós. Mas a minha mãe era muito ruim, minha mãe (não entendi). Então o meu avô (não entendi) “ela morre” e (não entendi) com a vassoura (não entendi) e ia todo mundo para a casa dele. Quando meu pai veio do bacalhau, meu avô fez queixa.

P – Era o pai do pai?

R – Pai do pai. Fez queixa e minha mãe não (não entendi) Era uma vida muito triste, muito triste, que a gente passou, muito triste. As vezes a pessoa não é alegre, há coisas que marcam, há coisas que marcam (não entendi). Depois casei nova pra fugir de casa pra fugir daquela prisão.

P – Com quantos anos se casou?

R – Dezesseis, queria fugir de casa. Mas o padre... como a gente era muito longe (não entendi) de parte a parte. Agora é tudo rico, mas no meu tempo, ricas eram as minhas avós, dos dois lados nesta terra. Nós fomos as primeiras pessoas a terem televisor nesta terra. Os meus avós, ricos eram os meus avós, da parte á parte. E então meus avós começaram a se imporem (não tenho certeza) (não entendi) porque a minha mãe e meu pai era muito envergonhados. Podíamos morrer de fome dentro de casa que ninguém sabia. E aí de nós que nós falássemos. E ia aquele segredo que ninguém sabia. Sabia páo, sabia vinho (não entendi).

P – (...) era a erva e assim (ela faz alguns barulhos) fazia assim na erva e lavava os dedos e comia... Olha... era a boca cheia de ‘trampa’, cheia de terra, era tudo (não entendi).

(Alguém fala alguma coisa no fundo.)

R – Não se lavava as mãos, não se lavava as mãos! Comia-se assim, com terra e tudo. Íamos aos nabos , cortávamos o nabo na beirada dos muros, comíamos o nabo com casca e tudo, e a boca (não entendi) a terra. Era tudo bom (não entendi)

Alguém fala ao fundo: Eu vou dizer o que era o nosso comer (não entendi).

Eu aqui vou dizer mais uma (não entendi) era uma pessoa (...): Não havia o comer e minha mãe dizia assim: “Oh Maria, hoje não há comer. Um é pra si, uma faca, e essas pedras (não entendi).” Trazia-se (não entendi), metia pras panelas... Nós comíamos tudo! Outro dia era mexilhões, depois eram ouriços. Nós tínhamos sempre de comer. Sempre o que comer.

Homem ao fundo: Exatamente, é isso tudo... isso que (não entendi) no meu caso (não entendi).